

RENATO LUIZ LAURIS JUNIOR

JOSÉ OITICICA:
reflexões e vivências de um anarquista

ASSIS
2009

RENATO LUIZ LAURIS JUNIOR

JOSÉ OITICICA:

reflexões e vivências de um anarquista

Dissertação apresentada a Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Conhecimento: História e Sociedade.

Orientador: Sérgio Augusto Queiros Norte

ASSIS
2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Uniesp – Faculdade de Guarujá

**L386j Lauris Junior, Renato Luiz, 1974-
José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista / Renato Luiz Lauris
Junior. – 2009
136 f.; 30 cm**

**Orientador: Prof. Dr. Sérgio Augusto Queiroz Norte
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
Ciências e Letras de Assis. Programa de Pós-Graduação em História.**

**1. História Social. 2. História das Idéias. 3. Anarquismo. 4. José Oiticica. I.
Norte, Sérgio Augusto Queiroz. II. José Oiticica: reflexões e vivências de um
anarquista.**

*Ofereço este trabalho a Sônia Oiticica in memoriam
A Ynaiara, Isadora, Renan e a todas as crianças.*

Banca Examinadora

Agradecimentos

Encontros, desencontros, escritas e leituras solitárias, discussões coletivas, a indisciplina e quase irresponsabilidade, amig@s nov@s e velh@s, encontros com a vida e a morte, além de Deus e o Diabo que foram os companheiros, desde o princípio, que acompanharam confecção desta dissertação.

Os sinceros agradecimentos ao apoio, compreensão, paciência, contribuições e contágios são para diversas pessoas, algumas com certeza se perderam na memória, mas nem por isso deixam de serem importantes, de imediato peço àqueles que esqueci as sinceras desculpas.

Pela paciência, compreensão, idéias, discussões, livros, sugestões, bebericos e a grande amizade ao orientador desta pesquisa Prof. Dr. Sérgio Augusto Queiros Norte;

Pela curta convivência, mas pessoas que respeito e considero pelo que e como são, e pela as sugestões e arguementações intelectuais Prof. Dr. César Augusto Carvalho e Prof. Dr. Célia Reis Camargo;

Aos amigos distantes, mas sempre amigos João Mário e Marlene;

Aqueles que mostraram interesse e incentivaram a realização desta pesquisa, e devido a fatores diversos, perdi ou reduzi o contato, mas que foram essenciais para a produção deste trabalho: Renato Ramos, Marcolino Jeremias e Edgar Rodrigues;

Aos professores e diretores pelas diversas escolas que passei até me estabelecer na atual, EE Pastor Jaconias Leite da Silva, além de supervisores e burocratas das Diretorias de Ensino, que me motivaram a escrever capítulo referente à educação;

Aos antigos e novos amigos que através de troca de idéias e-mails e materiais alimentarem as bases teóricas desta pesquisa: Luciano, Marcelo Yokoi, Bozo, Juninho Punk, Daniel Bórba, Arcangela, Fábio Hervaz, Rafael Zanato, Thiago, Silvane, Fabi Serodio, Aran, Amanda, Tácio, Sandra, Del, Leandro Mendes, Rosalba, entre muitos outros;

Não poderia de deixar de agradecer aos meus pais, primeiros responsáveis pela realização deste texto, sem eles o autor não existiria.

As verdadeiras essências da ética residem, pois, na harmonização entre a satisfação dos instintos que nos induzem à conservação da nossa própria existência e os que nos impelem à prática da cooperação na convivência com os nossos semelhantes.

(B. Cano Ruiz, *Tierra y Libertad*)

A formação intelectual é um dever ser, no sentido do sujeito se preparar, pois o saber é o meio de libertação, o instrumento de luta, mais objetivo e preciso ao seu alcance.

(Pedro Catallo)

Se quiserem deter-te, anda; protesta
Se quiserem calar-te; não te assuste
Veneno, espada, cárcere ou canhão.

(José Oiticica)

Sumário

Resumo	05
Introdução	10
Capítulo 1 - Rumo ao anarquismo: A existência de si	21
1.1- A relação familiar	37
Capítulo II – A concepção anarquista de José Oiticica: interpretações de um militante	43
2.1 – O anarquismo de José Oiticica: a presença do indivíduo	47
2.2 – Cenas de um diálogo imaginário	54
Capítulo III – Percursos e experimentações libertárias	64
3.1 – Anticlerical e esotérico	64
3.2 – Contribuição aos operários e o Sindicato dos Inquilinos	83
Capítulo IV - Educação de si: educar é instruir-se	93
4.1 A militância anarquista pedagógica de José Oiticica: solidarizar-se	95
4.2 – Presença de Oiticica nas instituições escolares	102
4.3 – A crítica à escola ou a desobediência como método pedagógico	113
Conclusão	125
Bibliografia	127

Resumo

Ao pesquisarmos a extensa historiografia sobre o movimento operário brasileiro da Primeira República encontra-se a forte e marcante presença dos militantes anarquistas junto aos trabalhadores, entre eles José Oiticica. Destacado ativista que em sua produção, seja ela militante ou acadêmica marcou sua presença nos espaços tanto acadêmicos como operários. Trabalhando com a historiografia mencionada e os poucos trabalhos dedicados a José Oiticica, mas, sobretudo, usando como fontes os artigos escritos pelo mesmo tentamos reconstruir a trajetória de Oiticica. Destacamos sua descoberta do anarquismo, a discussão sobre as suas relações sobre a ciência em sua época, as suas relações com o misticismo e finalmente sua atuação e reflexão pedagógicas.

Palavras-chaves: José Oiticica, anarquismo, ciência, misticismo, educação.

Abstract

Researching the historiography on workers movements during the Brazilian First Republic (1889 – 1930) one finds the strong and remarkable presence of anarchist militants among the working classes and amongst them José Oiticica. Highlighted activist that in his intellectual efforts may it be anarchist or academic marked his presence both in the academic and labour environments. Using the above mentioned historiography and the few researches about José Oiticica and above all his articles as sources in the effort to reconstruct his itinerary. Highlighting his discovery of anarchism, the debate about science at his time, his relations with mysticism and finally his pedagogical activities and thoughts.

Key-words – José Oiticica, anarchism, science, mysticism, education.

Introdução

Contingências e fatores externos, nas mais diversas formas – espaços, leituras, vivências, conquistas, decepções – podem resultar em impactos inusitados sobre as pessoas. Em José Oiticica, encontramos um indivíduo que desde muito cedo, da sua infância até o final de sua vida exaltava a rebeldia. Vida dedicada ao confronto contra as inúmeras formas de manifestação do poder, contra o autoritarismo existente e persistente nos múltiplos domínios da vida social e política; opção por um viver contrário ao *status quo*, a busca por um caminho que visasse principalmente o respeito por si mesmo, a prática de uma arte de sua existência em que *o ter cuidado consigo, é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática*¹.

Ser o poeta de sua própria vida, essa a alternativa desenvolvida por Oiticica, vivência transmitida e percebida em seus escritos como exposição estética de seu espírito, escritos em que se utiliza dos vários conhecimentos, sustentado em suas várias leituras somado as lembranças, as invenções vividas para expressar seu ideal libertário². O papel e a tinta se fundem, se incorporam, tornando-se armas no embate a seus desafetos e em sua incansável busca pelo ampliar horizontes através da propagação, distribuição de suas idéias não com intuito de criar clones seus, mas de recomendar que o cuidar de si seja praticado por todos, a todo tempo, durante a vida toda. Elemento infame, *homem confrontado ao Poder, intimado a falar e a se mostrar*³, em que a sua própria ausência mostra perigo a ordem vigente, como, por exemplo, nos mostra o jornal anarquista *A Plebe*, no ano de 1919, quando Oiticica voltava de Alagoas local em que se encontrava durante seu primeiro exílio político, em razão de ato insurrecional de 1918 no Rio de Janeiro:

¹ FOUCAULT, M. *História da sexualidade v. 3: O cuidado de si* – Rio de Janeiro; Graal, 1985. p. 49.

² “uma vez que o demônio é um poder que engana e que faz com que nos enganemos sobre nós mesmos (...) a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à .luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo”. Vem em FOUCAULT, M. *A escrita de si* – Em: _____ *O que é um autor?* – Alpiarça; Veja Passagens, 1992. p. 131

³ DELEUZE, G. *Conversações* – Rio de Janeiro; Editora 34, 1992. p. 134

O camarada José Oiticica não tinha tomado até então parte em nenhuma reunião dos anarquistas alagoanos, mas nem por isso deixou de aparecer no noticiário dos jornais da terra.

No bolso de um operário a polícia encontrou uma carta firmada por ele e dirigida a Octávio Brandão, recomendando a este que prosseguisse na campanha em prol do ideal anarquista.⁴

Homem de intenso conhecimento, reconhecido intelectual de sua época, que abandonou dois diplomas acadêmicos: Direito e Medicina, entregando-se posteriormente a prática do magistério. Com o passar do tempo e a rebeldia persistente, manifestada em inquietantes reflexões sociais, o pensar como conflito consigo próprio, o não render-se ao estabelecido e ao instituído, a sua ação autônoma e de livre pensamento o levam ao susto *o maior assombro da minha vida foi haver descoberto que eu era anarquista, quando supunha as minhas idéias novas*⁵.

Idéias que acabam por constituir-se em uma atitude comportamental de Oiticica, formas embebidas de vida, desenvolveram-se *em procedimentos, em prática e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais*⁶, viver construindo numa troca de conhecimentos e na elaboração de sua própria existência. Um viver como combate, ações de força, o refletir e agir, atuar como uma máquina de guerra: *no momento em que alguém dá um passo fora do reconhecível e do tranquilizador, quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas, caem os métodos e as morais e pensar torna-se, como diz Foucault, um 'ato arriscado', uma violência que exerce primeiro sobre si mesmo*⁷. O caminhar no irreconhecível, no caminho oposto à trama vigente, é transformar o viver em um exercício permanente da criação do eu:

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre os livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor (...) trata-se de um longo trabalho de reativação dos princípios gerais e de argumentos racionais que persuadem a não deixar-se irritar com os outros, nem com os acidentes, nem tampouco com as coisas.⁸

⁴ Uma carta de Oiticica A *PLEBE* – São Paulo, nº 10, 26.04.1919.

⁵ OITICICA, J. As causas do crime: Carta aberta ao dr. Silva Marques – *Na Barricada* - Rio de Janeiro, 02.09.1915.

⁶ FOUCAULT, M. *História da sexualidade v. 3: O cuidado de si* – Rio de Janeiro; Graal, 1985 p. 50

⁷ DELEUZE, G. *Conversações* – Rio de Janeiro; Editora 34, 1992. p. 128

⁸ FOUCAULT, M. *História da sexualidade v. 3: O cuidado de si* – Rio de Janeiro; Graal, 1985 p. 56 – 57

Compreender a militância e o viver anarquista de Oiticica, através de memorialistas e companheiros, além do próprio protagonista em sua voz e escritos publicados nas imprensas operária e anarquista e também na grande imprensa, como no jornal *Correio da Manhã*, periódico em que foi colaborador e articulista, permanente, durante o período de 1921 à 1927, mas sendo colaborador desde 1918, principalmente com polêmicas⁹. A militância e o viver de Oiticica se confundem em seus artigos em que notamos o construir de sua realidade, a sua concepção de mundo associada a seu estilo de vida, viver como artista, ou seja, fazer de sua existência uma obra de arte.

José Oiticica inicia intensa militância junto ao movimento libertário a partir de 1912, após o contato com leituras ácratas e a aproximação com militantes anarquistas na Liga Anticlerical no Rio de Janeiro, desde então exerce ativa colaboração, seja de forma oratória, através de conferências, cursos, debates, seja por meio da escrita, em diversas publicações, incansável desenvolverá esta ação até o ano de 1957 quando faleceu.

Erudito e dedicado leitor, demonstrava em suas exposições a preocupação de que suas idéias fossem transmitidas de uma forma compreensível para seus ouvintes e leitores, membros de diferentes classes sociais, a ação discursiva deveria ser um exercício pedagógico estético, em que o ouvinte e o leitor pudessem compartilhar das reflexões do expositor:

Pensar deve ser, antes de tudo, criação esthetica. Pensamento sem beleza não dá pensamento: é, no máximo, um pouco de verdade proferida por um sábio; é possibilidade, massa para um 'fiat, pedra para um camafeu.

Por isso vale tanto a Idea quanto a phrase. Um pensamento encaixado em phrase troncha ou aspera, soffre; os ouvidos apurados ouvem-no chorar. Ao contrario, um pensamento fragil, embutido numa phrase limpida, canta e reza. Os grandes pensamentos, encastoados em periodos lapidares, são sêres vivos, têm sangue e lymph, respiram, falam, movem-se e commovem¹⁰.

⁹ “o ‘*Correio da Manhã*’ sempre acolheu as colaborações dos mais diversos representantes das ideologias políticas e sociais. Nunca o “*Correio*” tomou uma posição dogmática contra essa ou aquela tendência. Ao contrário, vários elementos de esquerda colaboraram com o jornal. O José Oiticica, durante muitos anos, colaborou, defendendo os seus pontos de vista. E o “*Correio*” não era anarquista, pelo contrário, era contra o anarquismo, que achava uma utopia”. Entrevista concedida por Edmundo Moniz, ex-redator e articulista do jornal *Correio da Manhã* à Folha de São Paulo em 12 de janeiro de 1979 – Ver em: Folha de São Paulo Almanaque. (Fonte: http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_8.htm - último acesso em 15.06.2007)

¹⁰ OITICICA, J. Culto á forma – *Correio da Manhã*, 03/12/1921

Para Oiticica as idéias transmitidas devem ter vida, devem ser sentidas, devem alcançar os indivíduos como um toque, não apenas palavras, as idéias possuem em si a essência humana, as características não apenas ideológicas, mas também existenciais de seu autor. Para o militante anarquista *para que uma idéia mais ou menos geral possa surgir das massas no dia da conflagração, não esqueça de expor sempre nosso ideal de sociedade, que deve surgir da revolução (...)* Teoria e prática devem ser apenas uma, se quisermos ter êxito¹¹.

Oiticica reconhece a importância da leitura para reunir, concentrar e para orientar suas reflexões, os escritores e diversos autores clássicos são os mediadores do passado com o presente, ele compreende o acesso aos clássicos não como modelo a ser seguido, mas sim refletido

Longe de mim querer voltar ao puro classico (...) o que sustento é o fundo classico da forma literaria, seja qual for. As leis classicas são as primitivas, as fundamentaes, o vigamento grosso do edificio, seus alicerces petreos. Todas as reformas, e a architettura o prova, são alargamento, modificações de linhas classicas.

(...)

Bemvidos pois os poetas onde culmina a preocupação da forma estreme, singellissima como a dos velhos ou pomposa como a dos românticos e parnasianos. Pompa não quer dizer, entenda-se, desperdício de palavras na vacuidade da idéia, mas a riqueza com medida, o luxo no gosto, a sumptuosidade no aprumo e na linha, o arabesco e a cathedral gotica¹².

Reconhecendo a necessidade fundamental para decifrar e alterar as circunstâncias de sua época, Oiticica dedicou intensa colaboração e propagação dos ideais ácratas através de expressões orais e escritas, sua atuação enquanto orador ocorreu em diversos espaços e locais, tanto no Rio de Janeiro como em cidades e bairros que a circundavam. Palestrou e debateu em Ligas Operárias, na Liga Anticlerical, Sindicatos, Centro de Estudos, entre outros, viajando para a realização de conferências e vivências junto a militantes e operários de várias localidades. Porém é com a escrita que divulga o pensamento e teoria libertárias nacional e internacionalmente e tal qual Prometeu levar o fogo aos humanos, no seu caso, a chama libertária objetivando a formação de individualidades anarquistas, isto é, o ser humano não considerado isoladamente na coletividade, na comunidade de que faz parte.

¹¹ KROPOTKIN, P. *Palavras de um revoltado* – São Paulo;Imaginário, 2005. p. 229

¹² OITICICA, J. Culto á forma – *Correio da Manhã*, 03/12/1921

Segundo Arnoni Prado:

(...) as tarefas do “escritor rebelde”, em geral esboçadas “entre o caos e a revolta”, só produzem efeito se atreladas aos três princípios básicos da chamada “arte em situação”, que buscavam abrir a realidade à compreensão de todos, expor concretamente as causas de suas contradições e oferecer ao homem comum os dados necessários à sua inserção positiva na luta pela transformação da ordem social adversa¹³.

O escritor rebelde, agindo como o poeta, “entre o céu e o inferno”, um interpretar a coletividade humana enquanto fragmentos do Universo:

Os poetas pagãos e cristãos esperavam tudo da divindade, e a vida era apenas a luta para conseguir a felicidade futura segundo a vontade dos deuses. O sofrimento era consequência da cólera celeste. A felicidade, uma recompensa divina. O poeta novo encara a vida como um acidente dos ciclos evolutivos do universo, subordinada a fatalidades físicas, entende a humanidade como um fragmento vivo do universo, que no universo houve os seus meios de subsistência e que para o universo volve átomos dispersos. Sobre tudo isso, o sofrimento como mal relativo, a felicidade como um bem relativo e, entre os dois, a dúvida como estímulo para aprofundar o desconhecido¹⁴.

Para Oiticica uma escrita que dessa forma ao pensamento era necessária para o melhor entendimento do leitor:

Hoje, mais do que nunca, procura-se em poesia crystallizar o pensamento. Nossa fórmula deve ser: a Idea grande na fórmula perfeita. Haja brilho, cor, multisonancia, movimento, mas, dentro disso, pensamos ou o que sentimos pensando. O romantismo era o *eu* sentimental manifestando-se; a tendencia actual e manifestar-se o nosso *eu* pensante, integrado no universo, sondando-lhe o destino e o destino das creaturas. Extasiemo-nos, como Heredin perante a natureza e os feitos humanos, sintamos-lhes o heroismo e a formosura, mas sejamos, dentro das coisas, o espirito que vê, ou tenta ver. Na treva circunstante tenhamos sempre accessa a lampada symbolica¹⁵.

Desta maneira, a linguagem compreensível torna-se instrumento para a desmistificação dos mecanismos de poder, sendo assim Oiticica antecede a muitos anos a visão de Chomsky quando a responsabilidade intelectual, ou seja, como um agente moral é dizer a verdade *sobre assuntos de significância humana para um público que*

¹³ PRADO, A. A. *Trincheira, palco e letras* – São Paulo; Cosac & Naify, 2004. p. 135

¹⁴ Carta de José Oiticica a José Verssimo', 1915. (manuscrito) *apud* VENTURA, T. *Nem barbárie, nem civilização!* – São Paulo; Annablume, p.2006. p. 39.

¹⁵ OITICICA, J. *Idem*.

*pode fazer alguma coisa a respeito*¹⁶, tratar os diversos temas de uma forma compreensiva em que a oratória e a escrita seja feita *com* o público e não *para* o público.

Historiografia do anarquismo brasileiro e José Oiticica

A história do anarquismo no Brasil é muito extensa. Desde a experiência comunista libertária da Colônia Cecília, fundada no estado do Paraná em 1889¹⁷, até nossos dias muitos movimentos ácratas ocorreram no decorrer de nossa história.

A Universidade tendo o anarquismo como temática, vem realizando uma extensa produção de dissertações de mestrado, teses de doutorado e algumas publicações editoriais apresentando as diversas faces da atuação anarquista em território brasileiro: suas lutas pacíficas ou violentas, manifestações coletivas ou individuais, tentativas organizacionais. Pesquisou-se periódicos anarquistas, obras literárias, apresentações teatrais, experiências educacionais, cooperativas, experiências comunitárias, atuações sindicais, entre outros aspectos da prática libertária¹⁸. Entre estas pesquisas inclui-se algumas biografias de personalidades libertárias como Maria Lacerda de Moura¹⁹, Astrojildo Pereira²⁰, Oreste Ristori²¹, Avelino Fóscolo²² e Edgar Leuenroth.²³

Vasculhando a vasta bibliografia referente ao movimento operário brasileiro, especificamente as primeiras décadas do século XX, podemos perceber a importante participação dos anarquistas junto ao operariado, em seu processo organizacional nas mais diversas reivindicações:

¹⁶ CHOMSKY, N. Escritores e responsabilidade intelectual – em: _____ *Os caminhos do poder* – Porto Alegre; Artmed, 1998. p.70.

¹⁷ Conferir em MELLO NETO, C. *O anarquismo experimental de Giovanni Rossi*, 2. Ed. – Ponta Grossa; UEPG, 1998.

¹⁸ Allyson Bruno Viana realizou pesquisa sobre a historiografia anarquista produzida no Brasil, expondo as diferentes abordagens tratadas dentro deste tema, transcorrendo o período de 1980 a 1989, sem deixar de mencionar as obras produzidas em período anterior. Essa pesquisa serve como referencial, um guia bibliográfico para os futuros pesquisadores sobre a temática anarquista. Conferir em: VIANA, A. B. *Historiografia da atuação libertária: a produção dos anos 1980* – Ceará; Dissertação de mestrado em história social; UFC, 2002.

¹⁹ LEITE, M. L. M. *A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura* – São Paulo; Ática, 1984.

²⁰ FEIJÓ, M. C. *Formação política de Astrojildo Pereira (1890 – 1920)* – Belo Horizonte; Oficina de Livros, 1990.

LENA Jr., H. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917 – 1922)* – Vassouras; Dissertação de mestrado em História Social do Trabalho; Universidade Severino Sombra; 1999. Vale lembrar que em 1922 Astrojildo abandona a militância anarquista e funda junto a outros companheiros o Partido Comunista do Brasil.

²¹ ROMANI, C. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista* – São Paulo; Annablume/Fapesp, 2002.

²² DUARTE, R. H. *A imagem rebelde* – Campinas; Pontes, 1991.

²³ KHOURY, Y. A. *Edgar Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória emilitancia anarco-sindicalistas* – São Paulo; Tese de doutorado em Sociologia; USP, 1988.

(...) a negação e o repúdio a toda forma de autoridade, a ênfase na autonomia individual e comunitária, a necessidade de abolir o Estado, o anseio por uma sociedade não autoritária, a importância da educação, o rechaço ao patriotismo e ao militarismo, a condenação da influência nefasta da Igreja²⁴.

Estes indivíduos destacaram-se nos vários locais em que ocorreram as diversas manifestações sociais – em sindicatos, centros de estudos sociais, associações de classes, etc. – sempre aparecendo de maneira marginal nas diversas publicações, além de teses e dissertações, referentes à história social e cultural. Pesquisas biográficas produzidas na Universidade acabaram por tirar do anonimato estes sujeitos, transformando-os de figurantes em protagonistas, segundo Levillain:

(...) a história social, por mais impregnada que estivesse do coletivo, lhe deu, a partir dos anos 70, uma dimensão nova, buscando-a como rastro expressivo dos meios sociais silenciosos no indivíduo ‘para devolver a palavra àqueles que foram privados dela’ quando o ‘Eu’ tinha chance de não ser mais ninguém.²⁵

As inúmeras biografias de militantes ácratas nos apontam métodos formas de ação junto aos grupos que se situavam e atuavam nas divergentes formas de manifestação, seja através da arte (literatura, teatro, poesia, música), ações estas que se estendem nas práticas de solidariedade, sendo este o ato de avanço rumo à vitória de uma Revolução social. Colocar a própria vida em risco para salvar a de outro; oferecer espaço de suas casas para os que não tinham destino ou mesmo para os que eram perseguidos pela lei; abrindo suas residências para reuniões de grupos e coletivos militantes, além de servirem enquanto espaços para a educação dos operários e dos mais necessitados; contribuindo financeiramente e através de conferências e palestras visando fundos para abrir novos espaços de propaganda como Centros de Estudos, publicação e circulação de jornais, além de localidades que serviriam para a realização de saraus, apresentações teatrais, entre outros, sendo o realizar de uma convivência preparatória para a sociedade vindoura, a sociedade ácrata esperada, notamos assim uma revolução cotidiana em que a vida privada se confunde com a existência social²⁶.

²⁴ VALLADARES, E. *Anarquismo e anticlericalismo* – São Paulo; Imaginário, 2000.

²⁵ LEVILLAIN, P. Os protagonistas: Da biografia – em: RÉMOND, R. *Por uma história política* – Rio de Janeiro; UFRJ, 1996.

²⁶ ROMANI, C. Oreste Ristori: uma aventura anarquista – São Paulo; Annablume/Fapesp, 2002. p. 115.

Os primeiros escritos sobre José Oiticica aparecem em textos necrológicos escritos por intelectuais, companheiros de profissão, de vivências distantes da que mantinha em sua militância. Estes deram principal atenção sobre sua erudição, sua capacidade intelectual, reconhecendo sua intensa capacidade intelectual, como nas palavras de Cândido Jucá:

Foi um dos maiores sábios que conheci na minha vida. Eram-lhe familiares as humanidades, conhecia história, filosofia e filologia como poucos, entendia-se em matemática, e em medicina. Em línguas, não somente cultivou com escrupulo o português, como ainda ensinou, além dessa, o francês, o latim e o grego. Sabia o alemão, que praticou em Hamburgo, quando por lá demorou; e útilmente pelo russo. Lia muitos outros idiomas. Traduziu livros do francês, do castelhano e do alemão²⁷.

Os escritos tratando do ativista anarquista muitas vezes são ocultados por estes intelectuais, deixando que os militantes ácratas descrevam o militante José Oiticica, relembando sua atuação e colaboração junto ao movimento em que atuou, as páginas de *Ação Direta*, jornal criado por nosso protagonista, inicialmente em 1929 e retomando em 1946, aparecem os primeiros indícios sobre sua militância:

(...) viveu e sofreu lutando sempre, sem medir sacrifícios para combater os erros de uma sociedade cruel e egoísta, que vive para o mal, semeando por todo o mundo com as suas injustiças, a dor, a morte e a desesperação. Contra esta sociedade êle lutou até a morte deixando-lhe, como herança, a sua obra-prima no terreno sociológica: “A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos”²⁸

Seguem-se cartas do exterior e de território nacional relembando o militante anarquista, escritos que se desdobram nas páginas de *Ação Direta*, jornal fundado por José Oiticica, com a primeira tiragem no ano de 1929, retomando o jornal em 1946, são correspondências recebidas pelo coletivo editorial, tanto do território nacional como em missivas internacionais, relembando e considerando o ativismo de seu finado editor.

Os primeiros escritos em obras bibliográficas decorrem de antigos colaboradores deste aperiódico, protagonizando José Oiticica, numa escrita próxima dos laços de afetividade e memorialista, mas descrevendo suas vivências e experimentações. Textos

²⁷ JUCÁ FILHO, C. José Oiticica – em: OITICICA, J. *Curso de literatura* – Rio de Janeiro;Germinal, 1960. p. 27 – 28. (Publicado originalmente em *Para Todos*, Rio, 2. quinzena de julho de 1957)Roberto das Neves organizou uma antologia de textos necrológicos na primeira parte do livro mencionado, em que vários artigos escrito pela intelectualidade brasileira pode ser encontrada.

²⁸ PERES, M. Oiticica, um anarquista exemplar – em: *idem*. p. 39 – 40. (Publicado originalmente em *Ação Direta*, Rio, julho de 1957)

curtos, mas referencias iniciais para sua biografia como nos artigos de Roberto das Neves, “*Biografia Dêste Livro*” de 1960 e “*José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil*” de 1970, o primeiro introdução para o livro *Curso de Literatura*²⁹, de José Oiticica, descrevendo as dificuldades para a publicação deste livro devido a imagem infame de José Oiticica; e o segundo uma rápida biografia de vida descrevendo esparsamente suas várias características: intelectual, militante, vegetariano, mística, etc., sendo introdução para a antologia organizada pelo próprio Roberto das Neves de vários artigos publicados por Oiticica, tendo maior numero os artigos publicados no jornal *Ação Direta*, nome dado também a esta coletânea³⁰.

Edgar Rodrigues, historiador autodidata, memorialista e arquivista da história dos movimentos sociais do Brasil e Portugal que também conviveu com José Oiticica e colaborou com artigos no referido jornal, menciona nosso protagonista em várias de suas obras, em alguns momentos como capítulos de livros em outros como agente histórico junto a uma coletividade³¹, em seu livro “*Os libertários*”, em que descreve curtas biografias de José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco e Fábio Luz, no texto referente à nossa personagem expõe intensa correspondência trocada entre Oiticica com militantes e familiares, inclusive no período em que esteve preso, entre 1924 e 1925, nos apresentando através desta uma fusão e interação da vida privada e cotidiana mesclada com sua militância.

Nos textos acadêmicos, Oiticica é inserido de forma dispersa, assim como diversos militantes, inseridos nas mobilizações e organizações operárias. Suas “biografias” surgem seguindo a idéia de compreender o papel deste “líder” em uma concepção pessoal, mas sem abandonar o coletivo, compreender as razões que levam o militante a aderir determinada ideologia e as suas reflexões e conclusões em determinado período e situação. Dissertações de mestrado como de Kamel, “*José Oiticica: um anarquista brasileiro*”³² buscando através da análise do discurso dos

²⁹ NEVES, Roberto das *Biografia Dêste Livro* – in: OITICICA, J. *Curso de Literatura* – Rio de Janeiro; Germinal, 1960. (p. 05-12)

³⁰ NEVES, R. das *José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil* – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 7 – 39

³¹ São inúmeras as obras de Edgar Rodrigues mencionando a atuação de José Oiticica, recomendamos as seguintes obras: *Socialismo e Sindicalismo no Brasil* – Rio de Janeiro; Laemmert, 1969; *Nacionalismo e Cultura Social* - Rio de Janeiro; Laemmert, 1972; *Novos Rumos* – Rio de Janeiro; Laemmert, s/d; *A Nova Aurora Libertária* – Rio de Janeiro; Achiamé, 1992; *Entre Ditadura (1948-1962)* – Rio de Janeiro; Achiamé, 1993. (p. 131-134); *Os Libertários* – Rio de Janeiro; VJR, 1993; *Lembranças incompletas* – Guarujá; Opúsculo Libertário, 2007.

³² KAMEL, D. J. N. *José Oiticica: um anarquista brasileiro* – Rio de Janeiro; UFRJ, dissertação de mestrado em História Social, 1997.

artigos de José Oiticica, com a intenção de focalizar o anarquismo no contexto nacional; e de Ventura, editado em livro “*Nem Barbárie, Nem Civilização*”³³, em que traçando o ambiente intelectual e de remodelação do Rio de Janeiro descreve José Oiticica, como elemento entre a barbárie e a civilização, na sua atuação enquanto poeta parnasiano e militante anarquista, deslocando-se entre os diversos ambientes sociais, descrevendo-o enquanto sujeito ímpar.

Mais recentemente, Figueira, em tese de doutoramento, *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista*³⁴ que dando ênfase maior ao papel educacional de Oiticica, busca situar esta atuação nos diversos e diferentes espaços em que atuou e vivenciou suas experimentações: descrevendo sua postura anarquista e humanista nestas localidades.

Somam-se a estas produções acadêmicas artigos curtos, em coletâneas ou revistas mencionando a contribuição de José Oiticica no cenário militante nacional como nos artigos de Samis: *Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos*³⁵, escrita individual contida em coletânea sobre a história dos movimentos de esquerda no Brasil, apresentando rapidamente a atuação de dois militantes libertários, sendo a trajetória de Oiticica descrita até 1925, e em conjunto com Lopes o artigo *José Oiticica: notícias de um professor libertário*³⁶, em que narra um período mais longo as experimentações do militante Oiticica.

Arnoni Prado delimita a colaboração de José Oiticica com o teatro social e as práticas do teatro nas vivências pedagógicas, tendo o teatro grego, principalmente as peças de Aristófanes como referências em suas aulas para uma prática de conscientização libertária de seus alunos, no seu artigo PRADO, A. A. *Elucubrações dramáticas do professor Oiticica*.³⁷

Biografias ou fragmentos de uma existência que em diversos contextos ainda se encontram incompletas, deixando espaços para novas expectativas e considerações. Soma-se mais uma, complementando “brechas” deixadas pelas anteriores, deixando

³³ VENTURA, T. *Nem Barbárie, Nem Civilização*- São Paulo; Annablume, 2006.

³⁴ FIGUEIRA, C. A. R. *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista* – São Paulo; PUC, tese de doutoramento em educação, 2008.

³⁵ SAMIS, A. *Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos* - em: FERREIRA, J. & REIS FILHO, D. A. *A formação das tradições (1889-1945)* – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2007. p. 89 - 111

³⁶ _____ & LOPES, M. José Oiticica: notícias de um professor libertário – em: *Letralivre*, n. 49 – Rio de Janeiro; Achiamé, 2008. p. 31 – 42.

³⁷ PRADO, A. A. *Elucubrações dramáticas do professor Oiticica*” – in: _____ *Trincheira, palco e letras* – São Paulo; Cosac & Naify, 2004. p. 153

ainda espaços vazios para serem preenchidos por futuros pesquisadores, alguns pontos se repetem, o escritor, o pesquisador, descreve o que lhe intriga, lhe completa, entre os encontros das biografias e de escritos dispersos, mentiras, louvações, embates, atritos se fundem, mistura decorrente do interesse e desejo do pesquisador, eis o motivo da incompletude de toda pesquisa.

O texto que segue visa compreender as interpretações, indagações e considerações de um intelectual militante diante de seu tempo, o desmistificar os mitos coercivos e liberticidas, de buscar resposta para qual o papel de um intelectual junto a militância anarquista e as suas perspectivas para a formação de um mentalidade social libertária.

Pesquisa dividida em quatro partes:

No primeiro capítulo busca-se acompanhar sua formação intelectual e o encontro com o ideário ácrata, e também no mesmo capítulo compreender a sua relação com sua família, inclusive em momentos tensos como os das prisões.

O capítulo segundo dividido em duas partes, utilizando de seus escritos busquei compreender como Oiticica interpreta a ação do indivíduo no conjunto social, tendo nosso protagonista, certamente, como referência o cientificismo de Kropotkin e, em seguida, através da confecção de um diálogo imaginário com o liberal Silva Marques, como Oiticica compreendia a questão social.

O terceiro capítulo descrevo a atuação de Oiticica junto ao movimento anticlerical, seus questionamentos ao catolicismo enquanto órgão de controle moral e disciplinar e a contraponto seus conceitos místicos decorrentes de seus estudos esotéricos. Segue uma segunda parte descrevendo os trajetos que percorreu propagando as idéias libertárias para o operariado e a tentativa da criação de um Sindicato de Inquilinos.

O quarto capítulo dedicamos a sua atuação enquanto pedagogo, esquematizado em três partes, descrevemos sua compreensão anarquista da pedagogia e a sua colaboração em diversos espaços visando a formação e a valorização cultural das diversas camadas sociais; segue sua atuação no Colégio Pedro II, órgão estatal, e que lecionou do ano de 1916, até sua aposentadoria compulsória, em que buscamos “visualizar” seus métodos junto aos seus alunos, suas críticas e perspectivas; encerrando o capítulo com sua crítica a escola tradicional e propostas para um melhor desenvolver educacional.

Capítulo I - Rumo ao anarquismo: A existência de si

*Essa invisível Causa, que eu procuro
Nos meus tormentos de meditação,
Inda é o mesmo problema, ingrato e obscuro.
Que atormenta homens bons desde Platão.*

*Esse maldito sonho, por ser puro,
- Apurado na dor – é sonho vão:
E irá semeando dores no futuro...
Pobres dos sonhadores que virão!*

*Ai de mim! que, entrevendo o atroz problema,
Me pús a reflectir e a meditar,
Descobridor da solução suprema.*

*Fiquei na horrível noite deste mar,
Ouvindo a dupla voz do meu dilema,
Incapaz de afirma e de negar.*

(José Oiticica – Sonetos, 2. Série)

José Rodrigues Leite e Oiticica nasceu em Oliveira, interior de Minas Gerais, em 22 de julho de 1882, época em que seu pai ali exercia o cargo de promotor público, seguindo depois para Alagoas, terra de seus familiares. Ainda criança migrou para o Rio de Janeiro, local em que inicia sua vida escolar. Sua formação educacional mostra-se bastante intensa, segundo o relato de seu companheiro o memorialista Roberto das Neves:

Com seis anos de idade, iniciou os seus estudos no internato do Colégio de São Luís Gonzaga, em Petrópolis, prosseguindo-os no Seminário Arquidiocesano de São José. Dêste último foi expulso por ter-se rebelado contra um padre-mestre que, de conformidade com as tradicionais doutrinas pedagógicas da Igreja, lhe aplicara ‘bolos’. Transferiu-se então para o Colégio Paula Freitas, no Rio, onde com apenas 15 anos, concluiu os preparatórios (...)

Movido por leitura sociológicas, enveredou, porém, pelo direito, matriculando-se na Faculdade de Ciências Jurídicas do Recife, e depois, na de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Nesta última, obteve distinção em todo o curso, que concluiu em 1902. ao cursar, porém, a cadeira de medicina legal, no quarto ano,

compreendeu a necessidade de estudar ciências naturais, pelo que resolveu matricular-se na Faculdade de Medicina, cujo curso efetuou, com intervalos, até o 4º ano.³⁸

Período em que a educação dos seminários se alongava em intermináveis rezas *Missa todo dia. Padres-nossos, aves-marias, salve-rainhas, dez vezes por dia*³⁹, e a severidade dos padres pedagogos, tal severidade foi vivenciada também pelo escritor Lima Barreto não estudando em seminário, mas no Liceu Popular Niteroiense, considerada uma das melhores escolas de seu tempo e freqüentado pela elite carioca, onde cursou o secundário e parte do ensino suplementar até o ano de 1894, experiência em que apresenta um local sisudo e frio, onde a posição autoritária dos professores era humilhante, como no caso do professor Frutuoso, ex-seminarista e que não chegara a se ordenar, mas lecionara naquele colégio, assim descreve Lima Barreto:

O “Padre” Frutuoso não admitia brincadeiras na aula. Quer nas de Francês, quer nas de Latim. Dirigia-se aos alunos com severidade:
- Sente-se aí, menino!
- Estou sentado, professor – dizia o aluno, arregalando os olhos de espanto.
- Está sentado, hein? Os macaquinhos também sentam. Os bichinhos também sentam. Mas não como os meninos bem educados devem sentar-se. Sente-se direito.⁴⁰

Exemplo que parece não estar distante do colégio e seminário em que estudara José Oiticica. Locais em que manifestam-se traços de rebeldia, de inquietude, rejeição em ceder a mão à palmatória, o que resultou na fuga do seminário juntamente com seu irmão Chiquito, ato que teve a compreensão e concordância do pai Francisco de Paula Leite e Oiticica, pois o mesmo achou abusivo a decisão tomada pelo padre:

- Muito bem! Agiram bem! Apanhar de palmatória?⁴¹

³⁸ NEVES, R. das José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 8

³⁹ FREYRE, G. *Ordem e progresso* – Rio de Janeiro; José Olympio, v.1 p.177 *apud* FEIJÓ, M. C. *O revolucionário cordial* – São Paulo; Boitempo, 2001. p. 38

⁴⁰ BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto*, 6º ed. – Rio de Janeiro; José Olympio, 1981. p. 42

⁴¹ Depoimento cedido por Sônia Oiticica, filha de José Oiticica, ex-atriz de teatro e televisão que faleceu recentemente em 26 de fevereiro de 2007 “Morreu aos 88 anos a atriz Sônia Oiticica, antontem às 15 horas, no Hospital Regional Sul, em Santo Amaro, onde estava internada desde o dia 16 por causa de uma fratura no fêmur, provocada por uma queda em sua casa.” – E.S.P, 28/02/2007 (Caderno 2) Este depoimento foi obtido em encontro e conversação com Sônia Oiticica realizado na tarde de terça-feira do dia 16 de janeiro de 2007. estiveram presentes para neste encontro Renato L. Lauris Jr., Sérgio Norte e Marcolino Jeremias.

Indisciplina que se manifestará em tempos vindouros, como instrumento de reflexão inquietando Oiticica na sua trajetória intelectual orientando-o em sua construção, perturbando-o na academia no estudo de Direito e Medicina. Ato de insubordinação, de confronto com a norma estabelecida, as regras impostas, os castigos e as regras rebelaram o pequeno aluno.

No collegio e mesmo na academia fui sempre tido por insubordinado, embora bom estudante. Porque? Porque não me sujeitava ao regime do silencio e da lição marcada, e nunca aceitei sem protesto opiniões absurdas de mestres. Queriam uniformizar-me e os castigos longe de me amolgarem, levaram-me, de revolta em revolta, á expulsão⁴².

Aos conhecimentos obtidos nas diversas instituições educacionais, podemos incluir aqueles inicialmente, adquiridos no seio de seu lar, seu pai era um intelectual reconhecido *formado em Direito, teatrólogo ... , folclorista*⁴³, que escreveu *um livro sobre as rendas no Nordeste, a pedido de Gilberto Freire*⁴⁴, além de poliglota, inclusive conhecendo fluentemente o grego e o latim, conhecimento e saber reconhecidos pelo jovem José:

Meu pae, ex-senador, aposentado da politica pela selecção inversa das democracias, é financista-nato. Sempre me dizia que nos livros fora apenas apurar o que de intuição lhe viera. As maranhas mais emmaranhadas, deslindava-as elle aos meus olhos neophytos, com presteza e simplicidade raras. Confesso, todavia, por vergonha delle, que o filho não herdou a facilidade de apprehensão. Muita coisa nunca percebi, comquanto fosse eu propenso aos logagryphos e jogos de paciencia.⁴⁵

Francisco Leite e Oiticica senador pelo estado de Alagoas durante a Constituinte de 1891⁴⁶, como os indivíduos de sua época era dedicado leitor, possuindo uma

⁴² Na Barricada *Quarta carta ao dr. Silva Marques*, nº 18 – Rio de Janeiro, 07.10.1915.

⁴³ Ver em SOUTO MAIOR, M. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros* - extraído do sitio: <http://www.soutomaior.eti.br/mario/> (último acesso em 26/04/2007)

⁴⁴ VENTURA, T. *Nem Barbárie, Nem Civilização!* – Annablume; São Paulo, 2006. p. 13

⁴⁵ OITICICA, J. *Finanças* – Correio da Manhã – Rio de Janeiro, 13.08.1921

⁴⁶ A informação foi retirada do blog “*Universo Anárquico*” cuja autora se apresenta como neta do irmão mais velho de José Oiticica, denominado como Chiquito, provavelmente Francisco de Paula Leite e Oiticica Filho. O endereço do site: http://attu.typepad.com/universo_anarquico/2007/01/meus_primos_oit.html (último acesso em 13/07/2007). Há confirmação de Francisco Leite e Oiticica, estar atuando na Constituinte de 1891 em MARTINS, W. *História da Inteligência Brasileira*, v. IV – São Paulo, Cultrix/Edusp, 1977-78. p. 369. A professora Suely Queiroz em seu livro *Radicais da Republica* nos apresenta depoimento de Francisco de Leite e Oiticica nos anaes do senado em sessão de 10.06.1896, em que o mesmo se mostra ser um nacionalista bastante exaltado: “*neste país, os navios estrangeiros percorrem impunemente a costa*

biblioteca que serviu de fonte de conhecimento para o inquieto José Oiticica, estudando desde cedo teatro e filosofia, sociologia, literatura, história entre outras ciências e autores como

A. Chirac.

Foi na biblioteca de meu pae que li a sua formidável **Histoire de l'agiotage**. Li-a com mais emoção do que as obras realistas de Zola ou as paginas sangrentas de Balzac...⁴⁷

Saberes que acompanharam Oiticica por toda sua existência e foram à orientação de sua conduta, como o refletir silencioso e inquieto que o aproximou do anticlericalismo e muito provavelmente do naturalismo. Época que os pensamentos tomam forma, em que a literatura e a crítica são de razões objetiva e científica, desprezando o idealismo e a religião no aspecto metafísico; o romantismo e sua crítica exagerada, vaga e soterrada. Novas luzes ascendem sobre os jovens, idéias novas visando à destruição de antigas e retrógradas instituições na busca de uma modernização.⁴⁸

Oiticica em sua juventude adentra no curso de Direito iniciando-o na Faculdade de Ciências Jurídicas de Recife que terá em seu meio a inovadora 'Escola do Recife', originada pelo iconoclasta Tobias Barreto e que influenciou inúmeros intelectuais de sua época. Escola de aprimorados estudos do germanismo⁴⁹, local de um vigoroso e atuante centro de agitação intelectual⁵⁰ que rompia com o positivismo vindo nesta

brasileira, sem pagar um real de imposto aos cofres e, ao contrário, fazendo comércio(...) dentro do país sem pagar imposto. //Muitos anos se passaram desde que o Brasil permitiu a liberdade de navegação e, contudo, 'qual foi o resultado deste sonho de liberdade? Os fatos se encarregam de o provar. Nós não temos absolutamente indústria de construções; nós temos vivido como parasitas dos estaleiros da Europa, não só em relação aos navios mercantes, mas até aos navios de guerra.//No entanto no momento em que se deve acabar com esse estado de coisas, executando a lei prevista pela Constituição, 'o nobre' Senador- Moraes e Barros – vêm propor um projeto por mais dois anos; e apresenta-o com os mesmíssimos argumentos empregados em 1895, quando pedia a primeira prorrogação". Em: QUEIROZ, S. R. R. de Os Radicais da Republica – São Paulo; Brasiliense, 1986. p.9.

⁴⁷ OITICICA, J. *Finanças* – Correio da Manhã – Rio de Janeiro, 13.08.1921

⁴⁸ NEEDLELL, J. D. *Belle Époque Tropical* – São Paulo; Companhia das Letras, 1993. p. 214

⁴⁹ Sílvio Romero o principal 'discípulo' de Tobias Barreto, que dará a seqüência a proposta do mestre, de forma mais radical, após sua morte anunciava que a pesquisa e leitura das obras alemãs não quer dizer copiar a Alemanha: "*Eis aí, nada mais claro, desde o princípio de nossa carreira literária antepusemos a tudo a personalidade de cada povo; e do Alemão só aceitamos a intuição crítica, apta a revigorar a nossa própria individualidade nacional*". Ver em CHACON, V. *Da Escola do Recife ao Código Civil* – Rio de Janeiro; Organizações Simões, 1969. p. 29

⁵⁰ Sílvio Romero a divide em três fases distintas, o seu desenvolvimento intelectual: *a literária e poética da década de 60, a crítica-filosófica de 1870-1877-1878, e a jurídica de 1878 em diante*. – Ver em: COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil: Estilos de época: era realista/era de transição*, v. V: pt. 2, 7º ed. – São Paulo; Global, 2004. p. 14

corrente de pensamento uma doutrina desumana e conservadora, e decide por superá-la através do humanismo⁵¹.

Oiticica iniciou curso de Direito, quando Tobias Barreto já não fazia mais parte deste mundo, faleceu em 23 de junho de 1889, mas mesmo que a influência do pensamento de Tobias Barreto já não transitasse diretamente naquela Faculdade de idéias anticlericais, naturalistas, evolucionista, neokantianas, iniciadas e divulgadas pelo mestre ali permanecem.

Quase todo rapaz do meu tempo em Pernambuco era agnóstico, darwinista, spencerista, monista. Quando apareceu, no primeiro ano, um Marc Dowell, do Pará, que tinha passado pelos colégios de Paris, demonstrando a existência de Deus pelas belezas da criação, cantos de pássaros, etc., provocou riso, foi ridicularizado. Havia porém uma minoria que, não chegando aos extremos do paraense, refugava o fenomenismo, o mecanicismo, e afirmava-se espiritualista, teleologista. (...) Para simplificar, todo mundo era positivista, isto é, darwinista, monista, evolucionista, mas ninguém prosélito de Augusto Comte.⁵²

Iniciou o curso de Direito na Faculdade do Recife e o encerrou na Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro que concluiu no ano de 1902. Provavelmente durante o curso de Direito Oiticica tenha tido aproximação com o naturalismo fator que fortalece suas reflexões na procura da verdade, Clovis Beviláqua, membro da chamada Escola do Recife, homem que se dedicou exclusivamente aos problemas jurídicos, acredita na necessidade do jurista realizar o estudo desde o ponto de início em que se formam os fenômenos jurídicos já que o

⁵¹ Segundo Antônio Paim o positivismo era compreendido por Tobias Barreto como uma ciência que tinha como objetivo: “(...) o progresso resulta da ordem e consiste no aperfeiçoamento dos elementos permanentes como a religião, a propriedade, a família, a linguagem e a harmonia entre o poder espiritual e o poder temporal”. Ver em: PAIM, A. A Nova Dimensão do Humanismo – in: _____ *História das Idéias Filosóficas no Brasil* – São Paulo; Grijalbo, 1967. p. 143

⁵² Depoimento de Gilberto Amado, que cursou na Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas do Recife em 1905 a 1909, data posterior a geração de Oiticica, que provavelmente estudou ali entre 1898 – 19001, mas como as datas são próximas podemos ter uma dimensão de como funcionava o grupo intelectual em Recife no transitar dos séculos. Ver em PAIM, A. *idem*. p. 165 – 166 *apud* AMADO, G. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro; José Olímpio, 1958. p. 39. Amado em conferência realizada em 1934, relembra o seguinte: “A minha geração não recebeu influencia de Tobias Barreto. Nas minhas polemicas e conversas de estudante no Recife do meu tempo, de 1905 a 1909, não era freqüente o nome do famoso sergipano (...) Em Pernambuco líamos tudo. Prosseguíamos na reta do darwinismo e do haeckelismo seguindo os autores franceses, ingleses, italianos que entravam em circulação, mas sem tomar a peito o transformismo, sem formar batalhão. Nietzsche nos levava a Goethe”. Citação encontrada em MARTINS, W. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)*, v. 5 – São Paulo; Cultrix/Edusp, 1977-78. p. 250

direito aparece na sociedade; portanto é forçoso que o jurista possua exata noção da sociedade e da ciência que a estuda, isto é, a Sociologia (...) A sociedade é um composto de homens; portanto a ciência do homem, a antropologia deve ser tida como a propedêutica ao estudo do Direito⁵³.

É em seus primeiros anos na capital carioca, cursando a Faculdade de Direito que Oiticica expressa suas primeiras manifestações políticas, vendo o Estado enquanto uma manifestação de agrilhoar as individualidades

Por um instinto natural, que na alma dos governados se acende, a visão do Estado aparece como uma entidade absoluta, como um protetor infalível, em cujas funções variadas se conta a de auxiliar os indivíduos e as corporações naquilo que cada qual empreende por si.

(...)

Quando na observância de um bom critério, lhes nega o erário público a quota desejada, as iras explodem com as maldições descabidas e as imprecações assustadoras, a que se seguem o marasmo e a inércia, a apatia e a negligencia. E quando se lhes exproba o depauperamento moral que os reduziu à inação, atiram aos ombros do Estado a culpa repreendida, com a evasiva de que os não protege a mão governativa nem os ampara a bôlsa nacional.

E nesta compreensão ridícula do poder dirigente, que temos vivido, reduzidos a simples mecanismo, a que se faz mister um elemento motor. Quer dizer que a nossa índole especial vai desfalecendo à proporção que diminui a constância das agulhoadas federais, que o nosso caráter de iniciativa, que se mede pela nossa energia, se vai amolecendo às recusas orçamentárias, com o desperdício de tempo e a nulidade de proveito; que a luta pela existência, muito pouco entendida, geralmente, se torna para os indivíduos uma função estadual, obrigatória e perpétua⁵⁴.

O Estado como agente protetor, redutor das capacidades éticas e morais do indivíduo, condutor e moldador da sociedade, com um ideário liberal próximo do pensamento de intelectuais como Silvio Romero e do paulista Alberto Sales⁵⁵, Oiticica propunha a valorização do indivíduo para a possibilidade de organização social. A iniciativa particular de cada ser resultaria na redução da dependência diante ao Estado:

(...) O homem não é mais que um animal, dotado de órgãos e de inteligência, eternamente a lutar contra os meios externos e as circunstâncias ofensivas, ao duro reprimir dos encontros e das

⁵³ SOUSA, F. M. Prefácio: A questão teórica da cultura na Escola do Recife – in: ROMERO, S. *O Brasil Social e outros Estudos Sociológicos* – Brasília; Senado Federal, 2001. p. 15

⁵⁴ OITICICA, J. Iniciativa particular - em: _____ *Ação Direta* – Germinal; Rio de Janeiro, 1970. p. 41 – 42 – publicado em *Cidade do Rio* – Rio de Janeiro, 06.05.1901.

⁵⁵ Sobre o liberalismo no Brasil e o ideário político de Alberto Sales e Silvio Romero conferir em: CARVALHO, J. M. *A formação da s almas* – São Paulo; Companhia das Letras, 1990. Principalmente o primeiro capítulo: “Utopias Republicanas”

guerrilhas, os seus músculos se revigoram, os nervos se fortalecem, a audácia se aviva. Como em tôdos os seres vivos do mundo o desânimo na peleja é sinal de sossôbro iminente de morte próxima e inevitável, assim o esforço deve ser a arma da resistência, o trabalho a clava destruidora dos empecilhos funestos.

A conclusão a tirar é que à iniciativa do Estado, sempre nociva, cumpre substituir a iniciativa particular, sempre reveladora. Na escola das necessidades, a tenacidade e o reconhecimento do próprio valor, a fé e a coragem na atividade de cada um são os incentivos mais poderosos e mais fecundos, que o homem pode encontrar⁵⁶.

Sua reflexão política, certamente, influi na sua postura intelectual e, assim, ao conhecer as ciências jurídicas e suas práticas⁵⁷ Oiticica se desilude:

Eu sempre fui meio rebelde. Garoto ainda fui expulso do Seminário São José porque recusei a mão à palmatória. Mas acabei indo para Faculdade de Direito e com tal crença que disputei sempre os primeiros lugares com o Levi Carneiro que foi da minha turma. Pois, assim, com uma crença sagrada no Direito, fui ao Foro levar um alvará para registro. O oficial do registro me cobrou 13\$000, quando o Regimento de Custas marcava para o caso apenas 3\$000, protestei. O homenzinho foi peremptório:

- Não me interessa o que o Regimento diz. Eu preciso viver.⁵⁸

Sua frustração aumenta ao assistir uma sessão judiciária, decepcionado pela ação corrupta do oficial jurídico somado ao que assistiu, Oiticica decide-se por abandonar a sua função junto à ciência do Direito.

⁵⁶ OITICICA, J. Iniciativa particular - em: _____ *Ação Direta* – Germinal; Rio de Janeiro, 1970p. 42 – 43.

⁵⁷ Importantes informes sobre a questão da justiça nos primeiros anos republicanos nos são apresentados por JANOTTI, M. de L. M. *Os subversivos da república* – São Paulo; Brasiliense, 1986. Tal como na citação que segue: “Após a análise da desorganização da justiça pelos republicanos, Cândido de Oliveira passa a estudar suas conseqüências: leis que diminuíram a importância do júri popular; contradições no procedimento dos tribunais; caráter aleatório das sentenças; aumento dos custos das despesas forenses; disparidades estaduais quanto às leis do processo. Concluía afirmando: ‘Sem magistratura que a possa proteger, o que vale a liberdade consignada nos textos?’”

“Competentemente desenvolvido o trabalho de Cândido de Oliveira transcende o imediatismo e os próprios objetivos da publicação. Representa a defesa dos princípios do liberalismo, que atribui à Justiça um caráter independente e superior às injustiças político-econômicas. O mito da soberania da Justiça era também compartilhado pelos juristas republicanos, igualmente de formação liberal (...) Pelos jornais, na tribuna parlamentar ou nos tribunais as denúncias são constantes, como bem documentou Cândido de Oliveira. A morosidade e a centralização da Justiça no Império talvez tornassem menos visível essa questão. Mas o desenvolvimento do capitalismo, acirrando as diferenças sociais e os conflitos no seio da própria classe dominante, exigiu o redimensionamento de todas as áreas do Direito, revelando rapidamente o caráter oligárquico da Justiça no Brasil. Como os juristas liberais não podiam reconhecer que a Justiça era instrumento das classes dominantes, atribuíam seus desmandos à má administração ou às ‘paixões partidárias’. p. 202

⁵⁸ OITICICA, J. “*Confissões de um Anarquista Emérito*” – em: O Cruzeiro 23.05.1953. Entrevista concedida por Oiticica a esta revista.

Na primeira sessão que ele foi assistir, saiu indignado e chegou para o seu pai dizendo assim: Eu não dou para essa carreira, não me conformo em julgar pessoas⁵⁹.

Ele parece ter notado qual importância e valor das leis, elas eram para ser exercidas pelas classes privilegiadas, um exercício do poder das camadas ricas sobre as camadas pobres, servir-se do corpo alheio, o direito, que nosso protagonista definiu depois como 'coisa torta', serve como instrumento de ajuste, ferramenta ortopédica, visando ajustar os cidadãos à sociedade, a servir e obedecer a boa vontade dos detentores do poder.

(...) na fase que atravessei no meu quarto ano de direito, quando no meu espírito de estudante de leis, entrei a duvidar da lei, como annos antes, filho espiritual do seminário S. Jose, comecei a duvidar da Igreja⁶⁰.

Tempos depois quando adere ao movimento anarquista, seu conhecimento sobre as ciências jurídicas será utilizado para propagar seu ideal libertário, como em carta aberta em resposta a artigo do jurista liberal Silva Marques, no ano 1915, publicado no periódico anarquista *Na Barricada*, em que o liberal, apesar de mostrar-se simpatizante aos ideais ácratas, acredita ser impossível o triunfo do mesmo devido a composição social

composta de ladrões da peor espécie, porque não batem carteira nem atacam na estrada, como fazem os profissionaes, mas chegam ao mesmo resultado, evitando cuidadosamente as malhas do Código Penal.

E os assassinos, os profissionaes do roubo, os calumniadores, os intrigantes, os maldizentes, os invejosos, os canalhas por índole, educação e temperamento, os debochados, os viciados de toda especie?

Esses formam legiões.⁶¹

Oiticica apresentando seu descontentamento com as interpretações jurídicas se utiliza de fontes autorais, para expor seu conceito libertário

⁵⁹ Sônia Oiticica em entrevista concedida à Dilson José Nogueira Kamel, em 29.09.1994. Conferir em: KAMEL, D. J. N. *José Oiticica: um anarquista brasileiro* – Rio de Janeiro; Dissertação de mestrado em História Social; UFRJ, 1997. p. 104.

⁶⁰ OITICICA, J. As causas do crime: Carta aberta ao dr. Silva Marques - *Na Barricada*, nº 13 - Rio de Janeiro 13, 02.09.1915

⁶¹ MARQUES, S. A gente odiosa – *Na Barricada*, nº 11 – Rio de Janeiro, 19.08.1915.

Vejo, meu illustre confrade, que a sua cultura juridica lhe turba a visao clara e nunca lhe permittiu deitar os olhos á doutrina anarchista na sua pureza de sonho e programma.

Desejaria fazer com v.s. uma excursão pelo codigo penal e pelas estatisticas criminaes, para mostrar-lhe o que os livros de direito não nos dizem. Escolas de Garrara, de Lambroso, de Ferri, de Tarde, dos criminologistas que li outr´ora e hoje destesto, todas ellas se esfalfam para estudar as causas do crime, isto é, as causas da maldade humana.

Chegam todos ao mesmo resultado, antigo como Adão: o mal é congenito ao homem⁶².

Ou ainda em publicação posterior, em nova carta aberta ao jurista, Oiticica apresenta descrença na ciência jurídica enquanto agente social,

Os criminalistas vão buscar essas fontes nos factores anthropologicos, psychicos, e tambem sociaes, sem contudo apontarem os verdadeiros factores sociaes.

E mais adiante apresenta-se como antigo leitor e atual critico de Bentham, rememorizando sua passagem pelas cadeiras nas Faculdades de Direito

Na academia de direito fui sempre um admirador de Bentham, cujas obras li com soffreguidão. Foi o estudo dellas um dos pontos de partida do exame minucioso que procedi na organização social.

Não encontrei nunca nos seus refutadores anarchistas argumentos serios contra elle. Todavia não pude aceitar nunca os seus ensinamentos.

Hoje, compreendo a razão do meu embaraço. Estava todo em que elle penetrou bem fundo no mecanismo social, mas seu ponto de vista era o do burguez, o do capitalista e elle tinha de justificar o mecanismo vicioso embora propondo innumeras reformas⁶³.

O utilitarismo difundido por Bentham tem suas bases éticas ligadas às questões acerca do que fazer, do que admirar e de como viver, no intuito de ampliar a utilidade e a felicidade, idealizador também do panoptismo, que corresponde à observação contínua do indivíduo para efeitos disciplinadores.

Alimentado pelo espírito crítico e o desengano pelas instituições das quais se aproximou e conviveu o seminário cristão e a academia, dois órgãos de regulamentos, de normas, instrumentos normatizadores do indivíduo, ‘escolas’ que naquela época, como hoje, eram as mantenedoras do *status quo*, ou como disse Foucault a ortopedia

⁶² OITICICA, J. As causas do crime: Carta aberta ao dr. Silva Marques - *Na Barricada*, nº 13 - Rio de Janeiro 13, 02.09.1915

⁶³ OITICICA, J. Segunda carta ao dr. Silva Marques – *Na Barricada*, nº 15 – rio de Janeiro, 16.09.1915.

social⁶⁴, em uma sociedade que se adapta a um novo quadro social: urbana, industrial, de nova direção política, (transitou da monarquia para a república), necessita-se de novas leis e novas regras. As teorias inovadoras, que incendiaram os corações jovens, originando abolicionistas e republicanos, inspirados pelas novas leituras das obras francesas e germânicas, e alimentado os seus imaginários pelos ideais revolucionários que eclodiram na Europa em período anterior como a comuna de Paris, encontramos escritores mostrando sua simpatia pelo ideal de embate e confronto com as novas estruturas de controle social, poetas como Castro Alves relacionavam a saga dos *communards* de Paris a causa abolicionista, enquanto o jovem Euclides da Cunha, num poema, saudava a anarquista Louise Michel, que havia participado da Comuna.⁶⁵

Ideários que despertaram no mesmo período que se inaugurou um novo conjunto de leis objetivando o controle sobre os indivíduos, controle este que visa não à punição pelos seus atos, mas pelas suas ousadias, suas virtualidades de comportamento, uma rede de poder que se localiza em vários setores da sociedade, nas escolas, nos hospitais, em asilos e que apresentam estruturas paralisadoras e corretivas das individualidades⁶⁶.

Rede de poder que terá a ciência como principal instrumento, agente de análise e transformação do meio. Foucault descreve Jeremy Bentham como o filósofo mais importante da nossa sociedade, *Foi ele que programou, definiu e descreveu da maneira mais precisa as formas de poder em que vivemos e que apresentou um maravilhoso e célebre pequeno modelo desta sociedade da ortopedia generalizada: o famoso Panopticon*⁶⁷, uma arquitetura de controle do espírito sobre o espírito, um organismo que atua nas várias espécies sociais.

No período que surgiu seu desgosto pelo Direito, José Oiticica encontra-se no Rio de Janeiro, estado que passava por uma fase turbulenta com transformações em todas suas esferas, como capital nacional sofria as mudanças mais extremas, tendo seu cenário urbano alterado, alargam-se suas ruas, edifícios coloniais foram demolidos, alteram-se os antigos traçados das ruas e abrem-se novas, novos edifícios abrigam o empresariado comercial e oferecem *à recreação e ao consumo de produtos europeus de luxo; à instituições vinculadas à literatura consagrada e às belas artes; à Igreja e*

⁶⁴ FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas* – Rio de Janeiro; Nau, 1996.

⁶⁵ SAMIS, A. Pavilhão negro sobre pátria oliva – em: COLOMBO, E. et. al. *História do movimento operário revolucionário* – São Paulo; Imaginário, 2004. p. 128 – 129

⁶⁶ Ver em: FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas* – Rio de Janeiro; Nau, 1996. p. 86

⁶⁷ *Idem.* (p. 86)

aos órgãos governamentais⁶⁸. Remodelação influenciada pela arquitetura francesa, o Brasil busca embelezar-se e europeizar-se diante do cenário internacional tendo o Rio de Janeiro como seu cartão postal.

Prédios e construções encobrem, disfarçam uma outra realidade, um outro cenário, uma outra imagem. Por detrás dos edifícios encontram-se moradias *feitas de improviso, de sobras e de farrapos, andrajosas e tristes como os seus moradores*⁶⁹, moradores que se originam das mais distintas situações, ex-escravos lançados no mercado do trabalho livre, migrantes que vieram para cidade e o aumento de imigrantes principalmente portugueses. Surge uma nova classe, na sua maioria constituída de imigrantes europeus, são os operários, indivíduos oriundos de um cenário de pobreza, muitos eram antigos camponeses residentes em cidades isoladas em seu país natal; outros eram artesãos, falidos, arruinados pela concorrência e pelos preços baixos de produtos semelhantes industrializados. Homens, mulheres e crianças que saindo da miséria em que se encontravam buscando novas possibilidades, são lançados a um novo universo de pobreza, a uma exploração intensiva, às condições de vida e trabalho precárias, infundáveis jornadas de labuta, uso e abuso de mão-de-obra feminina e infantil e agraciados com baixos salários. Um universo de exploração, em que o patronato, as classes capitalistas apostando na inumerável força reserva de trabalho, utilizando-se do despotismo, aumentam a exploração sobre o proletariado.

Nova estrutura econômica, da antiga valorização da agricultura tradicional, a propriedade é agora convertida em mercadorias, estoques, máquinas, oficinas, matérias-primas, armazéns, produtos a serem consumidos. É o nascimento do capitalismo, a fixação e transformação de sua materialidade, resultando numa capitalização estética e que a camada desprivilegiada da população *de gente pobre, de desempregados, de pessoas que procuram trabalho tem agora uma espécie de contato direto, físico com a fortuna, com a riqueza*⁷⁰, o confronto a esse sistema está relacionado aos furtos, saques, somados as ações dos operários nas greves, sabotagens, quebra de máquinas, ou seja, o combate cotidiano ao domínio do capital.

Ainda dedicando-se aos estudos Oiticica matricula-se na Faculdade de Medicina, curso que não irá concluir. Anos depois ao dialogar com Roberto das Neves, Oiticica justifica o motivo de ter desistido da Medicina, tendo descoberto na leitura e análise das

⁶⁸ NEEDEL, J. D. *Béle Epoque Tropical* – São Paulo; Companhia das Letras, 1993. p. 62.

⁶⁹ EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu Tempo*, v. 1, 2º ed. – Rio de Janeiro; Conquista, 1957. p. 247.

⁷⁰ FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas* – Rio de Janeiro; Nau, 1996. p. 100 – 101

obras de autores evolucionistas e naturalistas sendo a alimentação o principal fator da produção e do combate as doenças, conforme descreveu o anarquista português

(...) êle comprovou ser o homem, como **primata** (pelo seu tubo digestivo, intestinos, glândulas, fórmula dentária, por sua estrutura anatômica, por sua natureza, enfim), animal **vegetalívoro**, como ainda hoje se apresenta a maioria dos povos orientais e dos habitantes das aldeias da Europa, e não carnívoro, como as feras, nem sequer, como o porco, **omnívoro**, em que, por motivos não suficientemente dilucidados, se converteu. Compreendeu então que a doença apareceu no homem, como nas plantas, em consequência de um erro de nutrição, pois todos os seres vivos constroem as suas células com os materiais dos seus alimentos. A doença é, assim, uma decorrência da violação das leis biológicas, uma como que punição da Natureza aos que lhe transgridem as leis.⁷¹

Oiticica converte-se então ao vegetarianismo e a abstinência e combate ao álcool e o tabaco, discorrendo em muitas conferências para os operários sobre esses vícios sociais.

Insatisfeito com as ciências jurídicas e médicas, José Oiticica dedica-se ao magistério, iniciando esta atividade no Colégio Paula Freitas lecionando história. Em 1906, totalmente comprometido com o magistério, tendo o apoio de sua esposa Francisca Bulhões e impulsionado pela influência de idéias sociológicas, naquela época bastante divulgadas por Silvio Romero, decide por fundar o Colégio Latino Americano, buscando utilizar-se dos métodos pedagógicos do francês Edmond Demoullins, autor até então pouco conhecido no Brasil⁷². Roberto das Neves nos informa que a escola foi prestigiada pela população carioca, tendo frequência considerável, o fechamento desta

⁷¹ NEVES, R. José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 9 – 10 – Vale mencionar que José Oiticica assim como Roberto das Neves eram vegetarianos, desta maneira a descrição de Roberto das Neves possa ter interesse de propagar o vegetarianismo.

⁷² Silvio Romero foi seu maior propagador e defensor, em sua defesa muitas vezes chegava ao exagero, como no texto introdutório a obra *Questões Econômicas Nacionais* de Arthur Guimarães: “*Os homens de culto dentre os nossos médicos, engenheiros, magistrados, advogados, (...)que são os verdadeiros intelectuais do Brasil, têm quase geralmente andado ao par de outras doutrinas, as do positivismo, do evolucionismo, do socialismo, por exemplo e não têm lançado as vistas sobre os belos trabalhos da escola de Le Play, cujo nome uma ou outra vez há sido citado em evidente desconhecimento de seu ensino*”. – citação extraída em MARTINS, W. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)* – São Paulo; Cultrix/Edusp. V. 5 de 8, 1977 – 78. p. 249

Sobre a Edmond Demoullins e sua Escola Le Play, ver em: ROMERO, S. Edmond Demoullins – em: *O Brasil social e outros estudos sociológicos* – Brasília; Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 63 – 82.

se deu por motivos econômicos *faltava (...) em espírito comercial o que lhes sobrava em idealismo*⁷³.

Levi Carneiro, que cursou Direito junto com Oiticica, em homenagem póstuma a nosso biografado, realizado na Academia Brasileira de Letras, depois publicado no *Jornal do Comércio*, após mencionar as virtudes físicas, morais e intelectuais de José Oiticica que ao contrário de seus contemporâneos e colegas de cátedra negava-se as honrarias, tinha sua preferência era no refúgio da *intensa vida interior, nos estudos aprofundados infundáveis*.⁷⁴

Informação confirmada em artigo necrológico publicado sem assinatura no *Correio da Manhã*

Nada ambicionava senão saber; nada receava senão errar (...) Erudito, cada vez mais refugiado no seu pensamento, não deseritava das idéias que afirmava, nem transigia com os interesses criados numa sociedade da qual se considerava a parte.⁷⁵

Reflexões inquietas, provavelmente derivadas das frustrações do saber científico acadêmico somado as novas experiências pedagógicas, nos remete a pensar que Oiticica notou algo de maior importância que o trabalho científico, postura muito próxima do anarquista russo Pietr Kropotkin:

(...) tinha outra tarefa mais urgente e diante dela constituía um desperdício injustificável, prosseguir com as pesquisas científicas, sobretudo, tendo em conta que o povo em geral se via privado de qualquer meio de captar as descobertas científicas.

Que direito tinha eu aqueles gozos superiores quando não me rodeavam mais que a miséria, a pobreza e a luta por um mísero pedaço de pão (...)

As massas querem saber: (...) estão dispostas a ampliar seus conhecimentos (...) Basta como ensina-las; basta como proporcionar-las os meios para que disponham do ócio. Nessa direção devo trabalhar, e esse é o tipo de gente para quem devo trabalhar.⁷⁶

⁷³ NEVES, R. José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 10

⁷⁴ Homenagem póstuma ao prof. José Oiticica na Academia Brasileira de Letras – em: OITICICA, J. *Curso de literatura* – Rio de Janeiro; Germinal, 1960. p. 33 – publicado originalmente em *Jornal do Comércio* – Rio de Janeiro, 07.07.1957

⁷⁵ José Oiticica – a morte desse educador e filólogo. Em: *Correio da Manhã* – Rio de Janeiro, 02.07.1957

⁷⁶ WOODCOCK, G. & AVAKUMOVIC, I. *El principe anarquista* – Madrid; Júcar, 1978. p. 97

Em 1911, retornando de Laguna, Santa Catarina, cidade em que exerceu o cargo de diretor do Colégio Municipal, onde trabalhou por dois anos, traz consigo pensamentos e reflexões que lhe perturbavam:

Passei dois anos em Laguna, dirigindo o Colégio Municipal. Ao voltar, desembarquei no Rio com mulher, três filhos e três mil-réis no bôlso. Mas na cabeça trazia uma nova Teoria do Estado. A primeira pessoa a quem tentei explica-la foi o Ildefonso Falcão, que vem a ser meu primo. “Mas isso é anarquismo” – declarou-me êle. “Anarquismo, coisa nenhuma” – retruquei - para mim, anarquismo era ainda aquela história de jogar bombas⁷⁷.

Oiticica não chegou ao anarquismo pela leitura de obras libertárias, mas sim pelo desenvolvimento autônomo de suas idéias sobre a sociedade e o Estado⁷⁸ mostrando-se, inicialmente estranho às idéias ácratas; vendo nestas apenas os atos terroristas de alguns militantes individualistas, acreditava ser o anarquismo mais uma seita. Inicialmente rejeitou a caracterização de anarquista, e só após ter contato com as publicações, “*Temps Nouveaux*”(França) e “*Revista Blanca*”(Espanha), que lhe foram entregues por Ildefonso Falcão passa a ter uma melhor compreensão das idéias libertárias, conforme afirma Roberto das Neves: *Oiticica leu-os sofregamente e convenceu-se do que seu primo lhe dissera era mesmo, sem o saber, anarquista!*⁷⁹

Sua dedicação e constante busca do saber, algo que lhe acompanhou por toda vida, não admitia que o passar dos anos pudessem empobrecer-lhe o espírito, teve no autodidatismo, em sua autoformação intelectual o sustentáculo para romper com os saberes disciplinares da academia⁸⁰. Encontrava em suas leituras o instrumento necessário e de grande satisfação para o cuidado de si, prática de ensino a si mesmo. A relação do conhecimento na sua distribuição e confraternização, a relação de trocas como forma de autoridade mutuamente convertida, assim Oiticica exercerá sua militância, reconhecendo na ciência mecanismo de prosperidade e igualdade entre os

⁷⁷ OITICICA, J. “*Confissões de um Anarquista Emérito*” – em: O Cruzeiro 23.05.1953.

⁷⁸ “*Desde os primeiros balbuzeios literários de José Oiticica, pôr ele publicados em jornais e revistas (de 1901 a 1911)... se pressentia neles o anarquista, que mais tarde haveria de vir, novo profeta bíblico, abalar a consciência dos poderosos, fazendo-os refletir sobre as injustiças e os crimes de suas vidas, e a dos humildes, despetando-os da abjeção de seu viver para uma existência mais digna, a todos anunciando um mundo novo, um mundo melhor que há de surgir um dia..*” – Em NEVES, R. José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 10

⁷⁹ *Idem.* p. 25

⁸⁰ Entrevista do militante anarquista Jaime Cubero concedida a Antônio Romera Valverde, em: VALVERDE, A. J. R. *Pedagogia libertária e autodidatismo* – Campinas; Unicamp, tese de doutoramento, 1996. p. 117

indivíduos, tal como o brado de Bakunin: *Reconhecemos a habilidade absoluta da ciência, mas rejeitamos a infalibilidade dos cientistas*⁸¹

Iniciou sua participação junto ao movimento anarquista na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro e fortalece seu posicionamento teórico com um artigo publicado no periódico anticlerical e ácrata A Lanterna⁸², no ano de 1912. Segundo o militante libertário e contemporâneo de Oiticica, José Romero, esta primeira colaboração trazia o título “*Francisco Ferrer e a Humanidade Nova*”, publicada em 13 de outubro, em edição consagrada ao 3º aniversário de fuzilamento do teórico e fundador da Escola Racionalista.

Neste ano iniciou sua participação junto a Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, ministrando conferências e cursos, questionando o sistema social aplicado pelo estado, dissertando sobre organização social e combatendo o uso do álcool e do tabaco, adentrando no ano seguinte a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ)⁸³, local em que seguiu proferindo palestras, conferências, apresentando os mais diversos assuntos ao operariado carioca e estabelecendo diálogos com o mesmo, José Romero é quem nos relata o adentrar de nosso biografado nesta entidade:

Um dia José Oiticica, com a sua inseparável pasta, subiu a escada do sobrado, entrando no recinto dos trabalhadores, que não tinham medo de ouvir falar do ideal anarquista e ler os seus

⁸¹ BAKUNIN, M. *Socialismo e liberdade* – São Paulo; Luta Libertária, 200(?).p. 42

⁸² *A Lanterna*, periódico libertário e anticlerical, “foi fundada em 7-3-1901, durante 3 anos, sua primeira fase, até 29-2-1904, sob a direção de Benjamin Mota, sendo publicados 60 números, com 28 edições diárias, que durou de 15-12-1903 e 24-1-1904. iniciou-se a segunda fase em 17-10-1909 e durou até 19-11-1916 sob a direção de Edgar Leuenroth, num total de sete anos, 293 números. Em 13-7-1933 iniciou-se outra fase, sob a mesma direção, que durou até 1935. As interrupções foram conseqüências da censura e impedimentos governamentais”.

⁸³ Federação Operária do Rio de Janeiro, fundada em 1906 tendo características anarcossindicalistas, compostas por 14 associações operárias: Sindicato Operário de Ofícios Vários, Sindicato dos Carpinteiros, Centro dos Operários Marmoristas, Associação dos Chapeleiros, Associação dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, Sindicato dos Operários em Ladrilhos e Mosaicos, Sindicato dos Sapateiros, Sindicato dos Pintores, Liga das Artes Gráficas, União dos Alfaiates, Sindicato dos Barbeiros e Cabeleireiros, Associação dos Trabalhadores em Carvão e Mineral, Centro dos Empregadores em Ferrovias e Sindicato dos Canteiros. No Rio de Janeiro durante o período estudado três correntes disputam a liderança para organização da classe operária em suas lutas por melhores condições de vida e trabalho: os anarquistas ou anarcossindicalistas, os socialistas reformistas e os trabalhistas ou sindicalismo amarelo. Estes grupos organizam quatro entidades sindicais ou grupos de associações de grande número de trabalhadores filiados: a FORJ, a Federação Marítima Brasileira, a Federação dos Condutores de Veículos e o grupo composto por associações de operários estatais. “(...) a presença anarquista em apenas uma delas Federação Operária do Rio de Janeiro, que congrega os batalhadores do setor industrial (ai incluídas as pequenas oficinas semi-artesaniais) privado, e parcelas do setor terciário privado, em especial os garçons do Centro cosmopolita; os outros três grupos de associações desenvolvem praticas sindicais reformistas, trabalhistas ou cooperativistas.” – CRUZ, C. V. *Amarelo e negro: matizes do comportamento operário na República Velha* – Rio de Janeiro; IUPERJ, dissertação de mestrado, p. 139 – 140 *apud* ADDOR, C. A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*, 2. ed. – Rio de Janeiro; Achiamé, 2002, p. 75.

pensadores e propagadores; lugar perigoso segundo os burgueses caçadores de votos e demais defensores do regime capitalista. Logo deparou com vários grupos, uns sentados e outros em pé. Ao encontro dele, por ser pessoa desconhecida dos presentes, foi um membro da comissão administrativa da Casa. Era um companheiro, carpinteiro de profissão, mulato, natural de Maceió, de quem no momento, só recordamos o sobrenome, que era França.

- Que deseja o nosso amigo? – perguntou-lhe.

- Desejava falar com o presidente ou diretores – respondeu Oiticica.

- Aqui não temos presidentes nem diretores – replicou por sua vez o companheiro alagoano (...)

- Muito bem, - disse Oiticica – e a seguir pronunciou mais algumas palavras que não recordamos bem, cujo sentido fora de haver encontrado alguma coisa do que desejava e lhe causava satisfação.⁸⁴

Atuou também participando de greves, seja através de comícios ou da participação direta, inclusive sendo preso em 1918, acusado de liderar o movimento insurrecional no Rio de Janeiro.⁸⁵ É o próprio José Oiticica que através do periódico *Ação Direta*, lembrará os primeiros tempos de sua militância:

No Brasil, tínhamos, antes de 1919, a poderosa Federação Operária Brasileira, de tendência francamente anárquica. Havia, porém, sindicatos *amarelos*, porém poucos, fracos e sem eficiência. Como se formou a Federação?

Quando me fiz anarquista, em 1912, havia uns três pequenos sindicatos no Rio, nos quais predominavam anarquistas. Esses sindicatos agrupavam uns três ou quatro mil operários, e sua movimentação reivindicadora era insignificante. O grupo anarquista do Rio, em perfeito entendimento com o de S. Paulo e, mais tarde, de Pôrto Alegre e Pelotas, começou intensa propaganda. Os sindicatos estavam dominados por políticos famosos: Irineu Machado, Evaristo de Moraes, Nicanor do Nascimento e outros. Tão intensa foi a campanha, que rara noite não falávamos em algum sindicato.

Em 1918 quando estourou a greve de 18 de novembro, malograda com a traição do tenente de cavalaria Ajust, o número dos sindicatos componentes da F.O.B. elevava-se a mais de trinta e acolhia o respeitável número de 150.000 trabalhadores só no Rio.⁸⁶

⁸⁴ ROMERO, J. Recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário – em: *Ação Direta* – Rio de Janeiro, agosto/setembro de 1957.

⁸⁵ Sobre a insurreição anarquista no Rio de Janeiro em 1918 ver em ADDOR, C. A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*, 2. ed. – Achiamé; Rio de Janeiro, 2002, obra específica sobre esta mobilização dos libertários cariocas. Encontra-se informes fragmentados nas obras de DULLES, J. W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil* – Nova Fronteira; Rio de Janeiro, 1977; e RODRIGUES, E. *Nacionalismo e cultura social* - Rio de Janeiro; Laemmert, 1972.

⁸⁶ OITICICA, J. Atuação anarquista nos sindicatos – em: _____ *Ação Direta* – Germinal; Rio de Janeiro, 1970. p. 107 – publicado em *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 07.05.1946. Vale mencionar que José

Para José Oiticica, o ideário anarquista lhe será o potenciador de sua existência, o elemento que lhe servirá como norteador de suas reflexões e experiências existenciais.

1.1 – A relação familiar

Pessoa importante para sua existência foi sua prima Francisca Bulhões. Apaixonado, José Oiticica num primeiro momento censurado por seu pai Francisco Leite e Oiticica, que proibiu o noivado, busca o apoio de seu irmão Chiquito, que insistiu para que o pai consentisse, dando a liberdade para que Oiticica escolhesse a mulher que amava.⁸⁷

Zinha como Oiticica carinhosamente a chamava acompanhou seu amado por toda sua vida, companheira de nosso protagonista desde quando tinham seis anos de idade, segundo Oiticica *acima de meus filhos, há minha mulher: há 64 anos que me atura. É uma santa.*⁸⁸ O casal teve ao todo sete filhos: José, Clara, Selma, Vanda, Vera, Sônia e Dulce,

Educou seus filhos com carinho deixando uma descendência de verdadeiros artistas. O filho homem é professor de botânica, Sônia, hoje é diretora de “*Ação Direta*”, é a primeira atriz de uma das melhores companhias do Rio de Janeiro, Wanda é soprano lírica, e as duas restantes, uma é professora de canto e piano e a outra é maestra.⁸⁹

Francisca e os filhos tiveram contatos com os militantes anarquistas que freqüentavam sua residência, casa acolhedora, bastante freqüentada, conforme lembra Sônia Oiticica:

(...) ora refugiados políticos, ora parentes que chegavam de Alagoas
(...) A hora do almoço ou do jantar era maravilhosa, com o pessoal

Oiticica ao estar se referindo a F.O.B. (Federação Operária Brasileira), esteja falando da C.O.B. (Confederação Operária Brasileira)

⁸⁷ Esta informação foi encontrado no blog *Universo Anárquico* - http://attu.typepad.com/universo_anarquico/2007/01/meus_primos_oit.html (ultimo acesso em 13/07/2007).

⁸⁸ OITICICA, J. “*Confissões de um Anarquista Emérito*” – em: O Cruzeiro 23.05.1953.

⁸⁹ “*Educó a sus hijos com cariño dejando una descendencia de verdaderos artistas. El hijo varon es profesor de botánica, Sonia, hoy directora de “Ação Direta”, es primera actriz de una de las mejores compañías de Rio de Janeiro, Wanda es soprano lírica, y las dos hijas restantes, una es profesora de canto y piano y outra maestra*”. - PEREZ, M. El profesor Oiticica há muerto – em: *Cenit*, nº 80 – Toulouse, ago. 1957. p. 2194

todo em volta da mesa, em longas conversas, que nem sempre entendíamos bem, enfim era uma casa de brincar e morar.⁹⁰

Entre os refugiados encontramos o anarquista russo Ossef Stefanovetch e o brasileiro Antonio Bernardo Canellas⁹¹ que havia iniciado militância junto aos comunistas e depois sendo expulso e perseguido pelos membros do Partido Comunista, é acolhido por José Oiticica em sítio que possuía na cidade de Caramujo, tornando-se Canellas agricultor, além de ali confeccionar o jornal ácrata *5 de Julho* e desejar se casar com uma das filhas de nosso biografado.

Sônia Oiticica, através de sua memória nos diz ser seu pai um indivíduo bastante ocupado, dividindo seu cotidiano entre as funções exercidas como professor no Colégio Pedro II, entre as atividades compartilhadas junto a seus companheiros libertários nas atividades propagadoras dos seus ideais através de palestras, conferências, reuniões nos mais diversos locais conquistados seja nos sindicatos, associações operárias, ou mesmo nos espaços organizados pelos militantes, como em seu escritório, centro de estudos sociais, entre outros. Convivia um pouco distante de seus familiares, sendo seus escritos publicados nos jornais a forma de dialogar com Oiticica e mesmo acompanhar o desenvolver de suas idéias:

Olha meu pai ficava muito pouco tempo em casa. Quanto conversar conosco, não dava tempo, quem queria ia ler o que ele tinha escrito, quem queria, mas a gente admirava ele, todos nós, e minhas irmãs chamavam meu pai:

- Os camaradas já vem aí.

Os camaradas era uma coisa assim meio, meio misteriosa, que sempre tínhamos os bolinhos dos camaradas, que minha mãe fazia sempre que eles vinham⁹².

Sônia Oiticica é a filha que mais informes nos transmite sobre o histórico do pai relembrando várias cenas da sua presença. Em entrevista concedida à Maria Thereza Vargas, vários são os relatos sobre esta convivência, inclusive o papel de seus pais em sua formação educacional, sendo sua mãe a alfabetizadora e a de seu pai em ensinar as filhas, logo que alfabetizadas, as línguas estrangeiras.

Residência bastante movimentada, sempre repleta de gente, vários foram os militantes que por ali transitaram, entre eles podemos destacar Maria Lacerda de

⁹⁰ VARGAS, M. T. *Sônia Oiticica: uma atriz rodrigueana?* – São Paulo; Imprensa Oficial, 2005. p. 16

⁹¹ Biografia de Antônio Bernardo Canellas: SALLES, I. *Um cadáver ao sol* – Rio de Janeiro; Ediouro, 2005.

⁹² Depoimento de Sônia Oiticica em 16.01.2007.

Moura⁹³, feminista libertária e partidária do amor livre, que Sônia relembra com bom humor uma de suas visitas:

Uma tarde, ao despedir-se de mamãe no portão de casa, apontou em direção ao Palácio Guanabara dizendo: *Vou por aqui, se encontrar o homem, puxo-lhe as barbas!* O homem era o Presidente Washington Luiz.⁹⁴

Laura da Fonseca e Silva⁹⁵, poetisa e antiga militante libertária e prima da família Oiticica é outra que Sônia relembra vagamente de visitas em sua residência, Laura que se casou com o ex-anarquista Octávio Brandão, distanciou-se daquela casa logo após a conversão de Brandão ao comunismo fato nunca perdoado por José Oiticica.

Edgar Rodrigues contemporâneo e camarada de ideário político de José Oiticica que por várias vezes freqüentou sua casa é quem nos informa sobre a presença de militantes estrangeiros em visita a José Oiticica, apontando os nomes do romeno Eugen Relgis⁹⁶, que encontrava-se refugiado no Uruguai, a presença do alemão Augustin Souchy e o uruguaio Carlos Rama, ambos escritores; dos jornalistas uruguaio Luiz Aldão e Ricardo Romero; o sueco Helmut Ruder; dos escritores e jornalistas Campio Carpio, Diego Abad Santillan e Fernando Quesada⁹⁷,

A tranqüilidade daquela casa era interrompida com as prisões sofridas por José Oiticica. Em 1924, durante o governo de Arthur Bernardes, quando é detido na saída do Colégio Pedro II, ficou preso durante um ano e três meses, transitando por ilhas prisões, que Oiticica em tempos posteriores satirizou em entrevista concedida a revista *O Cruzeiro*:

Das autoridades só não tenho queixa pelo tempo que me deram em prisão (...) em 1925 (...) mandaram-me para a ilha Rasa, depois para a Ilha das Flores e mais tarde para a do Bom Jesus. Senti não ter

⁹³ Informes sobre Maria Lacerda de Moura, pode ser visto em: LEITE, M. L. M. *A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura* – São Paulo; Ática, 1984; e MIRANDA, J. V. *“Recuso-me”! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura* – Uberlândia; Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

⁹⁴ *Idem.* p. 23

⁹⁵ Sobre a poetisa Laura da Fonseca e Silva, que militou junto aos anarquistas e posteriormente junto ao seu marido Octávio Brandão terá participação na militância comunista ver: BERNARDES, M. E. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política* – Campinas; Dissertação de mestrado/Unicamp, 1995.

⁹⁶ Em 1954, José Oiticica traduziu obra de Eugen Relgis. RELGIS, E. *História sexualda humanidade* – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1954.

⁹⁷ Conferir em RODRIGUES, E. *Rebeldias*, v. 2 – Opúsculo Libertário; Guarujá, 2004.

ido para a Trindade, porque assim completava logo o meu conhecimento das prisões ilhadas do Bernardes.⁹⁸

No decorrer dessa detenção a ausência do pai é suprida através de correspondência e códigos usados para a comunicação com o seus, mais uma vez utilizamos das palavras de Sônia Oiticica para descrever um desses “encontros”:

Um dia, mamãe recebeu um recado curioso: *leve as crianças em tal dia e a tal hora ao Posto 2, em Copacabana. Fique bem em frente à ilha. Vou soltar uma pipa e vocês vão poder ter a certeza que ainda estou aqui.*

(...)

Na hora determinada, lá estava a pipa, voando nos céus da Ilha Rasa. Foi uma alegria.

Alegria maior ainda foi, para mim e minhas irmãs Selma e Dulce, receber uma poesia dele para cada uma. A minha sei de cor até hoje:

Soniazinha, Soniazinha,
Eu te quero muito bem,
Há muita criança linda,
Mas como Sônia, ninguém.

Ei... quem é que está berrando
Nesse mato? “Sou eu, bem-te-vi”,
...Como você berraria, se Sônia estivesse aqui.

“Hei! Quem é Sônia, seu moço?”
“Você não sabe quem é?”
Bem-te-vi, meu sem-vergonha,
É a sexta irmã do José.

Gosta muito de balanço,
Arroz, galinha e tutu.
Nasceu a quase seis anos
Na terra do sururu.

Por doce é como formiga
Por sorvete é como o pai
Toda a rua se alvoroça
Quando Sônia a tarde sai.

“Pois então vou ver esse anjo,
Essa menina sem par,
Vou gritar-lhe das palmeiras:
Bem-te-vi e ella há de olhar.”

Se a quiser ver, tem três tempos
Pode estar lá. Hum, fosse eu!

⁹⁸ OITICICA, J. *Confissões de um anarquista emérito – idem.*

È na Rua Guanabara,
Quarenta e nove, entendeu?

E o bem-te-vi satisfeito,
Bateu as asas e voou,
Levando beijos e abraços
Que o papaizinho mandou.⁹⁹

Francisca Bulhões no período da prisão de seu marido em 1924, solidariza-se a ele, mesmo após Oiticica ter solicitado que ela se acomodasse na casa de seus familiares em Alagoas, certamente, visando uma melhor possibilidade de existência em momento difícil na vida da família, que seu salário estava retido pelo Estado enquanto permanecesse preso, mas a persistência e o amor de sua companheira, faz com que ela permaneça na sua residência:

“*Oiticica:*

Aqui esperarei que os grandes pensem e vejam a injustiça que estão praticando, embora sujeito a toda sorte de trabalhos e sacrifícios! Daqui não me arredo por consideração alguma, não há conforto capaz de me fazer deixar-te preso e longe de qualquer comunicação! Bem sabes que por ti sou capaz de vencer aos maiores obstáculos! Quando souber que ainda terás um ano ou mais de prisão, procurarei me manter aqui mesmo, e sem nos endividarmos. Para isso conto com minha coragem e resignação.” (Rio, 21-11-1924, Zinha)¹⁰⁰

Presença marcante de Francisca Bulhões também ocorreu quando de nova prisão de Oiticica em outubro de 1937 durante o Estado Novo, com maiores dificuldades para sua soltura, Zinha decide junto a filha Sônia conversar pessoalmente com Getúlio Vargas, que então se encontrava na cidade de Petrópolis:

Sabíamos que era costume dele, depois do almoço, dar um passeio no quarteirão, acompanhado de seguranças disfarçados, que vinham um pouco atrás. Ficamos esperando. Quando ele chegou perto nos aproximamos e falamos com ele. Getúlio Vargas era uma pessoa. Contraditória tinha até uma certa simpatia. Ouviu nosso pedido e disse que ficássemos tranqüilas. Antes do Natal. E ele foi solto mesmo, mas cumprindo prisão domiciliar. Passado um tempo, não agüentando mais ficar em casa, saiu de madrugada pelo quintal, caminhando até a praia da Urca. No dia seguinte andou um pouco mais. No terceiro, foi mais longe e vendo que não acontecia nada, começou a sair normalmente e se esqueceram dele.¹⁰¹

⁹⁹ VARGAS, M. T. *Idem*. p. 25 – 26

¹⁰⁰ Em: RODRIGUES, E. *Os libertários* – Rio de Janeiro;VJR, 1993. p. 162

¹⁰¹ *Idem*. p. 65

Notamos dessa forma, na pessoa de Francisca Bulhões, não apenas uma participação coadjuvante, mas de destaque na colaboração na existência libertária de José Oiticica.

Capítulo II – A concepção anarquista de José Oiticica: interpretações de um militante

Seguindo um raciocínio próximo das expressões humanistas da filosofia renascentista, José Oiticica que transitava por várias áreas do conhecimento científico, de reconhecimento de militantes, trabalhadores e da intelectualidade

(...) não havia e não houve nunca quem não reconhecesse a sua formosa inteligência e a profundidade de sua erudição. Era o que se podia chamar o homem que sabia tudo e, na verdade, tudo êle sabia. Era filósofo, conhecia várias línguas delas sólidamente; sabia matemática para o gasto próprio e para lecionar; sabia economia política e finanças; conhecia história como qualquer professor; poderia, se quisesse lecionar ciências naturais, física, filosofia, psicologia. Humanista completo¹⁰².

Compartilha de seus saberes junto ao proletariado, que desde os primeiros balbucios republicanos expressam sua organização e luta em uma perspectiva libertária, tendo os Congressos Operários Brasileiros, realizados em 1906 e em 1913, como principais referências de suas mobilizações. Anos depois em 1920, os libertários realizarão um terceiro Congresso, visando novas possibilidades e estratégias para o movimento operário.

Oiticica inicia intensa colaboração junto a seus novos companheiros após atentas leituras de escritos anarquistas e dos primeiros relacionamentos ideológicos com militantes anarquistas como Elói Pontes e Elysio de Carvalho, provavelmente, no seio da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro. Adentrou neste local, durante período correspondente a campanha “*Onde está Idalina?*”, uma efervescente campanha em que os militantes anticlericais solicitavam esclarecimentos das instituições clericais devido o desaparecimento da garota Idalina, as páginas dos jornais *A Lanterna* e *La Battaglia*, entre outros acusavam o estupro e assassinato com golpes de pá na cabeça da menina

¹⁰² Homenagem póstuma ao prof. José Oiticica na Academia Brasileira de Letras: discurso dos Acadêmicos Viriato Corrêa, Levi Carneiro, Alvaro Lins e Peregrino Jr. Este artigo entre escritos em homenagens póstumas a Oiticica escritos pela intelectualidade brasileira, foram recolhidos e editados por Roberto das Neves no livro: OITICICA, J. *Curso de Literatura* – Rio de Janeiro; Germinal, 1960. P. 15 - 40.

por parte de um padre, diretor do orfanato Cristovão Colombo, em São Paulo¹⁰³, segundo nos informa Elvira Boni:

Ele tornou-se conhecido porque foi à Liga Anticlerical se associar, na época daquela campanha “Onde está Idalina?” Tornou-se amigo da família, mas sem muita intimidade. Sempre conversava com meu pai quando se encontravam. Fazia muitas conferências, e eu assistia também¹⁰⁴.

Uma variedade de escolas sociológicas ali freqüentavam: maçons, liberais, socialistas, anarquistas, jacobinos, enfim, grupos e posturas sócios-políticas distintas, cada grupo e indivíduo atuando segundo seus princípios e propósitos ideológicos, que se organizam para um mesmo embate em suas contestações, ação questionadora a instituição Igreja e as suas normas sacerdotais. Dentro deste bojo foram os anarquistas, os que mais se destacaram nas mobilizações anticlericais, através de seus discursos e atos radicais¹⁰⁵ tendo nestes espaços tratados para criação da futura sociedade ácrata, através da exclusão dos dogmas e imposições clericais.

Desde suas primeiras expressões, Oiticica expressa preocupação quanto a compreensão e interpretação do ideário anarquista:

Certas proposições do anarchismo chocam profundamente os nossos hábitos mentais e sociais. Cumpre passar pelo processo de uma iniciação, tanto mais difícil quanto a *doutrina anarchista* não foi até hoje sistematizada¹⁰⁶.

Acreditava ser o anarquismo um ideário com certa dificuldade de adaptação por parte dos homens devido ser um ideal de alterações radicais nas consciências e comportamentos individuais, para Oiticica era necessário sistematizar, ter uma definição mais clara de seus princípios e métodos. José Oiticica leu, estudou, refletiu e interpretou

¹⁰³Sobre o caso e a campanha “Onde está Idalina?” e sua repercussão pode ser conferido em: VALLADARES, E, *Anarquismo e anticlericalismo* – São Paulo; Imaginário, 2000. p. 68 – 70; SOUZA, W. D. de *Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante* – São Paulo; Edunesp, 2000.

¹⁰⁴ Boni, E. Anarquismo em família –in: GOMES, A. DE C., FLAKSMAN, D. R. & STOTZ, E. *Velhos militantes* – Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 1988. p. 51. Elvira Boni, filha de imigrantes italianos, nasceu na cidade Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, em 1889, tomou conhecimento das idéias socialistas com seu pai. Na década de 1910, já residindo no Rio de Janeiro, inicia-se na vida sindical participando nas atividades realizadas na Liga Anticlerical, e em maio de 1919, juntamente com outras cinquenta companheiras, fundou a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, associação operária de caráter anarcossindicalista, tendo esta associação deflagrado greve ainda no ano de 1919, pelas 8 horas de trabalho diário, sendo as grevistas punidas com a demissão sumária. Segue sua atuação no movimento anarquista participando em 1920 do 3. Congresso Operário Brasileiro, juntamente com Noêmia Lopes representando as costureiras e por extensão as mulheres, tendo Elvira presidindo a sessão final desse Congresso. Sua atuação junto aos anarquistas foi intensa, até se casar com Olgier Lacerda, um dos pioneiros do comunismo no Rio de Janeiro, participando de suas atividades sem se filiar.

¹⁰⁵ VALLADARES, E. *Anarquismo e anticlericalismo* – São Paulo; Imaginário, 2000.

¹⁰⁶ OITICICA, J. Segunda carta ao Dr. Silva Marques – *Na Barricada*, 16.09.1915.

o anarquismo de maneira que este se adaptasse em terras brasileiras, sua compreensão sobre as bases e métodos libertários inventando um anarquismo próprio, sendo ideal de diversas singularidades, em seqüência ao prefixo anarco: individualista, sindicalista, comunista, epistemológico, entre uma infinidade de signos, em sua definição Oiticica mescla uma variedade de contextos anárquicos em seu compreender ácrata. Vários foram seus artigos que visava esclarecer a “Grande Idéia”, forma como os anarquistas definiam seu ideário, em que entre as várias características encontra-se o reconhecimento e valorização do trabalhador, sua obra, sua manifestação energética como ação para a existência.

Para propagar sua releitura do pensamento anarquista torna-se necessário a exposição da idéia não simplesmente nas demonstrações teóricas, mas também uma atuação junto a toda coletividade, para o militante cabia incentivar e cultivar a obra de crítica e de divulgação dos ideais de libertação social junto ao movimento operário.

Os anarquistas deveriam misturar-se com o povo para melhor divulgação dos ideais e princípios anarquistas; tomando parte nas lutas dos trabalhadores; organizando os grupos para a resistência; orientando-os nos conflitos contra o capital e contra o Estado e incentivando-os ao combate de todos os opressores¹⁰⁷.

Daí o atuar e utilizar de diversos territórios – Liga Anticlerical, Sindicatos, Centro de Estudos, Centros Operários – para através de atos discursivos, seja por sua oratória ou seus escritos - nos inúmeros jornais e revistas - e nas exposições de leituras públicas e debates, sistematizar os princípios anarquistas, para facilitar o entendimento dos trabalhadores, intelectuais e pessoas de diversas camadas sociais sobre este ideário.

Sentava-se no chão sempre que podia, ouvia com a mesma seriedade e atenção o operário e o mais culto dos colegas que ali apareciam; o jovem e principalmente nas idéias com o mesmo respeito que ouvia o mais compenetrado e culto militante anarquista.

Ninguém se sentia constrangido diante de Oiticica sempre pronto para fazer alguma coisa pelos outros, ensinar, dar jornais, livros, enfim, ajudar todos os que o procuravam para falar de anarquismo ou colher ensinamentos¹⁰⁸.

Já em 1912, junto ao grupo carioca *Jovens Libertários* em campanha visando fundos para a manutenção do jornal *Guerra Social*, Oiticica através de conferência manifesta suas reflexões em torno dos princípios ácratas:

¹⁰⁷ NASCIMENTO, R. H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista* – Achiamé; Rio de Janeiro, 2000. p. 175

¹⁰⁸ RODRIGUES, E. *Entre Ditadura* – Rio de Janeiro; Achiamé, 1993. p. 131

Serie de Conferencias Mensais

(organizado pelos “Jovens Libertários” em favor da Guerra Social)

A 1º serie realiza-se sabado, 17 de agosto, ás 8 horas da noute no salão da

LIGA ANTICLERICAL

Á rua Marechal Floriano Peixoto, 118

Orador: JOSÉ OITICICA

Tema: A grande ideia – Sumario: Origem da ideia libertaria – A liberdade dos braços – A liberdade da inteligencia – A liberdade da consciencia – A ação libertaria e a auto educação libertaria – Avante!

Ingresso pessoal – 500 réis.¹⁰⁹

Neste mesmo período, Oiticica ministra curso de Sociologia, no interior da própria Liga Anticlerical, segundo informe do periódico *Guerra Social*, a frequência constava de considerável número de interessados, o que nos leva a deduzir uma grande presença de pessoas em suas conferências:

Com uma concorrência cada vez mais numeroza, vem o camarada José Oiticica realizando o seu curso de sociologia, ás quintas-feira, na sede da Liga Anticlerical. A vasta e profunda erudição de José Oiticica, aliada a uma clareza e um método perfeito de exposição justificam plenamente o exito enorme de suas preleções. Para ela chamamos a atenção não só dos trabalhadores, propriamente, como também de todos os que teem sêde de saber. Os nossos estudantes, e até mesmo os respectivos... mestres, muito teriam que aprender, ouvindo-as¹¹⁰.

O curso de sociologia ministrado por Oiticica, possivelmente era outro instrumento para a divulgação e melhor esclarecimento dos ideais libertários, como o anunciado o curso não se limitava apenas aos trabalhadores, mas se estendia a todos os interessados, incluindo os intelectuais.

¹⁰⁹ *Guerra Social*, 14.08.1912. Nesta mesma edição, encontra-se publicada um artigo de apresentação do coletivo *Jovens Libertários*: “Como o titulo indica, o novo grupo de propaganda se compõe de gente moça. Nacida ao correr de palestras, tornou-se logo realidade a idéa da formação desse nucleo dos jovens libertarios do Rio para uma ação comum e ardorosa em prol da propaganda anarquica no Brazil.

(...) Os “Jovens Libertarios” pretendem ser o nervo do movimento revolucionario do Rio de Janeiro. Em toda a parte, a todo o momento, onde e quando julgarem necessario a sua prezença, eles ai estarão, na brecha, com a audacia comunicativa das suas almas sinceras e vigorozas. Sem diretorias, sem estatutos, sem sêde, sem nada de estabelecido, os “Jovens Libertarios” em toda parte se reúnem, deliberando como um só homem e executando como uma só vontade tudo aquilo que deliberarem executar (...)

¹¹⁰ *Idem*.

2.1 – O anarquismo de José Oiticica: a presença do indivíduo

A concepção do anarquismo para José Oiticica localiza-se no centro de um turbulento contexto social, sua trajetória junto ao *movimento libertário e no meio sindical foi constante (...) sempre viu que para destruir a exploração do homem pelo homem, era preciso ensinar, esclarecer a mente dos trabalhadores*.¹¹¹ A preocupação com a formação intelectual do operariado era fundamental para que este pudesse compreender os males que o rodeiam, entender-se enquanto indivíduo e até a compreensão do ideal transmitido, visando assim a formação e constituição de uma mentalidade libertária alastrando-se pelas várias individualidades.

A manifestação intelectual expressa-se como ação direta, tendo em suas expressões escritas a busca do contágio, isto é, *apelos e provocações lançadas aos leitores a fim de que realizassem em suas vidas novas modalidades de costumes. Esta seria a maneira para o estabelecimento imediato das conquistas libertárias*¹¹².

A imprensa anarquista era de fundamental importância para ampliar os espaços e territórios onde direcionar suas propostas e objetivos, em 1915, durante Congresso Anarquista Sul-Americano, Oiticica com o anarquista José Elias da Silva, participaram deste evento representando o Centro de Estudos Sociais, e ali expõe sua preocupação sobre a necessidade de uma publicação libertária nacional

Oiticica fala sobre os meios de sustentar a imprensa libertaria. É de parecer que em vez de se dispendarem energias na criação de jornaes de vida ephemera, devem os anarchistas centralizar os esforços para a manutenção de um periodico de vida effectiva. Para isso lembra a adopção de uma caixa unicamente destinada a esse fim¹¹³.

Sua interpretação do anarquismo parte de um princípio, se podemos dizer assim, cosmológico, Oiticica reconhece o conjunto diverso das individualidades como seres complementares de todo um universo que resultam em manifestações, produções materiais dos homens, enquanto as suas ações energéticas. As criações humanas seriam

¹¹¹ ROMERO, José *Recordando Alguma Coisa de sua Trajetória no Movimento Libertário* – in: Ação Direta; Rio de Janeiro, agosto/setembro de 1957.

¹¹² NASCIMENTO, R. H. Z. *Indisciplina: experimentos libertários e emergências de saberes anarquistas no Brasil* – São Paulo; PUC/SP: Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Política, 2006. P. 326

¹¹³ Congresso Anarchista Sul-Americano – em: *Na Barricada*, 28.10.1915

decorrentes de sua intensa busca pelo máximo de felicidade possível, o que seria a razão para o caminhar rumo a uma sociedade libertária

Em *A Vida*, revista mensária tendo como editores o professor José Oiticica e o médico Francisco Viotti¹¹⁴, nosso protagonista descreve as ações e manifestações energéticas decorrentes das ações humanas somadas as energias naturais:

- *És anarquista?*
- Sim, porque sou trabalhador consciente.
- *Que é ser trabalhador?*
- É viver pelo esforço do seu trabalho.
- *Quando se pode dizer que o trabalhador é consciente?*
- Quando conhece as causas da sua miséria e as combate.
- *Que é trabalho?*
- É o esforço de produzir.
- *Que é produzir?*
- É criar uma riqueza.
- *Que é riqueza?*
- É tudo o que pode ser útil ao homem.
- *Então o sol é uma riqueza?*
- Sim, como o ar, a água, os peixes, etc.
- *Mas o sol não é produzido pelo homem?*
- Não; por isso se chama uma riqueza *gratuita*.
- (...)
- *A Terra será uma riqueza gratuita?*
- Deveria se-lo, porque é matéria natural da produção das riquezas minerais e orgânicas; mas não o é.
- *Porque não o é?*
- Por que é possuída por alguns homens em prejuízo da maioria dos homens.
- *Isso é justo?*
- Não; isso é a causa da maior parte das desgraças humanas¹¹⁵.

Utilizando-se da metodologia da maiêutica, em que através de perguntas simples, busca a compreensão para idéias complexas, utilizando dos saberes adquiridos em suas leituras e apoiando-se em suas vivências e experiências, Oiticica esforça-se em levar ao leitor proletário, as razões das produções e atividades do operariado, objetivando o reconhecimento das forças produtivas como os agentes transformadores e responsáveis para a felicidade e existência humana, porém sendo limitadas pelos denominados possuidores, ou seja, os grandes proprietários.

¹¹⁴ RODRIGUES, E. *Os libertários* – Rio de Janeiro; VJR, 1993. p. 37. Teve seu primeiro número publicado em 30 de novembro de 1914, foi uma publicação de curta duração tendo apenas sete números publicados, o encerramento desta revista foi decorrência de problemas financeiros por não receber, no geral, os proventos relativos às cotas dos assinantes, constante problema nas publicações ácratas e operárias, mas de reconhecimento pelos militantes da época.

¹¹⁵ OITICICA, J. O catecismo anarquista – em: *A Vida* – Rio de Janeiro, n. 2, 31.12.1914. p. 10.

A concepção da expressão energia, para Oiticica, é de fundamental importância juntamente aos termos *vida*, *trabalho* e *lucro* para a compreensão do operariado em suas conexões com as áreas da biologia, da física e da psicologia, da sociologia e da economia política, trata-se de uma forma de levar os leitores a entenderem serem as ações particulares parte de toda uma coletividade:

- *O que é energia?*

- É a *capacidade de trabalho*. Uma pedra situada no cume de uma montanha possui uma *energia*, porque se a fizermos desprender-se ela pode, enquanto rola, produzir um *trabalho*, isto é, transformar o seu *movimento* em *força*. Se, por exemplo, amarrarmos essa pedra a uma corda e essa corda a um carro colocado em trilhos, fixando a corda numa roldana no cume do monte, poderemos, rolando (*sic*) a pedra, fazer subir o carro. Nosso corpo possui *energias* acumuladas. Quando pregamos duas taboas, transformamos as substâncias químicas que nos mantêm a vida em movimento do martelo; esse movimento interrompido pelo prego comunica-se a ele e lhe dá a *força* de penetração, enquanto se desprende uma porção de *calor*. A pedra tinha oculta em si a capacidade de produzir o trabalho de suspender o carro; nós temos no corpo a capacidade de produzir o trabalho de mover o martelo¹¹⁶.

Oiticica prossegue correspondendo a distribuição de energias e suas ações energéticas, deslocando as diversas formas de energias convertendo-as em manifestações vivas:

- *Que acontece com essas energias no mundo?*

- As energias de tipo superior desde que manifestam tendem a se reduzir em energias de tipo inferior, e as energias de tipo inferior só se transformam em energias de tipo superior com grandes perdas.

- *Pode dar um exemplo claro?*

- Posso. Todas as energias da Terra provêm da energia *calorífica* e *irradiante* do Sol. Nessa quantidade fenomenal de energia diariamente despreendida e que se perde no vácuo onde o frio é de 273 graus abaixo de zero, só uma pequeníssima porção é apanhada pela Terra; mas, assim mesmo, é uma quantidade enormíssima de calor (*sic*). Esse calor produz os fenômenos geológicos atuais, o vento as chuvas, cria as árvores e os animais, sustenta a sociedade dos homens. O alimento que comemos é calor solar transformado em substâncias orgânicas. Ora, é impossível que essas substâncias regenerem o calor despendido pelo sol, não que no fim de tudo não haja a mesma quantidade de calor, mas esse calor *nunca mais chegará à temperatura* do calor solar. Portanto uma queda continua de grau no calor solar, isto é, na sua *qualidade*. Portanto todas as energias não decaem na *quantidade* mas na *qualidade*. Chama-se a isso de *desperdício de energias*.

¹¹⁶ OITICICA, J. Catecismo anarquista – *A Vida*, n. 5, 31.03.1915. p. 78.

- *Qual é então a formula geral do funcionamento atual do Universo?*

- É que todas as energias de tipo superior se transformam em energias de tipo inferior e essas decaem sempre de grau até chegar ao equilibrio estavel de 273 graus abaixo de zero.

- *E o homem que representa?*

- O homem é um aparelho em que se passam essas transformações sob a aparencia da vida.

- *Explique isso mais claramente.*

- O homem desde a fecundação do ovo materno absorve energias químicas, que são um complexo de energias de tipo superior e inferior. Essas energias químicas são compostas pelas plantas com o calor haurido do sol, sendo enorme a quantidade necessária para essa composição. No organismo essas energias químicas se libertam e se vão transformando em *calor vital*. De modo que, em ultima análise, o homem é um transformador de *calor solar* acumulado em *calor vital* que se perde.

- *Pode então definir a vida humana?*

- É um equilíbrio instavel de energias de tipo superior no organismo do homem e cujo fim é um desprendimento de calor inaproveitavel.

- *Esta noção esclarece o problema social?*

- É a chave segura da sua solução. Até agora as soluções se teem bazeado em hipotезes mais ou menos fantásticas. A religião por exemplo, dá como fundamento da questão social a nossa dependência para com um deus a quem ofendemos e que nos recompensará ou punirá em outra vida. Um sentar numa noção exata, num principio necessariamente todos os atos humanos. Essa noção como veremos, nos fornece a definição precisa e científica do *bem* e do *mal* e portanto da *moral*, o que até hoje não foi feito¹¹⁷.

Seguindo o longo texto em número posterior de *A Vida*, Oiticica humaniza suas reflexões em torno do conceito de energias, visando que seu público leitor atue como agentes transformadores da sociedade. Em sua escrita percebe-se o Universo se diluindo, reduzindo até chegar no homem, nas individualidades, percebe-se uma característica pedagógica de Oiticica para a compreensão do homem enquanto agente criador e transformador nas manifestações universais.

- *Que consiste o problema social sob o ponto de vista da energetica?*

- Consiste em transformar a sociedade de tal maneira que se extingam as causas fundamentais dos enormes desperdícios de energias humanas e se crie uma organização tal que essas energias aumentem o mais possível.

- *Pode discriminar essas energias humanas e definil-as?*

- Posso. Em primeiro logar o homem é, como os animaes, um aparelho transformador de energias; mas um aparelho sujeito a inúmeras influencias que lhe podem aumentar ou diminuir a

¹¹⁷ *Idem.* p. 78 – 79.

capacidade de trabalho e, conseqüentemente, a força produtiva. Um defeito orgânico, uma doença diminuem as vantagens do aparelho ou impedem mesmo de funcionar. Logo este aparelho representa ele mesmo uma energia: a energia *orgânica*. Essa energia se mantém ou desenvolve pela *ginástica* e pela *higiene*.

Entretanto, reduzido as suas forças musculares o homem se cingiria a apreender as energias naturais *diretamente favoráveis* á sua vida, sem poder transformar as que só *indiretamente* lhes fossem favoráveis¹¹⁸.

O homem agente transformador, também é reconhecido como um ser limitado e influenciável pelas forças exteriores, devido aos fatores como doenças, por exemplo. Oiticica segue expondo as cinco energias orgânicas pertencentes nos seres humanos:

- *Então temos uma nova energia humana?*

- Sim. Essa apropriação crescente é fruto da *invenção* humana e da *imitação*. Por invenção entendemos a criação de *idéas* e de *aparelhos*. A Idea fornece a compreensão do modo de apropriação e o processo de apropriação, o aparelho executa a apropriação, mas é também um resultado de idéas.

Por *imitação*, entendemos a possibilidade humana de repetir, no espaço e no tempo, as invenções de um só homem (...)

Ora quer a *invenção* quer a *imitação* decorrem do que se chama a *inteligencia*, isto é, a capacidade cerebral de relacionar *sensações, percepções, noções e juízos*.

Temos assim a energia *intelectual*.

- *Qual a condição porem para que se manifeste utilmente essa energia intelectual?*

- É indispensável que haja alem da coordenação das idéas com a previzão. Esse é o papel do que se convencionou chamar *vontade* essa manifestação se chama o *ato humano*; mas, para que esse ato humano se produza revelando um *fim* especial previsto pela intelligencia, é imprescindível que se opere um proceso de *determinação da vontade*. Essa determinação da vontade chama-se *conciencia moral*, diferente da simples *conciencia intelectual* ou *ideativa*.

D'ai uma nova energia humana: *a energia moral*.

- *Mas essa energia, afinal de contas não é uma energia intelectual?*

- Sim, como a própria energia intelectual é no fundo uma energia orgânica. Não ha aqui entidades, mas simples modos de manifestação de energia intelectual, sob o ponto de vista da sociedade, que o mesmo individuo pode ter ideas e planos geniais e ser incapaz de executal-os por fraqueza de vontade.

- *Está entendido. Continue.*

- Alem dessas trez energias ha outras duas.

Sabemos que o homem é um deposito de heranças. Ele herda as formas físicas dos seus antepassados, as qualidades mentais, vícios,

¹¹⁸ OITICICA, J. Catecismo anarquista: terceiro ponto – em: *A Vida*, n. 6 – 30.04.1915. p. 94 - 95

taras e aptidões. Assim, nem todos tem a mesma força auditiva, a mesma acuidade visual, os mesmos dons matemáticos ou oratórios, a mesma riqueza vocal. O homem nasce com sua *vocação*, isto é, disposições especiais, que a evolução organica nele acumulou com maior ou menor intensidade. Entre dois musicos que estudem juntos necessariamente progridirá muito mais aquele que tiver, em mais alta escala, os *dons* inatos, o que fôr mais *dotado* pela natureza.

Neste ultimo, embora seja a mesma a inteligência e a força de vontade, é as vezes embora sejam inferiores, ha uma energia de *aptidão* ou *energia pratica*. Essas aptidões não se limitam á simples execução mecânica, mas se estendem até as aptidões de direção, de criação mental, de simplificação, de ensino, etc.

- *Compreendo; qual é a ultima espécie de energia humana?*

- É a *energia social*. E a energia que provem da *união* ou da *associação*. Si dez indivíduos, separadamente, podem produzir dez metros de pano num dia, esses mesmos indivíduos associados, dividindo entre si o trabalho, podem produzir cem metros. É o que foi demonstrado pelo fundador da *Economia Política*, Adam Smith e que hoje se conhece pelo nome de *lei da divisão do trabalho*. Logo, si a união aumenta a capacidade de trabalho é uma energia¹¹⁹.

As capacidades de inventar e imitar, as manifestações intelectuais, as expressões vocacionais e sua prática, as interações sociais, conjunto de fatores que seriam as bases para a personalidade, significados para o existir humano, Oiticica fragmenta, dilui o Universo, até chegar o homem, partindo em seguida do único para o coletivo. Utilizando de método semelhante ao de Platão e do renascentista Giordano Bruno, através da produção e configuração de diálogo¹²⁰, Oiticica lança ao leitor seu papel no cósmico, e sua ação produtiva, o homem enquanto elemento necessário para a existência de um infinito. Mencionando Adam Smith, nosso protagonista vê na divisão do trabalho um aspecto de ação solidária entre o conjunto de individualidades inseridas em um processo de materialização ao contrário da análise hobbesiana de que o homem encontra-se em estado de guerra, as ações coletivas, as energias em harmonia resultariam na anarquia.

- *E a sociedade atual não cuida do aproveitamento e da intensificação dessas energias?*

- Não. O anarquismo é a doutrina que reconhece esse desaproveitamento e procura pôr termo a isso. No ponto seguinte desenvolverei o que ficou apenas indicado na *Introdução*, mostrando como a sociedade atual não cuida nem pode cuidar devidamente do

¹¹⁹ *Idem*.

¹²⁰ O diálogo como forma de expressar idéias podem ser encontradas em: BRUNO, G. *Sobre o infinito, o universo e os mundos* – São Paulo; Abril Cultural, 1973. (Os pensadores). A extensa bibliografia dos textos de Platão em forma de diálogos pode ser localizada em: [http:// pt.wikipedia.org/wild/Plat%c3%A3a#Di.alogos](http://pt.wikipedia.org/wild/Plat%c3%A3a#Di.alogos).

maior aproveitamento das energias humanas e pelo contrario se baseia em princípios inteiramente opostos a esse fim¹²¹.

O *Catecismo anarquista*, iniciado no segundo número da revista *A Vida*, foi publicado em partes até seu sétimo número, texto sem assinatura, mas confirmado por José Oiticica meses depois em troca de cartas com o jurista liberal dr. Silva Marques estampadas no jornal quinzenário *Na Barricada*, fazia parte do projeto de sistematizar o ideário anarquista, que seu autor vinha refletindo há tempos¹²², descrevendo pontos como as manifestações e alterações decorridas dos fatores das energias físicas, mentais, morais práticas e sociais, expostas como os agentes determinantes para as transformações humanas junto a natureza e tendo a maior felicidade como principal objetivo nos leva a compreender os indivíduos como construtores de sua existência, cada ser responsável pela seu existir e participar junto a coletividade, o seu “cuidado de si” seria como um estilo, uma prática para liberdade, a experimentação de novas mentalidades e vivências, um retorno a antiguidade, um viver, inventar uma ética como *um esforço para afirmar a própria liberdade e dar a sua própria vida uma certa forma na qual podia se reconhecer e ser reconhecido por outros e aonde a posteridade mesma poderia encontrar como exemplo*¹²³.

Dentro destas suas observações que Oiticica atuará como militante anarquista visando a instrução, orientação e mobilização dos indivíduos não como dirigente, nem intermediário, mas como um semeador na busca da formação de mentes que tenham expressões libertadoras para uma sociabilidade de melhor possibilidades de existência, mentes que visualizem e busquem a redução de suas infelicidades diante dos agentes responsáveis pelo desperdício de suas energias.

- *Porque não pode a sociedade atual aproveitar o mais possível as energias humanas?*

- Porque seus princípios fundamentais exigem sempre um grande desperdício, que se pode elevarem certas circunstancias, a cerca de cento por cento (nas guerras).

- *Quais são esses princípios?*

¹²¹ *Idem*, p. 95

¹²² *Essa systematização eu a tentei e creio ter chegado a realizal-a definitivamente, nos seus pontos capitaes e um dia a publicarei sob o titulo de Systema de Sociologia Anarchista.*

V. poderá ver em resumo os meus trabalhos insertos na revista A Vida, sob os ítulos: O desperdício da energia feminina e O Catecismo anarquista (incompleto)”. OITICICA, J. Segunda Carta ao Dr. Silva Marques – em: *Na Barricada*, 16 de setembro de 1915 –

¹²³ FOUCAULT, M. Uma estética da existência – em: _____ *Por uma vida não - fascista – Sabotagem*; www.sabotagem.cjb.net. (último acesso em 25.05.2008) p. 74. Texto original retirado e traduzido de _____ *Dits et écrits*- Paris; Guillimard, 1994. Vol. IV, p. 730 -735.

- São os seguintes: o *direito de propriedade*, a *jerarquia social e administrativa*, a *concorrência econômica*.

Oiticica utiliza-se da ciência para expor o papel e força de ação dos indivíduos na organização e transformação social, buscando no conhecimento e expressar científico os meios para a supressão da necessidade de todos. Assim sendo, seu anarquismo não se expressa apenas como simples metodologia de ação, de um simplório conceito de sociedade livre, mas, seguindo a concepção científicista do libertário russo Pietr Kropotkin, uma complexa teoria filosófica e social, que deve ser desenvolvida sobre a base sólida da indução aplicando-a nas instituições humanas.

Verificadas as grandes descobertas da indestrutibilidade da matéria, da variedade das espécies, da unidade das forças físicas e da sua conseqüente ação sôbre a matéria animada como sôbre a inanimada, as demais que, por brevidade, deixamos de mencionar, as ciências, que, nas suas modalidades especiais, estudam as conseqüências dessas descobertas, procuram neste momento as segundas aproximações que, com maior perfeição, correspondam às realidades da natureza¹²⁴.

O conhecimento científico, para os anarquistas, juntamente à alfabetização, o conhecimento dos direitos individuais e de produção, seria necessário, para uma vivência social igualitária nas experimentações libertárias cotidiana.

2.2 – Cenas de um diálogo imaginário

As experimentações, objetivando a formação intelectual autônoma dos trabalhadores e ampliar as mentalidades libertadoras, provocaram as criações de Centros de Estudos Sociais em diversas localidades. No Rio de Janeiro surge o Centro de Estudos Sociais, contando não apenas com anarquistas, mas com militantes de diversas correntes políticas¹²⁵, esses diversos militantes se encontravam em reuniões noturnas

¹²⁴ KROPOTKIN, P. *O humanismo libertário em face da ciência* – Rio de Janeiro; Mundo Livre, 1964. p. 8.

¹²⁵ *Na Barricada*, que será de início órgão porta-voz do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro, informando eventos, conferências e publicação de artigos dos intelectuais e militantes ali inseridos, apresenta em vários números os colaboradores do jornal, que podemos direcioná-los também como possíveis membros do Centro de Estudos, segue os nomes: Lopes Trovão, Pedro do Couto, Coelho Lisboa, José Oiticica, Carlos de Vasconcellos, Campos de Medeiros, Sampaio Ferraz, Hermes Fontes,

para a discussão sobre as orientações dos trabalhadores e a realização de debates e conferências. Eram agitadas reuniões que ocorriam nas noites de toda sexta-feira, *muitas vezes consagradas a debates entre os socialistas e os anarquistas(...)*¹²⁶, e liberais, discussões e debates acaloradas que eram divulgadas nas páginas de *Na Barricada*.

Oiticica travou no jornal *Na Barricada* um intenso e longo debate com o jurista e liberal Dr. Silva Marques, que se estendeu por vários números. O início deste debate ocorreu após a publicação de um artigo do Dr. Silva Marques em que este aponta suas reflexões em torno das questões sociais, o artigo intitulou-se “A gente odiosa”¹²⁷. Os argumentos e ponderações de José Oiticica em resposta ao jurista intitulado “As causas do crime – Carta aberta ao Dr. Silva Marques”¹²⁸ resultou numa série de trocas de idéias, artigos com caráter erudito, tendo constantes referências e citações de pensadores clássicos, mas visando fácil interpretação dos leitores, já que *Na Barricada* buscava alcançar principalmente o operariado. Vale salientar que este período era marcado por um número imenso de analfabetos, uma das técnicas adotadas pelos operários leitores para a maior extensão dos saberes expressos era a leitura em voz alta para os não-letrados, ato não decorrendo apenas entre os trabalhadores, mas executado nos Centros de Estudos Sociais e nos diversos espaços de presença libertaria¹²⁹.

Domingos Ribeiro Filho, Theodoro de Magalhães, Reis Carvalho, Mauricio de Lacerda, Sarandy Raposo, Silva Marques.

¹²⁶ DULLES, J. W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil* – Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1977. p. 36.

¹²⁷ MARQUES, S. A gente odiosa – *Na Barricada*, 19.08.1915

¹²⁸ OITICICA, J. As causas do crime – Carta aberta ao Dr. Silva Marques – *Na Barricada*, 02.09.1915.

¹²⁹ Sobre esta “leitura solidária” vale mencionar que ela não era apenas desempenhada por anarquistas, mas também por militantes de outras escolas de pensamento social. Prática que decorre de longa data, vindo do continente europeu e aos poucos sendo realizada em várias localidades no continente americano, tendo um destaque maior na América espanhola. Alberto Manguel, descreve rapidamente suas primeiras práticas na América: “Em 1865, Saturnino Martinez, charuteiro e poeta, teve a idéia de publicar um jornal para os trabalhadores da indústria de charutos, abordando não somente a política, mas publicando também artigos sobre ciência e literatura, poemas e contos. Com o apoio de vários intelectuais cubanos, Martinez lançou o primeiro número de *La Aurora* em 22 de outubro daquele ano (...) Ao longo dos anos, *La Aurora* publicou trabalhos dos principais escritores cubanos da época, bem como traduções de autores europeus como Schiller e Chateaubriand, críticas de livros e peças de teatro e denúncias sobre a tirania dos donos das fábricas e o sofrimento dos trabalhadores (...)

Mas Martinez logo percebeu que o analfabetismo impedia que *La Aurora* se tornasse realmente popular, na metade do século XIX, apenas 15 % da população cubana sabia ler. A fim de tornar o jornal acessível a todos os trabalhadores, ele teve a idéia de realizar uma leitura pública. Aproximou-se do diretor do ginásio de Guanabacoa e sugeriu que a escola auxiliasse a leitura nos locais de trabalho. Entusiasmado, o diretor encontrou-se com trabalhadores da fábrica *El Fígaro* e depois de obter a permissão do patrão, convenceu-os da utilidade da empreitada. Um dos operários foi escolhido como *lector* oficial, e os outros o pagavam do próprio bolso. Em 7 de janeiro de 1866, *La Aurora* noticiava: ‘A leitura nas fábricas começou pela primeira vez entre nós e a iniciativa pertence aos honrados trabalhadores de *El Fígaro*. Isso constitui um passo gigantesco na marcha do progresso e do avanço geral dos trabalhadores, pois dessa maneira eles irão gradualmente se familiarizar com os livros, fonte de amizade duradoura e grande entretenimento.’ (...)

Este debate, vigoroso e amistoso, exposto ao público através de várias cartas-abertas, certamente buscavam levar as pessoas distantes daquele espaço - Centro de Estudos Sociais – a terem a compreensão dos debates e idéias que ali aconteciam, apresentando, o entendimento particular de um e de outro sobre as idéias e suas diferentes interpretações sobre os problemas sociais, uma forma de propagar e divulgar o espaço demarcado, deslocando-o para lugares diversos. Para Oiticica as suas concepções conceituais, táticas e estratégicas apresentadas poderiam ser acolhidas pelos trabalhadores e pelos anarquistas¹³⁰. Transcreveremos partes destes escritos como uma troca de diálogo, na tentativa de presenciar o calor dos debates decorridos no interior do Centro de Estudos Sociais carioca e de compreender, como um diálogo “*a lá maiêutica*” a atuação de José Oiticica neste espaço de ação militante, objetivando identificar suas percepções e concepções sobre o anarquismo, visualizar suas interpretações sobre as suas leituras e a sua interpretação libertária, diálogos realizados com suas escritas, e o manifestar da sua *forma de reflexão, de estabelecer uma relação de forças consigo mesmo, uma forma de mostrar-se, de transformar-se (...)* Só que esta escrita não pode ser autoreferência das feitas de outras escritas e experiências não se basta em si mesma. Ela tem que ser socializada, completada com a leitura do outro e com a sua reescrita¹³¹.

Silva Marques – Os anarchistas, que cumpre não confundir com os dynamitistas, condemnam systematicamente todas as formas de governo¹³².

José Oiticica – Experiente dos nossos homens dos nossos habitos governamentais, indignado com a tropilha dirigente, v.s. dá razão aos anarchistas no condemnarem radicalmente a todos os governos.

E v.s., num rasgo de justiça rara, insiste em não confundir anarchista com dynamitista¹³³.

Outras fábricas acabaram seguindo o exemplo de *El Fígaro*. tiveram tanto sucesso essas leituras públicas que em pouco tempo ganhavam a reputação de subversivas (...)” Conferir em: MANGUEL, A. *Uma história da leitura*, 2. ed. – São Paulo; Companhia das Letras, 2003. p. 132 – 133.

¹³⁰ NASCIMENTO, R. H. Z. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil* – São Paulo; PUC/SP; Tese de doutoramento em Ciências Sociais, 2006.

¹³¹ LOPONTE, L. G. Escritas de si (e para os outros) na docência em arte – Revista Eletrônica Centro de Educação, n. 2 - vol. 31, 2006 – <http://aoralx.ufsm.br/revce/revce/2006/02/at.htm>

¹³² SILVA MARQUES A gente odiosa – em: *Na Barricada*, 19.08.1915

¹³³ OITICICA, J. *As Causas do Crime Carta aberta ao Dr. Silva Marques* – em: *Na Barricada*, 02.09.1915

Marques – Não há governo bom. Os melhores são aquelles que se limitam, como dizia Helvécio, a fazer passar por meios diversos, o dinheiro da parte governada para o bolso da parte governante.

Os outros não se contentam com tão pouco; vão muito mais longe para desespero dos governados. Não concordo, entretanto, com os anarchistas quanto a condemnação de toda especie de governo¹³⁴.

Oiticica – V.s. constitucionalista, homem, pois, do direito reconhece o mal profundo da organização actual, da archia, do regimen da autoridade, proclama-o bem alto, mas tem alma, na sua psychê de jurista emérito, a idolatria da justiça e da Themis soberana. Queima-lhe incenso; acha-a Moloch, mas adora-a, da-lhe a beber o sangue morno, o mosto symbolico, faz-se sacerdote dessa religião tyranna e necessaria¹³⁵.

Marques – A parte bôa da humanidade, aquella que poderia fazer da moral applicada uma lei de amor, é muito diminuta.

(...)

Uma grande parte dos homens, ao contrário é composta de ladrões da peor espécie, porque não batem carteira nem atacam na estrada, como fazem os profissionaes, mas chegam ao mesmo resultado, evitando cuidadosamente as malhas do Codigo Penal¹³⁶.

Oiticica – Veja, meu illustre confrade, que a sua cultura juridica lhe turba a visão clara e nunca lhe permitiu deitar os olhos á doutrina anarchista na sua pureza de sonho e programma.

(...)

Dê-se o meu confrade a esse curioso estudo e verá que todos, ou quase todos, os crimmes, afora os casos de loucura, provém de duas fontes; o amor e o dinheiro. Note bem que incluo até os chamados crimmes politicos.

Vou muito mais longe. Sabe o meu confrade que os males sociaes não são apenas os crimes; ha tambem o jogo, a embriaguez, os vicios anti-sexuaes, a prostituição, o alcoolismo, o analphabetismo o parasitismo, a miseria e a guerra.

Todos esses males provem das mesmas fontes: amor e dinheiro. Isto é, as duas fórmas de propriedade particular.

(...)

¹³⁴ SILVA MARQUES, *idem*.

¹³⁵ OITICICA, J. *idem*.

¹³⁶ SILVA MARQUES, *idem*.

Considere também o formidável desperdiçamento de riquezas imposto pelo regimen da propriedade. Elle exige a distribuição e a sua garantia, isto é, os tribunaes, a policia, o exercito, a marinha, os advogados, os meirinhos, os tabelliães, os escrivães, os curadores, toda a massa inutil de funcionarios – de ministros a serventes, - ventosas sugadoras do sangue do trabalhador maltrapilho e esfomeado¹³⁷.

Marques – Naturalmente aos anarchistas constam com o aperfeiçoamento pela evolução, mas estão muito e muito enganados, como aconteceu com Christo, que mal tinha pregado a doutrina redemptora, viu-se cercado por phariseus de todas as cathogorias, que levaram desapiedadamente ao supplicio da cruz.

(...)

Dahi para cá, que temos observado que não seja uma diminuição sensível de todas as virtudes moraes que habilitavam o homem.

Quem tem, portanto, razão neste assumpto, não são os reformadores, não é o individualismo dos anarchistas, os mais sinceros sonhadores dos tempos modernos, não é o communismo dos socialistas que exploram a ignorância do proletariado para serem deputados e senadores, não é a tyrannia, o novo “crê ou morre” dos positivistas, é Kant, quando sustenta que a moral applicada á esphera social não é uma lei de “amor”, mas uma lei de “respeito”¹³⁸.

Oiticica - Vale-se v.s. de Kant, que rejeita a lei do amor, fórmula christã e positivista, desmoralizada, e arvora a lei do respeito, mantida pelo carcere, pelas bayonetas, pela educação civica.

(...)

O meu confrade labora num grande equivoco, suppondo que o anarchismo se baseia na lei do amor. Engano, o anarchismo, que dizem ser utopia, varre dos seus ensinamentos todas as utopias de que nos temos imbaído até hoje: os deuses, a moral eterna, o amor do proximo. É uma doutrina procladamente egoísta. Seu fundamento não é o amor, é a solidariedade. Não faço nada por amor ao proximo: faço porque o bem estar alheio aumengta o meu bem estar e o auxilio mutuo é o unico meio de alcançar uma relativa felicidade individual.

Cuido da doença alheia, porque o soffrimento alheio me faz soffrer. Todo sentimento de sacrificio é apenas uma quintessencia deste sentimento egoista de solidariedade: augmento continuo do bem commum para augmento do meu bem. Eu

¹³⁷ OITICICA, J. *idem*.

¹³⁸ SILVA MARQUES *idem*.

sosinho seria infeliz; eu só feliz, seria infeliz. Eis a fórmula a que cheguei para definir a moral egoísta do anarquismo.

Não cremos em redemptores, nem, como supõem o meu confrade, na evolução. Estamos fartos de evoluções. O homem não envolve moralmente; adapta-se. Eis porque o christianismo nada fez, pois pretendeu forçar o homem a uma construção moral, sem transformar o ambiente social, o systema social do imperio antigo.

Mudemos o regimen economico e social moderno, mudaremos de subito a moral humana. A maioria má será então maioria boa.

Com as leis, os cárceres, os livros de educação, o patriotismo, e outros tantos idolos e pressões nada adiantaremos¹³⁹.

Silva Marques – Da leitura que fiz, ha uns bons pares de annos, de Proudhon, Bakounine, Kropotkine, Eliseu Réclus, Jean Grave, Sebastião Faure, pareceu-me que esses grandes apóstolos da nova ordem social, contrariando os pregadores do abominavel despotismo socialista, reduziam a moral applicada ás relações entre os homens a uma lei de amor, em contraposição á lei do respeito, que não se apóia senão na força, que não se impõem senão pelo temor do cárcere ou da força.

(...)

ponto que me abalou profundamente, foi a affirmação categorica do illustre confrade – que o anarquismo condemna em absoluto a propriedade particular, como causa da miséria dos homens.¹⁴⁰

Oiticica – O que lhe propuz foi o seguinte, as causas fundamentais dos crimmes e vicios humanos, portanto do mal humano, são o dinheiro e o amor. Isto é, as formas capitais da propriedade particular.

(...)

V. tem lido os autores anarquistas. Uma cousa é ler os outros e apprehender. V. leu esses autores com o espirito de jurista e esse espirito estragou-lhe a leitura¹⁴¹.

¹³⁹ OITICICA, J. *idem*. A interpretação de Oiticica em relação ao amor aproxima-se do pensamento do anarco-individualista alemão Max Stiner, entende o amor enquanto manifestação ética e não em sua concepção religiosa. “O homem amante age por amor aos seus irmãos não tendo regra geral, nenhuma vontade própria. ‘Que seja feita, não a minha vontade mas a tua’, é esta a sua fórmula favorita; o homem de razão não quer realizar nenhuma outra vontade que não seja a sua e concede a sua estima ao que obedece à sua vontade pessoal, e não ao que segue a de um outro. Assim, o amor perfeitamente ter razão contra o egoísmo pois é mais nobre fazer a vontade de outro que a sua própria, e realizá-la do que deixar-se aguilhoar, sem vontade, pela avidez excitada diante da primeira coisa aparecida. É mais nobre deixar-se determinar por outro do que simplesmente não se determinar, deixando-se ir. Mas contra a liberdade o amor não tem razão porque é somente nela que a determinação de si acede à sua verdade.”- conferir em STINER, M. *Textos dispersos* – Lisboa; Via Editorial, 1979. p 121.

¹⁴⁰ SILVA MARQUES, Resposta ao Dr. José Oiticica – em: *Na Barricada*, 09.09.1915

¹⁴¹ OITICICA, J. Segunda Carta ao Dr. Silva Marques – em: *Na Barricada*, 16.09.1915

Marques – Qual seria então o móvel dessa solidariedade? Só poderia ser o interesse, e elle mesmo o diz por outras palavras.

Nesse caso teríamos voltado á doutrina utilitaria de Bentham, Owen e James Mill que, não admittindo nos homens nenhum móvel desinteressado, concluem que elles só podem praticar o bem por interesse¹⁴².

Oiticica – V. deveria replicar-me demonstrando que não, que o dinheiro, isto é a ambição de acumular riqueza produzida por todos, com a possibilidade de o fazer, não concorre para o crime; que o amor-propriedade, o amor-negocio, o amor-contracto, o amor-encargo, todas as formas ominosas dos crimes (incestos, abortos, infanticidios, assassinios, suicidios, adulterios, etc.) e de vícios detestaveis (prostituição, onanismo, saphismo, etc.)¹⁴³.

Marques – Se é verdade conforme sustenta o illustre confrade, que o anarchismo condemna também a propriedade privada e quer substituil-a pela propriedade commum, não vejo diferença alguma entre elle e o socialismo.

Com effeito, anulada a propriedade particular, as terras e todos os bens existentes passarão a ser o patrimonio de todos. Terão naturalmente de ser cultivadas e, como não será permittida a propriedade particular, o produto do trabalho pertencerá tambem a todos e teremos assim cahido no systema communista, que eu condemno como o mais insuportavel dos despotismos.

(...)

Eu sustentei (...) que os homens, na sua maioria são naturalmente maos. Sera talvez difficil convencer-me do contrario.

Tenho para isso a prova da historia, que pode ser enganadora, e a prova da experiencia, que não vejo meios de destruir.

Thomas Hobbes, o glorificador dos abjetos Stuarts e Tudors, sustentou a doutrina da maldade humana, nas sociedades primitivas, do homo homini lupis, e o estado permanente de guerra bellum omnium contra omner.

Sera talvez a única verdade do seu repulsivo systema¹⁴⁴.

Oiticica – V. se arrima em Hobbes e afirma que tem prova da historia e da experiencia.

¹⁴² SILVA MARQUES, *idem*.

¹⁴³ OITICICA, J. *idem*.

¹⁴⁴ SILVA MARQUES, *idem*.

Ora, meu amigo, a prova da historia e da experiencia não valem nada neste caso. Eu affirmo que o regimen da archia é a causa do mal e V. nega, dizendo que a historia da sociedade archista mostra que o mal sempre existiu. Poderá.

Como poderia a historia provar o contrario, se a historia é exactamente a vida dos homens sob o regimen da propriedade particular?

Se V. tomasse a historia de uma sociedade communista, como a entendem os anarchistas, e mostrasse que nella os mesmos crimes e vicios apparecem, teria dado prova procurada. Mas servir-se da historia da sociedade que combatemos para concluir contra uma accusação a essa sociedade, ao seu regimen de propriedade, apontando como a causa do mal, é contraproducente, é uma sophisma calvo demais.¹⁴⁵

Marques - Tudo quanto tenho ganho nestes ultimos 30 annos desapareceu nas mãos dos mais necessitados do que eu, e ainda hoje mantenho o mesmo costume que para mim não é uma segunda natureza, mas uma parte della, tanto mais que considero a ingratição um incentivo para a pratica do bem¹⁴⁶.

Oiticica - V. tem feito beneficios em dinheiro e serviços, e, em troca, recebe ingratições. Isso, meu amigo, prova apenas que a nossa sociedade é tão ruim que os nossos irmãos precisam de beneficios nossos, precisam da caridade dos outros. V. não refletiu, por não ser compenetrado da doutrina anarchista, em que a caridade, é positivamente uma vergonha, uma humilhação infligida e um companheiro que muitas vezes estende a mão aos seus proprios algozes, inferiores em talento, em illustração, em character.

(...) A sociedade deveria estar organizada de tal modo que fosse dispensado o beneficio, em todos tivessem, igual direito ao pão, á instrução, ao prazer.

A caridade é uma valvula de segurança sustida pelos exploradores. Se os ricos, durante uma semana, fechassem completamente a sua bolsa, teriamos a formidavel revolução do proletariado trabalhador, na reivindicación dos seus direitos.

(...)

Comprehenda, meu amigo, que, sem a propriedade particular, os seus beneficios seriam inteiramente dispensaveis e que portanto ninguem seria ingrato para com V.

A ingratição não existiria. Os ingratos, esses homens maus passariam a ser, naturalmente, homens bons. Elles só existem, porque existem os beneficiadores: os beneficiadores só existem porque existem ricos e pobres; estes só existem porque existe

¹⁴⁵ OITICICA, J. *idem*.

¹⁴⁶ SILVA MARQUES, *idem*.

o dinheiro; e o dinheiro é a propriedade subdividida, accumulavel por alguns, apossada pelos mais espertos, pelos mais ladrões, pelos mais tyranos¹⁴⁷.

Marques – Se é verdade, conforme sustenta o illustre confrade, que o anarchismo condemna tambem a propriedade privada e quer substituil-a pala propriedade commum, não vejo differença alguma entre elle e o socialismo.

Com effeito, anulada a propriedade particular, as terras e todos os bens existentes passarão a ser o patrimônio de todos. Terão naturalmente de ser cultivadas e, como não será permittida a propriedade particular, o producto do trabalho pertencerá também a todos e teremos assim cahido no systema communista que eu condemno como o mais insuportavel dos despotismos¹⁴⁸.

Oiticica – (...) o illustre amigo não vê diffença radical entre o anarchismo e o socialismo desde que o anarchismo condemna em absoluto a propriedade particular. Nesse caso acha V. que o anarchismo cae no regimen do socialismo de Estado, que V. condemna (com toda razão) como o mais insuportavel dos despotismos¹⁴⁹.

O socialismo e o anarchismo erigem-se actualmente em grupos distinctos de ideal e propaganda reconheciveis pelo seguinte indicio: o socialismo é um partido politico, elege deputados, crê nas eleições e no Estado e é tolerado pelas leis, pela policia, pela burguezia; o anarchismo condemna a representação politica, não cre no Estado, não admite leis garantidas pela força, detesta e é detestado pela policia, não é tolerado em parte alguma pela burguezia.

(...)

Dividem-se os socialistas em dois grandes partidos: os socialistas de Estado e os socialistas collectivistas.

Os primeiros admitem o Estado moderno, engrandecem-no, querem á nacionalização de todos os serviços para evitar o monopolio e a concorrência.

Caracteriza-se pelo seguinte: a) admite a propriedade particular; b) admite a autoridade do Estado com todo o apparelho governamental de coacção e repressão; c) não quer concorrência.

Lieb knecht chamou a esse socialismo o capitalismo do Estado. É evidente que a supressão da concorrência e do monopolio particular se faria a custa de um monopolio

¹⁴⁷ OITICICA, J., *idem*. Vale mencionar que a caridade era totalmente reprovada por Oiticica, não reconhecia nela um caráter de solidariedade, mas sim um mecanismo de controle, visando apaziguar os espíritos rebeldes..

¹⁴⁸ MARQUES, S. Resposta ao Dr. José Oiticica - *Na Barricada*, nº 14 – 09.09.1915)

¹⁴⁹ OITICICA, J. *idem*.

estadual, tendo o monopolizador o direito de impor, fiscalizar e defender o seu monopólio.

(...)

O socialismo collectivista caracteriza-se pelo seguinte: a) admite a propriedade particular na medida do trabalho; b) admite a concorrência, regulando a oferta e a procura por um sistema variável de aumento ou diminuição das taxas de salário ou do número de horas; c) admite o Estado com leis, as remunerações, a representação parlamentar e administrativa.

(...)

O anarchismo se caracteriza pelo seguinte: a) abolição da autoridade social garantida pelas leis e pela força pública; b) abolição da propriedade particular mantendo-se apenas o usufructo dos bens colectivos na medida da necessidade; c) abolição, por conseguinte, da concorrência económica e do monopólio, do salário e do comércio, permanecendo apenas as trocas colectivas segundo as necessidades de cada grupo; d) direito de todos à alimentação, à saúde, à instrução, à arte, aos prazeres; e) obrigação voluntária ao trabalho regulado pelo acordo mútuo.

(...)

Querer portanto confundir o anarchismo com o socialismo e logo com o socialismo de Estado é cair em grave equívoco.

(...)

Partindo das doutrinas da energética onde aprende-se a conhecer o mundo vendo-me das doutrinas biológicas onde aprendemos a conhecer o homem, sua condição, seus fins, seu modo de ser, pude deduzir as leis gerais da agremiação para exploração da natureza em proveito do homem. Essa exploração exige, como qualidade máxima evitar o desperdício, tal qual vemos nas máquinas, e aumentar o rendimento. Esse rendimento se define por felicidade humana. A felicidade humana é o desenvolvimento integral do organismo, da inteligência, do sentimento, das aptidões, da sociabilidade para o gozo.

Isso só pode dar numa sociedade onde o homem não considere o outro homem um concorrente, um inimigo, um possível contendor, portanto numa sociedade onde a propriedade acumulável, representável por títulos, não exista, onde cada qual produza segundo as suas forças e receba segundo as suas necessidades¹⁵⁰.

¹⁵⁰ OITICICA, J. Terceira Carta ao Dr. Silva Marques - *Na Barricada*, nº 16 – 23.09.1915

Capítulo III – Percursos e experimentações libertárias

3.1 – Anticlerical e esotérico

Os primeiros contatos com militantes anarquistas obtidos por José Oiticica foram na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro local em que freqüentou e atuou no decorrer dos primeiros anos da década de 1910. O anticlericalismo estava fortemente ligado ao anarquismo, na sua característica de livre pensamento dos homens, assim como na perspectiva de progresso social por meio da ciência e da experiência¹⁵¹. Além desta convivência inicial, José Oiticica teve melhores informações sobre o ideal a que então se identificou devido o acesso à leituras ácratas. Assim como seus “novos” companheiros, Oiticica tem o anarquismo como idéia força, e as conferências e palestras sobre religião, anarquismo, a proposta pedagógica de Francisco Ferrer e sua educação racionalista além de questões sociais e operárias., resultavam em intensos debates que, provavelmente, incandesceram o espírito rebelde de nosso biografado,

Lá se conversava muito sobre salários. Também se procurava ver quem não sabia ler para ensinar. E foi lá que alguns amigos que gostavam de teatro começaram a se reunir e a fazer um grupo (...)¹⁵²

Para alguns, o anticlericalismo são os primeiros passos para o anarquismo, ou seja, a perda da fé, na crença divina, através do racionalismo e da reflexão humanista, seria como a transição da recusa da autoridade divina encorajando a recusa da autoridade humana¹⁵³. O anticlericalismo tem sua origem no decorrer do século XIX e foi grande responsável por uma gama de ações e discussões políticas tendo como principal meta a denúncia dos abusos clericais, essencialmente das religiões cristãs, além de incriminar a ação corrupta dos políticos e provocar a reflexão e o debate com bases científicas e sociológicas as questões classificadas como *naturais* pelos clérigos. Não se trata de um pensamento ateu, os anticlericais não negam a existência de Deus, trata-se de uma luta contra o autoritarismo clerical¹⁵⁴.

¹⁵¹ GOMES, A. de C. *A invenção do trabalhismo* – Rio de Janeiro; IUPERJ, 1988. p. 107.

¹⁵² BONI, E. Boni, E. Anarquismo em família –in: GOMES, A. DE C., FLAKSMAN, D. R. & STOTZ, E. *Velhos militantes* – Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 1988. p. 26.

¹⁵³ WALTER, N. *Do anarquismo* – São Paulo; Imaginário, 2000. p. 26.

¹⁵⁴ A *Lanterna*, principal periódico anticlerical edita em vários números a definição do combate anticlerical

Neste combate ao autoritarismo religioso, principalmente à igreja católica, que os anarquistas a consideravam como poderosa repressora do pensamento autônomo dos indivíduos através de dogmas em que procurava *incutir nos explorados a aceitação de seu destino miserável como um desejo de Deus, a religião corrompe a consciência social e ocasiona um conformismo letárgico, tornando-se aliada dos demais inimigos dos trabalhadores*¹⁵⁵, ou seja, o Capital e o Estado, baseados na propriedade privada. Em uma sociedade impregnada pelo analfabetismo, Oiticica solidarizava-se junto aos não letrados com seus conhecimentos científicos, expondo o esclarecimento e as reflexões sobre as questões sociais, seus problemas e tendo o anarquismo como idéia força, suas escritas e oratórias tramitavam uma experimentação visando o entendimento das propostas de uma organização social através de uma perspectiva libertária. Assim como seu contemporâneo e companheiro de militância Fábio Luz, nosso protagonista *não encarava a ciência e o saber erudito como instrumento de poder e dominação, mas sim como caminho da libertação, da formação de consciências libertárias*¹⁵⁶. Desta forma o espaço da Liga Anticlerical era local em que poderia expressar seus conhecimentos e suas reflexões libertárias seja através de cursos, palestras ou conferências, não se limitando apenas aos trabalhadores e aos não-letrados, mas a todos os interessados, independente de classe social e de formação intelectual, o que nos remete a compreender a quem estava orientado seus cursos, certamente, Oiticica visava levar as reflexões anarquistas as diversas individualidades como que dissolvendo as classes sociais existentes, compreendendo o anarquismo não como exclusividade de uma determinada classe.

-
- a) A luta contra os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdócio como profissão tendo o interesse material por base, etc, o que é importante para as camadas mais simples da população, que vêem o padre e não os dogmas e mitos, como importante foi, para o povo que não lia os enciclopedistas, a propaganda pelo libelo, pelo panfleto, contra a realeza, a nobreza e o clero.
 - b) Discussão filosófica e histórica dos dogmas e mitos, isto é, o antireligiosismo, tudo contra a base teórica da Igreja.
 - c) Luta contra a influência política da Igreja – pela acção directa, pela propaganda extraparlamentar.
 - d) Propaganda para mostrar o poder económico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fatora de crumirismo

¹⁵⁵ VALLADARES, E. *Anarquismo e anticlericalismo* – São Paulo; Imaginário, 2000.

¹⁵⁶ Conferir em: LIMA, J. T. de *A palavra e a pena: dimensões da militância anarquista de Fábio Luz (Rio, 1903/ 1938* – São Paulo; PUC, dissertação de mestrado, 1995. p. 10. Vale mencionar que para o anarquista baiano Fábio Luz, radicado no Rio de Janeiro a população analfabeta no Brasil na primeira república estava próxima de 80%.

O anarquismo não visa apenas emancipar os trabalhadores, pretende emancipar os homens (...) Acima da mera emancipação econômica, está certamente a emancipação moral e mental. Além do trabalho livre, está o pensamento livre e a ação livre¹⁵⁷.

A atuação anticlerical de José Oiticica era realizada através de sua inserção solidária junto aos militantes daquele órgão, distribuindo seus saberes sociológicos, filosóficos, históricos, pedagógicos para as diversas individualidades que compareciam nos eventos organizados pela Liga Anticlerical, nos diversos espaços e locais em que havia as possibilidades de suas realizações. Sua voz entusiasmava e alimentava intelectualmente os seus ouvintes. Inquieto, contribui também com o conhecimento letrado através da tradução de livros, como anunciou o principal periódico anticlerical, *A Lanterna*:

Já foi anunciado na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: “Historia da Inquisição na Idade Media”, vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessário insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe na mão dos anticlericais, dos livre-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. É um repositório admirável de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidável de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá a Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. para o primeiro fsciculo (*sic*) é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil¹⁵⁸.

A tradução e edição de um livro sobre a temática da inquisição medieval, certamente, visando o refletir sobre a igreja católica e sua atuação enquanto poder, enriquecendo intelectualmente a população nacional na expectativa de um fortalecimento e ampliação do movimento anticlerical. A publicação de tal obra em fascículos talvez fosse estratégia para o maior número de leitores das diferentes classes sociais, num baixo valor facilitando o acesso, possivelmente, ao chamado proletário

¹⁵⁷ OITICICA, J. Contra o sectarismo – em: _____ *Ação Direta* - Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 96 -97 – publicado originalmente no jornal anarquista *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 10.01.1929.

¹⁵⁸ Uma obra importante. – em: *A Lanterna*, n. 262 – 26.09.1914.

militante. Em anos vindouros, outra colaboração de Oiticica enquanto tradutor será a obra do poeta espanhol M. Rey o monólogo “*Onde está Deus?*”, com o pseudônimo de João Vermelho¹⁵⁹

Sem grandes dificuldades, Oiticica aproxima-se de outros militantes anarquistas como Elói Pontes, escritor, autor de um livro sobre o anarquismo, e o crítico e também escritor Elycio de Carvalho, mas ao contrário destes ácratas, Oiticica desenvolvera uma forte colaboração junto ao movimento operário¹⁶⁰, ampliando seus espaços de atuação, não se limitando apenas ao território da Liga Anticlerical. Sindicatos, Centros Operários, Centros de Estudos Sociais serão novos locais a serem “ocupados” e utilizados para o esclarecimento do ideário libertário e os questionamentos sobre o cenário e situação social.

Ainda em 1912, desloca-se da Liga Anticlerical para Escola Operária, em comemoração ao sexto ano de existência e funcionamento desta instituição, mais uma vez o público retribui com contentamento sua contribuição, segundo nos informa o jornal *Guerra Social*:

Realizou-se no dia 31 passado, como estava anunciado, a festa comemorativa do 6. aniversário da Escola Operaria Primeiro de Maio, em Vila Izabel, á rua Souza Franco, 64.

Às 8 horas da noute estava a séde onde funciona a escola completamente cheia de convidados.

A sessão foi aberta pelos alunos ao som da “Marselhesa de Fogo”, que foi muito aplaudida.

Em seguida o camarada Pedro Matero apresentou aos presentes o orador inscrito, José Oiticica, que dissertou durante uma hora, desenvolvendo o tema: A missão da Escola Racionalista, que agradou francamente o auditório¹⁶¹.

Em data posterior, através de ação coletiva com Centro Operário e a Liga Anticlerical, Oiticica dirige-se para a cidade interiorana de Petrópolis para realização de conferência tendo o anticlericalismo e o falecido pedagogo Francisco Ferrer como

¹⁵⁹ Conferir em: NEVES, R. das José Oiticica: um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil – em: OITICICA, *J. Ação Direta* – Rio de Janeiro; Germinal, 19170. p. 28

¹⁶⁰ Segundo Antônio Arnoni Prado ao analisar os primeiros intelectuais brasileiros que adentraram no movimento anarquista durante a primeira república, em sua escrita literário tem um caráter acadêmico, alterando-se com o tempo, com novos militantes, principalmente após 1910: “Esse ‘novo literato’ exigido pela ação libertária de uma revista (...) já não é mais o intelectual ilustrado ou o ‘retórico acadêmico transformado em anarquista’, e sim o próprio militante.” Essa característica, possivelmente pode-se materializar na atuação não apenas da escrita como nas oratórias. PRADO, A.A. Nota sobre cultura e anarquismo – em: _____ Trinchiera, palco e letras – São Paulo; Cosac & Naify, 2004. P. 139.

¹⁶¹ *Guerra Social*, n. 26 – 04.09.1912

temática a ser proferida aos frequentadores de Centro Operário daquela cidade. Os dias que antecedem tal evento, e marcado pela tentativa de boicote por parte de militantes religiosos, que através de sua imprensa, *O Centro*, e de sua entidade *Centro Popular Catolico Petropolitano*, solicitava a não participação da população e dos trabalhadores ao evento programado no Centro Operário, tendo ocorrido resultado contrário. Em longo relato, um dos presentes, através do jornal *A Voz do Trabalhador*, descreve a conferência e o “debate” inesperado nela decorrida, em que Oiticica com astúcia e conhecimento desvencilha de seus desafetos.

Chegámos a séde do Centro Operario Primeiro de Maio, ás 13 horas, depois de um belo passeio pela cidade serrana. Já lá estavam os camaradas Jozé Oiticica, orador, e Lacerda, 1. secretario da Liga.

Encontravámos tambem trez dos nossos adversarios, tendo vindo em seguida mais dous, um padre e um civil. Meia hora depois dava-se começo á conferencia.

Numa brilhante expozição, o dr. Oiticica atacou direta e enerjicamente a igreja catolica apostólica romana como sendo o mais poderoso fator de conservação da sociedade atual. Ao lado da Igreja, com toda a sua organização eclesiastica, está o Estado em pezo, com o militarismo e suas leis anti-naturais, e ao lado dos dous o Capital com a propriedade privada e a exploração economica.

Os nossos adversarios defendem a Igreja á qual pertencem: dizem que ela permite a liberdade de pensamento, que... tambem auxilia os pobres e, queremos suviza os seus sofrimentos, funda albergues noturnos, sociedades de beneficencia nos centros operarios, etc, etc, etc. (os tratantes como são espertos, hein?) Citam diversos santos apanhando crianças nas ruas, dando-lhes agazalhos, etc., e outras arengas. Responde-lhes brilhantemente o nosso camarada, que diz que se eles não acreditarem na santíssima trindade estarão ameaçados de ir para o inferno, no qual tambem teem de acreditar mesmo a contra-gosto; não podem, pois, permitir o livre-pensamento porque este é antagonico ao dogma.

Referindo-se ao que escreveu frei Pedro Sinzny no seu folheto sobre “a semana tragica”, de Barcelona, discorre o nosso camarada sobre as cauzas que a orijinaram: os frades recebiam crianças nos seus conventos, educavam-nas, ensinavam-lhes um officio e punham depois os seus produtos no mercado a preços inferiores aos propostos pelas cazas particulares; daí naceu uma tremenda crize (agravada pela guerra de Marrocos), levando a fome e o horror aos lares operarios.

Em vista desta dezleal concurrencia (*sic*) da parte da Igreja e horrorizadas com as carnificinas nos matadouros humanos de Marrocos, desesperados ao extremo, revoltaram-se as classes trabalhadoras, incendiando e destruindo conventos e igrejas em grande numero. Rezultou daí a prizão - ha muito planejada – do chefe (?) Francisco Ferrer, que foi mais tarde barbara e miseravelmente fuzilado.

Respondendo aos apartes dos nossos adversarios, que mostravam desde o principio o dezejo de interromper a conferencia, demonstrou detalhadamente o dr. Oiticica que a Igreja absolutamente

não póde emancipar os povos, apezar de todos os alberguez e beneficiencias e outros paliativos, que só servem para atirar poeira aos olhos dos pobres: nem emancipação social, nem intelétual (*sic*), nem moral.

(...)

É impossivel relatar tudo o que se passou nessas 2 ½ horas de verdadeiro combate moral e intelétual (*sic*), do qual como disse o nosso camarada, estamos certos, saimos vitoriosos, esmagando toda a metafisica da relijião catolica.

Entre parentezis: os adversarios eram um professor do Jinazio de São Bento, do Rio; outro, o secretario do Centro Popular Catolico Petropolitano, um mais dous desconhecidos.

Depois de terem protestado os nossos adversarios, terminou a conferencia ás 16 horas, aos gritos de “abaixo o clero, viva o livre pensamento e viva a anarquia!”¹⁶²

O anticlericalismo denunciava a religião organizada por seu caráter de controle de consciências, processo que decorre de longa data, conforme descreve Oiticica:

Foi conciente della, dessa tendencia a crer, consequente do terror e incerteza da morte que, por toda parte e em qualquer tempo, viçaram religiões, dominaram sacerdotes, magos e advinhos de varia sorte. Desde a superstição fanatica até ao êxtase philosophico, sempre houve nos homens esse apego ao invisivel, aos poderes occultos, á direcção de um ser omnipotente criador e governador do mundo. Essa credence foi ininterruptamente explorada pelos espertalhões politicos e açambarcadores industriaes como instrumento facil de conquista e escravização. Formaram-se theocracias seculares, encaixaram-se igrejas e seitas; entreguerream-se, por causa della, povos e raças. Na Europa essa *necessidade* diminuiu, consideravelmente, com as grandes descobertas scientificas, na classe culta e na média burguezia. O progreso extraordinario do socialismo aclarando as intelligencias proletarias, discipou fortemente, da alma popular, superstições e reverencias¹⁶³.

Para Oiticica o homem culto e científico, pode superar as credences impostas pelas idealizações religiosas, o saber e não crer, são os critérios para o progresso social e universal,

O chamado movimento espiritualista moderno, movimento profundo e extensissimo, decorre, com effeito, da propaganda espyrita e theosophica, mormente neste ultimos trinta annos, depois que a sciencia, resolvendo estudar os phenomenos mediunicos, levou avante a questão da alma e sua immortalidade. Os homens de hoje desejam *saber* e não *crer*. Só podemos *crer* no hypothetico, no não demonstrado. Desde que demonstramos algumas coisa, temos *certeza*, não *crença*. Por milhares de annos as religiões occidentaes

¹⁶² BUSSE, A. Em Petropolis – em: *A Voz do Trabalhador*, 07/04/1915

¹⁶³ OITICICA, J. Religião? – em: *Correio da Manhã*, 18.08.1923.

procuraram demonstrar a existencia de Deus e da alma. O mallogro das suas falsas demonstrações concorrem poderosamente para a imensa ação da incredulidade contemporanea no deus hebraico endossado pelo catholicismo. A *Encyclopedia* e a revolução francesa attentam de sobra essa desmoralização do credo official, demonstração sempre crescente depois na burguesia européa¹⁶⁴.

Tendo mencionado a desmoralização do credo official podemos constatar em outros artigos de Oiticica seu ataque direto, as vezes irônicos ao cristianismo, estudioso de textos religiosos escreve artigos denunciando as barbáries defendidas pelos cristãos em contraste com suas pregações aos fiéis, como em ato realizado no ano de 1920 ao analisar artigo publicado no *Jornal do Brasil*, sobre a benção de espadas do exército brasileiro em missa, questionando severamente a Igreja católica, especificamente:

O *Jornal do Brasil*, no seu numero de quarta-feira estampa em coluna aberta o discurso do Nuncio Apostolico no ato de abençoar as espadas dos novos oficiais do exercito brasileiro (...) Refere o noticiario que as espadas desses mesmos jovens foram depositadas no altar, ai benzidas sob as graças especiais de Maria Virgem. Mais ou menos como na Idade Média.

O mesmo jornal, em letras gordas insere um telegrama em que se resume um discurso de Sua Santidade, o Papa, onde o dito representante de Jesus proclama, alto e bom som, que o clero é a milícia da paz.

Tudo isso é eloquentissimo. Entre os mandamentos escritos pelo deus católico com o seu dedo-talhadeira na pedra do decálogo ha um que veda, terminantemente, *matar*¹⁶⁵.

Analisando a benção de armas por membros da Igreja Católica, tendo a concordância papal e tendo nos dez mandamentos, lei superior do clero, o ato de não matar como regra, abençoar armas é contrária a pregação divina. Segue, o artigo, analisando o fato ocorrido diante de outras instituições religiosas

Qualquer sociedade, qualquer instituição, qualquer agrupamento intelectual recusaria certamente colocar espadas na sua mesa de honra, abençoá-las, glorificá-las.

Os instrumentos de carnificina vão sendo considerados hoje como consideramos os instrumentos de suplícios, na inquisição ou na senzala.

Seria impossível, numa sessão de teosofistas, um discurso laudatório de espadas e trabucos, símbolos que são dos ódios internacionais e da opressão dos proletários.

Numa igreja positivista, nenhum sacerdote da Humanidade teria a desfaçatez, na hora atual, de saudar entusiasticamente sabres e

¹⁶⁴ *Idem.*

¹⁶⁵ OITICICA, J. Eloquente – em: *Spartacus*, n. 24 – 10.01.1920

carabinas, aparelhos anti-humanos, contrários a fraternização dos homens.

Nenhum espírita consentiria, em suas reuniões, a exaltação de lanças e punhais, revolveres ou petardos, quando todos se concentram na exaltação de Cristo, símbolo do amor e da concórdia.

Somente a Igreja Católica Apostólica Romana ousa dêpor nos seus altares, junto da ara sacrosanta, ao lado do Evangelho, perto da hóstia consagrada, para benzê-las e glorificá-las, espadas ponteagudas e aguçadas, próprias a furar peitos e cortar veias de homens.

Eloqüente! Não ha duvida¹⁶⁶.

Ao expor sua interpretação sobre o comportamento de religiões diversas sobre a questão levantada da benção de armas por sacerdotes católicos, Oiticica expressa repulsa especial a entidade católica e reforça seus argumentos tendo a glorificação das armas como argumento para a defesa do capital, colocando Igreja e Capital como aliados.

(...) o essencial é que tais espadas se levantem para defender o capital contra os trabalhadores. Não há probalidades alguma de guerras contra a Italia ou outra qualquer nação. Há, porém, muitíssimas e palpitantes probabilidades de guerras viva contra os capitalistas exploradores do Brasil. As espadas bentas são instrumentos de defesa dêsses capitalistas e contra esses capitalistas se acha a Santa Madre Igreja! Logo, para a Igreja, é muito lógico por espadas entre o atril e o cálice, benze-las, consagra-las a Maria protetora de quanto ladravaz trafega pelo mundo. É asqueroso, mas é realissimo. Para os que vêm no Cristo o arauto da concórdia humana, para os que nos mostram o evangelho como a lei de regeneração, bondade e amor, a cerimônia da benzedura deve ter cauzado pasmio, vergonha e indignação¹⁶⁷.

O anticlericalismo, ideário que, provavelmente, aproximara José Oiticica ao anarquismo e a este se identificara, tornando energia potenciadora de suas reflexões, foi uma de suas estratégias de combate, as questões moralizadoras sobre os indivíduos, tendo em outros momentos os segmentos cristãos como focos de sua critica, tendo a moral como agente castradora da racionalidade humana:

Religião é um dos processos de subjugar o povo fazendo-o crer num ser onipotente, invisível, dono do Universo, castigador dos maus, premiador dos bons. Os maus naturalmente são os que se desviam das normas ditadas pelos sacerdotes e atribuídas à divindade. Os bons são os que a elas se conformam sem nenhum protesto.

No Ocidente europeu e americano, a religião dominante é a cristã, quer romana, quer protestante, quer ortodoxa. Ensina que um

¹⁶⁶ *Idem.*

¹⁶⁷ *Idem.*

só deus verdadeiro existe, o Deus Javeh ou Jeová dos antigos hebreus, cujo filho Jesus Cristo, nascido de uma virgem, morto numa cruz, instituiu uma confraria de sacerdotes chamada Igreja. Os três ramos dessa Igreja, supermencionados, divergem acesamente, sobretudo o romano e o protestante, que se excomungam e odeiam mutuamente. Os sacerdotes romanos chefiados pelo papa de Roma, têm a seu cargo salvar as almas humanas, separadas do corpo pela morte, dos castigos infligidos eternamente, num lugar de suplícios, o inferno. Para furtar-se a tais torturas, devem os homens, acima de tudo, observar os mandamentos da lei de Deus e os dogmas da Igreja. Esses mandamentos e dogmas encaminham os homens ao respeito à propriedade e à obediência aos superiores, considerados representantes de Deus na Terra.

Onde melhor podemos ver esse caráter protetor do capitalismo é nas exceções escandalosamente abertas pela Igreja aos mandamentos mais taxativos. Exemplo: um dos mandamentos ordena peremptoriamente: não matarás. Se, porém os trabalhadores se revoltam contra os patrões, os cidadãos contra o governo, ou se uma nação declara guerra a outra, por mais injusta que seja, a polícia pode matar e os exércitos se estraçalharem sem pecado. A Igreja em muitos casos, abençoa, nos templos, as espadas dos oficiais, os exércitos em marcha para as batalhas, e ela própria já teve exércitos para defender as suas terras e os seus bens. Demais, a Igreja é essencialmente capitalista: e seu papa, seus cardeais, seus arcebispos, bispos, cônegos, monsenhores, vigários, padres, sacristãos vivem parasitariamente, sem trabalho útil, das contribuições dos fiéis.

Tal religião é inimiga dos trabalhadores, porque lhes peia a mentalidade, lhes ensina absurdos e mentiras mediante as quais lhes vai sugando uma porção dos seus já minguados recursos.

As religiões longe de unirem os homens, desunem-nos, como se vê na história do passado e no presente. Povos se entregladiaram por causa das heresias, populações inteiras de protestantes foram expulsas por ódio sectário, nações foram perseguidas, como os judeus queimados pela Inquisição e, ainda hoje, trucidados nos célebres pogroms. Os maometanos não suportam os hindus, os protestantes não tragam os católicos romanos, estes não transigem com seita alguma, anatematizam teósofos, espíritas, positivistas, novo-jerusalemistas, etc. Além disso como seus ensinamentos não se fundam em evidências, afirmações que, todos sejam forçados a aceitar pelo simples raciocínio ou pela experiência, fácil é surgirem dúvidas, interpretações heterodoxas, heresias. Cada heresia é uma nova fonte de discórdias, animosidades conflitos em famílias, entre vizinhos, entre nações.

Por isso as religiões não podem resolver o problema da fraternização dos homens. Tomando como exemplo a religião católica, apuramos que, durante vinte séculos trabalhou ela por moralizar a Europa, policiar o Ocidente, solucionar o problema social. Que vemos? Sua ação, embora muito sensível e até mesmo dominadora, foi ineficaz, pois a crise permanece, as guerras se tornam de mais em mais devastadoras, redobram-se os vícios, inventam-se novos, intensifica-se a prostituição com as dificuldades econômicas, a luta entre os homens assumem proporções inauditas¹⁶⁸.

¹⁶⁸ OITICICA, J. A religião – em: LEUENROTH, E. *Anarquismo: roteiro da libertação social* – Rio de Janeiro; Mundo Livre, 1963. p. 202 -203.

José Oiticica, atuante anticlerical e destacado ativista, será um dos principais reorganizadores desta corrente em momentos de aparente declínio, através de contatos e propaganda buscou a manutenção e a continuidade das atividades e ações mobilizadas pelas Ligas Anticlericais, em 1931, através de correspondência enviada a militante paulista, Oiticica motivado pela campanha contra o ensino religioso nas escolas públicas, instituído pelo governo federal, solicita a retomada e contribuição, além das idéias de organização e novas possibilidades de ação dos anarquistas junto ao movimento anticlerical, renascido, aproveitando, inclusive, o “renascer” do anarquismo em São Paulo:

Rio – 11-5.931

Caro (rabiscado o nome)

Pela carta de seu camarada de S. Paulo a Savedra soube do renascimento anárquico aí. Bravos! Prontifiquei-me logo a ir, na segunda quinzena de junho fazer quantas conferências possa.

Já deves ter sabido dessa resolução.

Escrevo-te hoje sôbre o movimento anti-clerical aqui e aí. A Liga Anticlerical ressurgiu dos mortos com a agitação contra o ensino religioso. Há formidável entusiasmo que não devemos desaproveitar. Na última sessão, lembrei a necessidade urgente de tirarmos quanto antes, nosso semanario, a velha Lanterna, de saudosíssima memória. Tirava-se em S. Paulo. Resta saber onde se podera tirar mais depressa, se aqui, se aí. Se vocês tiverem possibilidade de a tirarem, imediatamente, nós enviaremos recursos. Em caso contrario, lembro que fundem quanto antes, uma liga anticlerical paulista onde se coordene o movimento anticlerical de S. Paulo. Não é preciso explicar-te como se faria isso. Urge cavar recursos, apesar do câmbio a 3, e enviá-los quanto antes ao nosso tesoureiro José Simões.

Como não temos ainda séde propria podes enviar-me tudo para a Avenida Passos 25, livraria.

Imorta, além disso, mover as mulheres livre-pensadoras. Cogitamos aqui de uma Liga feminina do livre-pensamento.

Recomenda-me ao Edgar.

Escreve-me logo. Estou com todas as caldeiras revolucionárias acesas.

Tremei Roma!

Saude e revolução
do camarada
José Oiticica¹⁶⁹

¹⁶⁹ Arquivo do Estado de São Paulo – Prontuário DEOPS-SP n. 860

Entretanto o anticlericalismo de Oiticica expressa particularidades já que nosso protagonista demonstrava interesse nos estudos esotéricos não limitando seus conhecimentos, segundo Sônia Oiticica

Papai desde rapazinho sempre teve uma coisa na cabeça: queria saber o que é o homem. Descobrir os mistérios da existência, conhecer sobre a natureza humana, mas sobre os seus mistérios ele até freqüentou o espiritismo para ver como era. Mas nada daquilo ele aceitava¹⁷⁰.

A leitura de temas místicos nos levam a entender Oiticica enquanto um crítico em potencial do clericalismo, já que o estudo das questões religiosas o leva a uma maior compreensão para o questionamento e mesmo debates dos temas anticlericais por ele apresentados. Seu interesse no esoterismo o leva a leitura das obras do filósofo e místico indiano Krishnamurti, e quando esteve no território brasileiro palestrando e ministrando conferências, incomodando os religiosos que esperavam que o indiano fosse o novo “messias”, Oiticica foi um de seus ouvintes, e apreciador de suas exposições filosóficas, e um cronista desta experiência:

(...) Muito naturalmente, centenas de pessoas interessadas no destino da humanidade em crise, e algumas dezenas de meros curiosos acorreram a ouvir as palavras de um irmão carnal do apregoado novo instrutor do mundo.

Para êsses, e ainda para muitos já um tanto enfronhados em coisas teosóficas, o ensinamento de J. Krishnamúrti ha sido uma decepção. Decepção também para os católicos, senhores e senhoras enfatuadas, que se supõem donos da verdade e condenam os demais ao fogo do Inferno. Êstes não têm se fartado de amesquinhar, escarnecer, insultar esse rapazola comedor de torradas, que presume ser, nem mais nem menos, que a reencarnação de Jesus Cristo e o fundador de mais uma seita.

Ora, para teósofos e católicos, repito, o sr. Krishnamúrti ha sido uma formidável decepção. E isso porque não é nada do que uns e outros esperavam. Os primeiros anteviam nêle um messias refundidor de todas as religiões numa religião só, um instrutor que demonstrasse a identidade dos vários credos e arquitetasse, sôbre tal demonstração, um corpo de doutrina moral, um novo culto mais livre, mais amplo, menos sectário. Os outros apresentavam-se a lutar contra o Anti-Cristo (...)

Entretanto, Krishnamúrti falou, e a sua lição é profundamente avessa a tudo quanto amigos e inimigos supunham viria dele. Os teósofos queriam ouvir-lhe um evangelho bem concatenado com

¹⁷⁰ Entrevista Sônia Oiticica concedida a Cristina Aparecida Reis Figueira, em 25.08.2006. Conferir em: FIGUEIRA, C. A. R. *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista* – São Paulo; Tese de doutoramento em Educação; PUC/SP, 2008. Anexo p. 19.

instruções minuciosas; esperavam d'ele uma igreja bem constituída, com apóstolos, sacerdotes, uma hierarquia sabiamente distribuída e o respectivo código de direitos e deveres. As primeiras notícias em torno de Ommem pareceram confirmar esses prognósticos, e confesso que, do meu prisma anarquista, mal-agourei da empresa. Íamos ter outra religião; conceitos, regrinhas, dogmas fúteis, superstições e, no fim *del cuento*, um mafuá explorador. Substituir-se-iam as autoridades do Evangelho, do papa, dos bispos, do Corão, do Catecismo Positivista, por outras autoridades, outros bonzos, outras bíblias, outros oratórios.¹⁷¹

Uma “decepção” invertida, para nosso protagonista, comparando os ideais teosóficos de Krishnamurti com a teoria ácrata;

E eis que, para mim, também, Krishnamurti foi uma decepção; mas decepção para melhor. Eu poderia, com efeito, esperar tudo, menos que o *veículo* do instrutor falasse ao mundo como verdadeiro anarquista. Kropótkine assentou, realmente, que o mal do mundo é o *princípio de autoridade*. A própria palavra *anarquia* significa precisamente isto: *negação da autoridade*. É por esse vício de *obedecer a outrem*, de esperar tudo de outrem, de se conformar com as diretrizes e exigências de outrem, de aceitar sem exame as afirmações de outrem, que a maioria humana é explorada pela minoria dos vendilhões¹⁷².

Um pensamento teosófico em que o livre pensamento, a ação livre, a responsabilidade individual e a existência máxima do individuo, em sua boa ação com a coletividade, o anti-autoritarismo, como manifestação teosófica, a liberdade como expressão e força espiritual

Êle refuga essa aspiração e terminantemente não admite o agachamento de ninguém ante ordens ou dictames seus. Vem anunciar aos homens a Vida, mas cada individuo há de compreender essa vida, única Verdade, por si só. Não quer discípulos. Seja cada qual discípulo da Verdade, se a puder ver. Não formula dogmas. O dogma é limitação, é cárcere, é tropêço, e ele ensina a ser livre, a buscar por si, a interessar-se da realidade pelo exame atento das próprias experiências diárias. Não vem fundar religiões, ou erigir templos, ou ensinar rezas. Seja religioso quem quiser, freqüente os templos que lhes aprouver, reze como lhe agrade, ou não reze nunca, não vá a igrejas, ou prescindia de crenças. Tudo isso é indiferente à consecução da Maior Verdade¹⁷³.

¹⁷¹ OITICICA, J. a Lição de Krishnamurti – em: _____ *Ação Direta* – Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 90 – 92. Publicado originalmente em: *Correio da Manhã*, 20.11.1923.

¹⁷² *Idem.*

¹⁷³ *idem*

A negação da autoridade, e o auto-questionamento, o não aceitar discípulos são as razões decepcionantes para os ouvintes religiosos, e o aspirar da “decepção” contrária de Oiticica, saberes que por ele já haviam sido saboreados em leituras anteriores, tendo o saber, o conhecimento como o principio básico da teosofia de Krishnamurti, que pode ser comparado a teoria ácrata:

O essencial, o absolutamente indispensável é *não crer* e sim *saber*, mas saber *por si mesmo*, praticamente, experimentalmente, não de oitiva. Repudiar a *autoridade*, eis o lema, e para começar, repelir a autoridade do próprio Krishnamúrti, tanto mais quanto era ansiosamente esperada a autoridade dêle. Eis a lição dos seus recentes e maravilhosos opúsculos. Li-os dançando de contentamento (...)

Se Krishnamúrti é Instrutor do Mundo, êsse instrutor vem pregar um capítulo de anarquismo. Não *creias* em ninguém, não te curves a nenhuma autoridade, pensa e agi por ti! São conselhos dêle e... o nosso estribilho quotidiano¹⁷⁴.

A admiração ás reflexões teosóficas de Krishnamurti e seu interesse intelectual nos temas esotéricos, visando compreender o ser humano, provavelmente tenha sido principal referência para em anos posteriores (1936) Oiticica adentrar na Fraternidade Rosa-Cruz¹⁷⁵, entidade em que colaborou e realizou vários estudos, e acreditava ser esta uma teoria complementar do anarquismo¹⁷⁶

Depois que entrou para a Rosa-Cruz, como ele sempre estudava demais, também lá estudou demais e logo foi ser professor. Depois foi diretor da Rosa-Cruz de Niterói. Lá na comunidade Rosa-Cruz ele fazia muitas palestras, muitas reuniões literárias, com música, enfim muitas atividades culturais. Todos o admiravam muito. Ele dizia as coisas e fazia. Sempre respeitando a cabeça dos outros¹⁷⁷.

¹⁷⁴ *idem*

¹⁷⁵ Edgar Rodrigues em rápida passagem menciona uma conferência de José Oiticica, realizada no ano de 1923 na sede da “Sociedade Teosófica”, sob o tema “A Nova Era”, conferir em RODRIGUES, E. *Novos ramos – Mundo Livre*; Rio de Janeiro, 1972. p. 9, informação que pode nos levar a dedução da aproximação de José Oiticica na Fraternidade Rosa-Cruz, antes de 1936. Nossa pesquisa não visa o estudo da colaboração de José Oiticica junto a Fraternidade Rosa-Cruz, mas cabe abrir um pequeno espaço mencionando rapidamente sua experiência junto a esta entidade. Em 09 de março de 2008 teve início, em Natal, Rio Grande do Norte, as atividades do Grupo de Estudos Esotéricos José Oiticica cujo objetivo é difundir a Filosofia Rosacruz da FRATERNITAS ROSICRUCIANA ANTIQUA”. Informações sobre esta entidade podem ser encontradas em: <http://www.geepjo.blogspot.com/>

¹⁷⁶ Entrevista de Sônia Oiticica concedida a Dilson José Nogueira Kamel, conferir em KAMEL, D. J. N. *José Oiticica: um anarquista brasileiro* – Rio de Janeiro; Dissertação de mestrado em História Social; UFRJ, 1997. p. 106

¹⁷⁷ *Idem*. p. 107.

A presença de José Oiticica conferencista rosacruziano, e lembrado por seus antigos amigos e ouvintes:

Conheci-o na década de 20, quando esse eminente Professor foi a Campos dos Goytacazes fazer a apresentação do poeta Catulio da Paixão Cearense, o qual faria em seguida uma palestra, em linguagem cabocla, no teatro Trianon, especialmente baseada no seu livro "Mata Iluminada". Foi um espetáculo memorável, ressaltando entretanto a palavra do Prof. Oiticica, ao acender uma preciosa "chama" sobre a "Mata Iluminada" do poeta.

Passaram-se anos, mas nunca me esqueci da bela oração do Professor, de suas expressões claras, de um português clássico e agradável.

Em um futuro muito distante, o destino me colocou novamente diante do referido Professor, mas então de outra forma, já como instrutor na Fraternitas Rosicruciana Antiqua, no Rio. Depois da "passagem" do Venerável Comendador Soares aos Planos da Luz Eterna, Oiticica passou a desempenhar funções muito importantes na FRA. Foi Instrutor na Aula Fundamental, depois no 3º Grau e Delegado/Presidente do Colégio Saint Germain, em Niterói, hoje Aula Lucis Rosa+Cruz Capitular, sob a direção de outro notável e esforçado Presidente, o V.º Irmão Dionísio.

O Prof. Oiticica deixou muitos trabalhos lingüísticos, e outros tantos espiritualistas na Fraternidade, especialmente os comentários sobre o "EU SOU", e sobre o "PAI NOSSO", com sete sonetos bem metrificadas sobre os sete versículos da Oração além de um ritual para o evento comemorativo da Lua Cheia. Na Aula Fundamental, conseguiu formar um coral a duas vozes com os próprios estudantes.

Era rigoroso no horário e em seus deveres, como sobre os nossos deveres também, e... muito especialmente sobre o meu fraco português, o que muito me estimulou a melhorá-lo¹⁷⁸.

A contribuição mística e intelectual de José Oiticica, junto a rosa-cruz foi em anos posteriores a publicação de opúsculos tratando de seus estudos teosófico e poemas de conteúdos esotéricos, muitas vezes utilizando o pseudônimo *Macário Ptókos*¹⁷⁹. estudos que visava o aperfeiçoamento do homem através do conhecimento. Vale mencionar que o reconhecimento por parte dos anarquistas da participação de Oiticica enquanto membro rosacruziano só foi descoberta após seu falecimento¹⁸⁰.

¹⁷⁸ PAULA, D. E. de Professor José Oiticica (+ 29.06.1957) – Conferir em: <http://www.geepjo.blogspot.com/> - Site do Grupo de Estudos Esotéricos José Oiticica.

¹⁷⁹ Entre algumas obras mencionamos as seguintes: *Os sete eu sou* (1958); *O padrenosso* (1958); *Os sete instrumentos de suplício* (1956)

que tive acesso a cópias através do carioca Renato Ramos, organizador da Biblioteca Social Fábio Luz:

¹⁸⁰ Ver entrevista de Jaime Cubero em: JEREMIAS, M. (et al) Três depoimentos libertários – Rio de Janeiro; Achiamé, 200(?) p. 158 -159.

Oiticica, estudioso incansável expunha em seus escritos simpatias para algumas doutrinas esotéricas, em diferentes momentos de sua existência, ainda na década de 1920, esclarece aos leitores de sua coluna semanal de *Correio da Manhã*, as possibilidades de uma relação anarquismo e teosofia, como no espiritismo, por exemplo, um cunho científico e não apenas místico;

A obra de Allan Kardec – ironia da sorte!- contemporânea do positivismo de Comte, foi a de apontar, com sua tentativa de sistematização, um novo método, o método prático, digamos, de demonstração da vida post tular. Todos os desiludidos das *provas* religiosas e filosóficas voltaram-se curiosíssimos para as revelações espíritas. Tratando uma vez da obra de Farias Brito mostrei ser a investigação científica dos fenômenos espíritas o único meio de chegar-se a um resultado convincente quanto à imortalidade. Tentemos a comprovação da dualidade ou da unidade corpórea no sentido tradicional: subiremos neste caso a *certeza* materialista ou a *certeza* espiritualista.

Consequentemente, alargaremos nossa visão do mundo, mas dentro da ciência e cada vez mais fora da religião. A ancia de *conhecer* o além, ancia crescente em nossos dias, não é ancia religiosa, é ancia científica sobre assunto altamente importante para a felicidade humana, sua moral, seu procedimento, sua organização. Longe de ser culto ou religiosismo, essa pesquisa do misticismo fantástico, simples explicação, sem fundamento a vida eterna. O homem consolava-se com as *relatações das escrituras*, com os declames dos padres e os cânones dos concílios, feito leis a impor. Hoje intenta conhecer o seu destino, mas vai haurir na experiência a documentação da sua bíblia. Não aceita profetas; examina factos. A Igreja, naturalmente levantou-se condenatória contra o movimento. As manifestações não passavam de artes do demônio. Gosto, todavia, o demônio estava imoralíssimamente e não amedrontava mais do que as excomunhões, ninguém ouviu a Igreja e os próprios católicos se atiraram as mesas falantes¹⁸¹.

Uma religião com bases científicas, Oiticica compreende a intensa angústia dos homens na busca da resposta de sinal de vida pós-morte, questão que sustenta as crenças e as instituições clericais, desta maneira, encontra no espiritismo kardecista um caráter científico, racional contradizendo apenas os fatores metafísicos:

A divulgação do espiritismo preparou o êxito da teosofia. A obra desta consiste em dilucidar, pela crítica histórica das religiões, o sentido científico dos símbolos, das fábulas, de muitas lendas e tradições, assinalando a identidade dos mesmos ensinamentos cosmogônicos na doutrina e dito de todas. É a mais vasta e coerente explicação do cosmo na sua evolução e involução. A rigidez da sua lógica nos conduz facilmente à penetração de

¹⁸¹ OITICICA, J. Religião? – em: Correio da Manhã, 18.08.1923

assumptos que nos parecem a principio, hypotheses sem nexo. A conformidade dos seus axiomas com os dados últimos da sciencia nos concilia com a philosophia indú e, conquanto a admitemos tão sómente como especulação humana, estamos longe de refut-lhe a orientação e as theorias. E ellas ganham terreno celeramente. Ainda aqui, não vemos mensuração *religiosa*; não ha deuses pessoases, nem intervenções punitivas ou recompensadoras, com mandamentos rigidos, dogmas fixos, sacerdotes carrancudos; não se impõe uma *crença*, apresentam-se factos, sendo livre a cada qual acreditar, ou não, em sua veracidade. É uma escola de pensamento, de ascensão para o incognoscivel, mas onde cumpre ter asas livres e olhos abertos.

Para, que tanto o espiritismo como a theosophia triumphem torna-se indispensavel se mantenhamno que são: terreno de pesquisas, campo scientifico, rigorosamente experimental, essencialmente livre, não religioso, embora possa quem quer desenvolver ou satisfazer o seu mysticismo¹⁸².

Mesmo demonstrando simpatias a então religião espiritualista-científica, Oiticica teme que esta seja mais uma charlatanice, assim sugere um maior controle para que tal instituição preserve seu caráter

E seja-me licito suggerir aos espiritas do Rio, melhor, do Brasil, uma obra necessaria: a de coordenar as investigações, combatendo sem descanso as *sessões*, ridiculas quase sempre, onde nada se colhe de educativo ou elucidativo. No estado a que já chegou a metaphychica não devem elles ignorar o quanto de illusorio, fraudulento, mystificador existe na grande maioria de certas *manifestações e communicações*. A verificação dos phenomenos e sua estimação é coisa difficilima; não se (*ilegível*) nem se deve deixar á mercê dos *presidentes* incapazes e de espectadores, facilmente convenciveis. Urge desconvencer a todos os praticantes, dessa pratica, senão má, quando nada inutil. Ha um perigo sério nas sessões, segundo observei. Degeneram, quase sempre, em ajuntamentos religiosos, em credence, em superstição, caminho certo para a especulação para o aviltamento, para a morte¹⁸³.

Ser militante ácrata e um estudioso das ciências esotéricas, chamam a atenção de pessoas, provavelmente, que estão próximas de nosso protagonista, as intrigando, como pode um anarquista, anticlerical ter interesse pelos mistérios religiosos, pelo universo metafísico, Oiticica esclarece a seus pares a viabilidade do encontro de “divergentes” ideários atuarem pacificamente

Amigos meus e alguns anônimos, por cartas, admiram-se uns de minhas preocupações com o problema religioso; outros não podem

¹⁸² *Idem.*

¹⁸³ *Idem.*

compreender como se alie anarquismo com teosofia; ainda outros desejam conhecer minha atitude perante as religiões, sendo ateu ou coisa parecida.

[..]

Sou, por índole, avesso a qualquer forma de religião, pensando ser a melhor ou única a reconhecida por Jesus: adorar o pai no seu íntimo, em espírito e verdades. Ainda assim, cumpre saber qual é esse pai. Pai era Júpiter, Alá, Jeová e outros análogos.

[...]

Não crendo em nenhum Deus, compreendo todavia as naturezas místicas, as que tem vertigem do Ignoto, da Causa Real, e sentem a Presença de um alguém onipotente por trás dos fenômenos.

E como a sociedade não existe exclusivamente para mim, senão para todos, minha primeira consideração é admitir, tolerar, aceitar o misticismo, a religião, o culto a todos os Pais, como legítimos valores na evolução humana. Querer sofrea-los, destruí-los, condená-los seria fanatismo igual ao dos piores inquisidores de qualquer seita¹⁸⁴.

Segue seu texto compreendendo que as entidades teosóficas e espíritas como espaços de estudos e manifestações fraternas, locais possíveis para a proliferação dos ideários ácratas

Logo, todo espírito empenhado na solução do problema social, tem de encarar o assunto com a serenidade científica e prática dos pesquisadores independentes.

Um sociólogo brasileiro, por exemplo, não pode ser estranho ou indiferente ao fator social de Antonio Conselheiro ou do padre Cícero. Os bandidos do nordeste, menos bandidos muitas vezes que os políticos de lá, constituem curioso problema digno de toda nossa atenção.

Para o anarquista, qualquer fenômeno social revela força humana e essa força há de entrar em conta nas resultantes das correntes favoráveis ou nocivas ao progresso.

Demais, na intensa fase atual, que supomos decisiva para a humanidade, importa muito aos anarquistas o contato íntimo com todos os grupos fraternistas. Seria crime nosso desaproveitar as possantes energias desses núcleos selecionados de utopistas, desorientados quase sempre, mas sempre ávidos de noções conducentes ao seu sonho de paz na terra.

[...]

A verdade é que só o anarquista, em toda parte, alia a um vasto corpo de doutrina social um programa de ação incessante e todos os ambientes, e se mais não faz é que tem contra si as leis celeradas, o ódio dos parasitas, a perseguição direta do governo e patrões, a ignorância das massas, a desesperada propaganda de padres, pastores, mestres-escola, politiquinhos e conservadores.

[...]

Entre os grupos fraternistas são notáveis os espíritas e teósofos.

¹⁸⁴ OITICICA, J. Um modo de ver – em: *Correio da Manhã* – 01.05.1926. Este artigo, entre outros, foram cedidos pela carioca Arcângela Rocha Mota Santos.

Possuem, como os anarquistas, um corpo de doutrinas e um programa de ação social.

[...]

Ninguém pode negar que força vão sendo a Sociedade Teosófica e o espiritismo no mundo inteiro.

Todo indivíduo interessado profundamente na questão social tem por dever estudar-lhes a doutrina e a prática, trabalhar com eles ao invés de combatê-los, orienta-los onde os supuser em erro, estimular-lhes o sentimento fraternista, mostrar-lhes a incompatibilidade dessa tendência com o capitalismo feroz e desunidor, pintar-lhes uma sociedade diferente, sem os entraves econômicos e políticos da nossa, captar-lhes a simpatia expondo-lhes o anarquismo e a anarquia como realmente são, pois não queremos senão a solidariedade dos sinceros.

Com essa atividade, nós anarquistas, aprendemos e ensinamos. Cumprimos nossa missão que não é punhal nem bomba, conquanto não nos repugne a violência revolucionária nas ocasiões propícias.

Se queremos o mesmo ideal, não vejo porque nos havemos de guerrear quando juntos nos será mais fácil galgar tão íngreme ladeira¹⁸⁵.

Essa aproximação encontra uma recusa anos posteriores. Em 1929, o jornal anarquista *Acção Direta*, tendo como seu administrador e editor José Oiticica, estampa na primeira página de seu terceiro número um pequeno texto em que o termo antes denominado anticlerical e substituído por anti-religioso, em que em resumo explica essa mudança de termo

Ligas anti-religiosas

Aos camaradas anarquistas de qualquer localidade neste vastissimo Brazil dos padres e freiras conciliamos a redenção de ligas regionaes e anti-religiosas.

Reparai bem, camaradas, que não dizemos anti-clericaes.

O problema do combate ao opio religioso alargou-se no Brasil. Já não temos de guerrear somente o padre catholico.

De alguns annos a esta parte outros semeadores de mentiras e compadres do capitalismo invadiram as terras de Santa Cruz. Surgiram os espiritas, vão crescendo os positivistas e principalmente, intensa, avassaladora é a obra dos protestantes.

Todos elles são fanatizadores, dogmaticos, anti-scientistas, pregam o respeito á propriedade e a autoridade, ensinam a renuncia, a resignação a propriedade.

Cumpre guerrea-los por todos os meios¹⁸⁶.

Mesmo assim, o cristianismo romano continua sendo o principal alvo de ataque de nosso biografado:

¹⁸⁵ OITICICA, J. Um modo de ver – em: *Correio da Manhã* – 01.05.1926

¹⁸⁶ Ligas Anti-religiosas – *Acção Direta* – n. 3,16.01.1929

Para governar os homens, preceitua a theocracia, condemna os principios mais liberaes impõe aos seus devotos a autocracia papal e estende por toda a terra sua rede sugadora, cujas ventosas se chama parochias, conventos, collegios, devoções.

Incompativel com a vida moderna, com a verdade scientifica e as aspirações liberaes, a Roma dos papas ainda vive graças ao apoio dos governos. O capitalismo necessita dos narcoticos religiosos para neutralizar nas multidões, o arremesso revolucionario. Assim, a acção anticapitalista ha de ser fatalmente a acção antireligiosa e vice versa.

Auspicioso, portanto, para todo revolucionario, é o declinio da fé religiosa. A emancipação do pensamento, hoje tendencia irrefreavel, vae ser fatal a Roma, por mais esforços que dependam os reaccionarios. Já os milagres rareiam. Os rarissimos vão tendo explicação natural ou contestação immediata. As chronicas medievaes estão inçadas dessas intervenções sobrenaturaes. Nos nossos dias não ultrapassam as soleiras dos conventos ou as raias aldeães.

Nesta semana santa de 1929, facil é apontar os signaes visibilissimos dessa incredulidade crescente.

Na quinta santa os theatros e cinemas encheram, não somente os que levavam o “Martyr do Calvario”, ou o “Rei dos Reis”. Outrora, seria ignominioso annunciar-se um espetaculo profano na sexta-feira da Paixão. Os jornaes não saiam no sabbado de alleluia. Pois os cinemas não fecharam um dos mais chics e concorridos exhibiu scenas pagãs de um concurso de belleza. Os theatros onde se representou a Paixão de Christo fizeram disso mera especulação commercial e os espetaculos affluiram mais por divertimento que por devoção.

Esses mesmos actores que *sacrificamente* camparam de Jesus, de Maria, de José, figuram nos cartazes para sabbado representando a “Dorinha é da fuzarca”.

O mesmo publico visitador de igrejas na quinta e sexta-feira lambeu-se no carnaval do sabado, bebendo a grande e peccando a valer, esquecido de Christo, do papa, dos padres e mais indesejaveis. Saíram da *obrigação* religiosa para o *enthusiasmo* pagão¹⁸⁷.

Estratégia para combater a Igreja católica e as doutrinas cristãs seria o estudo das questões religiosas e o maior entendimento do assunto, entender que seria o desmistificar os verdadeiros interesses do clero:

Sendo assim, o culto catholico e a doutrina catholica são sobrevivencias de um estado social incompativel com os costumes, aspirações, conhecimentos modernos. Persistem na massa ignorante ou na burguesia aproveitadora, como persiste a chiromancia, a leitura de cartas, o prophetismo a tanto por consulta, fatal aos consulentes e lucrativo para os conselheiros.

A Igreja tem a vantagem de uma organização Internacional antiga, de bases economicas carcomidas, mas ainda validas, e do patrocínio capitalista efficaz.

¹⁸⁷ OITICICA, J. Delenda romana – em: *Ação Direta*, 10.04.1929.

Tudo isso, porém, está sendo herculeamente solapado pela crítica histórica e pela propaganda revolucionária. A primeira tem quase demonstrada a não historicidade de Jesus, dos apóstolos e talvez de S. Paulo. Os defensores de Jesus histórico estão se vendo definitivamente acuados e, de concessão em concessão, virtualmente se confessam vencidos.

Mais alguns annos e essa demonstração será evidencia. Demonstrado o caracter ficticio de Jesus, perde a Igreja catholica os mandamentos mesmos da sua razão de ser e os anti-clericaes terão mais terrivel arma contra os mantenedores da superstição christã.

Urge pois que todos os revolucionarios estudem a fundo esse problema de Jesus e se aparelhem com os argumentos victoriosos da critica moderna, para explanar ás massas a origem e os processos criadores dessa grande impostura¹⁸⁸.

3.2 – Contribuições aos operários e o Sindicato dos Inquilinos

Em artigo de resposta a carta enviada a ao jornal *Ação Direta*, então dirigida por José Oiticica, nosso biografado, com apoio da memória descreve sua atuação junto aos companheiros anarquistas

Em 1912, quando entrei no meio anarquista, havia uns três mil operários organizados livremente. Os sindicatos, pouco frequentados, eram ninhos de políticos. Pouco a pouco, foram expulsos tais percevejos. As autoridades não sentindo força opositora dos sindicatos, desprezavam-nos. Porém, graças a propaganda minha e de mais alguns, foram os sindicatos crescendo, a tal ponto que, cinco anos depois, se faziam respeitar. Os políticos perderam a veleidade de poderem voltar¹⁸⁹.

No período correspondente a 1909 e 1912, *o movimento operário vive uma fase de depressão, marcada por um nível organizatório mais baixo e um número menor de mobilizações*¹⁹⁰, tendo o ano de 1913 como a retomada do movimento operário, destacando a atuação dos militantes anarquistas inseridos na Confederação Operária Brasileira (COB) e a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), na campanha contra a carestia da vida, conjuntamente a uma campanha anti-militarista. No decorrer de 1913,

¹⁸⁸ *Idem.*

¹⁸⁹ OITICICA, J. Uma resposta – em: _____ *Ação Direta* – Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 159. Publicado originalmente no jornal *Ação Direta* nas edições de 29 de outubro e 30 de novembro de 1949.

¹⁹⁰ ADDOR, C. A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*, 2º ed. Rio de Janeiro; Achiamé, 2002. p. 106.

frente ao aumento do custo de vida e ao patriotismo de cunho militarista retoma-se as mobilizações dos trabalhadores.

Recrudescer a agitação operária em razão do desemprego, do custo de vida, e motivada pela violência exercida então pelas autoridades.

Os trabalhadores distribuem manifestos e volantes de protesto e organizam o Comitê Proletário de Defesa Popular, no Rio e em São Paulo, que desenvolve simultaneamente uma campanha contra a carestia da vida e contra a guerra. Fazem parte desta organização: operários, socialistas, anarquistas e liberais de diversas correntes políticas¹⁹¹.

Ideários diferentes, mas que não impossibilitavam uma ação conjunta, os libertários reconheciam a impossibilidade e até mesmo a esterilização do movimento no seu atuar isoladamente, para uma possível revolução anarquista era necessário a divulgação de suas idéias e princípios no seio das manifestações e espaços de lutas sociais, junto as diversas associações de classes e atuações solidárias junto a outras correntes de pensamento político, a participação do militante ácrata como na campanha contra a carestia da vida era o instrumento de orientação no embate contra o capital e o Estado, *isto porque não são suficientes as idéias e doutrinas no combate pela libertação social. A ação também é imprescindível*¹⁹².

Atuando junto a FORJ e COB as duas organizações especificamente operárias, e mesmo com a decorrência de desentendimentos com militantes de outras correntes os anarquistas prosseguem o embate e rapidamente tornam-se os norteadores na luta contra a carestia da vida. Exemplo de divergência entre os libertários com as demais correntes ideológicas localiza-se na participação de jacobinos *reavivada pelos militares "salvacionistas", as manifestações públicas organizadas pelo referido comitê terminavam com vivas à memória de Floriano Peixoto e moções pedindo ao governo a modificação das tarifas, ou entrada livre de direitos, dos gêneros de primeira necessidade*¹⁹³.

Os anarquistas compreendiam esta atuação dos jacobinos como uma ação reducionista da campanha em vigor, levando-a a um mero movimento de caráter reivindicatório, desclassificando seus méritos contestadores e subversivos para uma

¹⁹¹ RODRIGUES, E. *Nacionalismo e cultura social* – Rio de Janeiro; Laemmert, 1972. p. 64.

¹⁹² NASCIMENTO, R. H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista* – Rio de Janeiro; Achiamé, 2000. p. 175

¹⁹³ FARINHA NETO, O. *Atuação libertária no Brasil*, 2. ed. – Rio de Janeiro; Achiamé, 2007. p. 59

simples procura por melhorias. Ao direcionar-se para esta perspectiva a campanha reduziria o movimento operário a um singelo aspecto imediatista. Oiticica, solidarizando-se ao operariado em sua luta encaminha carta ao jornal paulista *Germinall*, nesta missiva expressa seu entendimento sobre o assunto. Disposto em colaborar com artigos com os companheiros de São Paulo para a manutenção do jornal, expõe algumas reflexões sobre a campanha contra a carestia da vida. Compreende a campanha então em movimento como uma iniciativa válida não apenas pela conquista de melhorias econômicas para o proletariado, mas reconhecendo como pontos fundamentais os exercícios e práticas de liberdade entre o operariado e os indivíduos nela atuante. Os fatos que preencheram e mobilizaram a Campanha Contra a Carestia eram manifestações práticas, das expressões discursivas de conferências, cursos e palestras, realizadas nas diferentes associações de classes.

Através de comícios, jornais, panfletos e palestras, Oiticica, então 1. secretário do Sindicato dos Inquilinos¹⁹⁴, conjuntamente com outros companheiros ácratas expunham aos trabalhadores que só fortemente organizados poderiam forçar o governo a medidas que reduziriam a carestia. A luta propagada pelos ácratas não estava reduzida apenas a pequenas melhorias das condições de vida do proletariado, pois visualizavam as melhorias econômicas, sem a abolição do capitalismo e do estatismo, como uma armadilha aos próprios trabalhadores. Tornava-se necessário, portanto, uma ampla ação de organização dos trabalhadores nos vários segmentos existentes e nas diversas regiões, a melhorias de uns seria o piorar de outros, a superexploração locomover-se-ia para as localidades de menor organização operária¹⁹⁵.

Carta do Rio
4-4-1913
Camaradas

¹⁹⁴ Informa o jornal *A Voz do Trabalhador*, de 15.04.1913, em rápida nota: “SINDICATO DOS INQUILINOS: No passado dia 5 do corrente á rua Marechal Floriano 118, foi definitivamente fundado este sindicato sendo aclamado a comissão executiva, que ficou assim constituída: Jozé Oiticica, 1. secretario; João da Costa Pimenta, 2.secretario; Maximiano de Macedo, tezoureiro. Foi também nomeado a comissão de estatutos.” Segundo o militante anarquista, e contemporâneo de José Oiticica, Edgar Leuenroth nos informa que: “(...) a Liga dos Inquilinos que teve vida agitada e produtiva durante algum tempo, de maneira tão objetiva a ponto de agir contra os despejos de inquilinos das casas ocupadas, violência então mais em voga.” Conferir em: LEUENROTH, E. *Anarquismo: roteiro da libertação social* – Rio de Janeiro; Mundo Livre, 1963. p. 111.

¹⁹⁵ “No Rio de Janeiro, realizaram-se 15 comícios e, em março, quando a agitação tinha tomado caráter nacional, a COB, de acordo com a Federação, patrocinou comícios simultâneos em várias cidades dos Estados. Nada de prático foi conseguido para diminuir o custo de vida.” Conferir em: FARINHA NETO, O. *idem*. p. 59.

Hão de perdoar-me a falta, alias por mim prevista, de remessa de artigos para *Germinál!* Os meus inúmeros afazeres de professorado e de propaganda, a expectativa de um concurso neste mez de Abril impossibilitaram-me quase de arranjar tempo, alguns minutos para ler jornais, algumas horas para lhes escrever.

Assuntos não faltam: critica á sociedade moderna, amplos projectos de reforma, ataque ás individualidades mais responsaveis pelos nossos erros quotidianos, tudo são temas inexgotaveis em que muito há para respigar, comentar, doutrinar.

Mas o tempo, o irremediavel tempo, no seu acanhado remoer de segundos, pega sobre a nossa atividade como um teto de bronze.

Estamos presos pelas horas como por travaz engradadas que nos impedem a marcha rapida ou o vôo.

Também, até agora, não recebi nenhum numero do *Germinál!*. Não sei mesmo, si a minha carta foi recebida, si me é garantida a segurança postal ou não serão desviadas as minhas correspondencias para ai. Sei de tantas mizerias da policia de S. Paulo, do despuorado predomínio da gente clerical, do entranhado odio que votam aos periodicos, que a minha atitude é sempre, e justificadamente, de desconfiança.

Seja como fôr entro em comunicação com os leais companheiros de S. Paulo, és valentes campeões da *Grande Idéa* e espero que as minhas palavras lhes não serão de todo inuteis. Isso porque nunca é inutil a acção para o melhor. Mesmo os atos mais reprovaveis, si o fim deles era bom, alem das más consequencias imediatas, produz sempre uma indireta consequencia bôa.

Sendo assim falar-lhes-ei da *greve de inquilinos* que vamos, com grande esforço, levando avante.

Sabem como aqui se alastrou, por iniciativa única e excluziva dos nossos camaradas da Federação Operaria, a campanha contra a carestia da vida. Foi uma rude tarefa de propaganda com algumas prizões, muito discurso, mas resultado moral inapreciavel.

Alguns acham improdutiva esta luta, porque ela não se traduziu em diminuição do preço dos gêneros alimenticios, ou medidas protetoras do governo.

Eu penso ao contrario. Si o resultado fosse zeloso do operariado, abaixasse as tarifas, ativasse a fundação de cooperativas de consumo, etc., poderíamos considerar falhas ou contraproducentes as nossas tentativas. O nosso intuito capital não é reduzirmos o preço do feijão ou do assucar, é abrir os olhos cegos, mostrar, ao operariado não vidente, o processo de exploração que os arruina, que os escraviza e que eles não percebem.

Ora, gritamos nós ao operario: os dirijentes vos roubam, nada fazem por sinão obrigar vos a trabalhar para eles, prendem a vossa acção por meios das leis e vos impedem de reclamar por meio do soldado.

O operario nos ouve gritar, volta-se para o governo e em logar de encontrar a súcia de exploradores que denunciámos, acha um grupo de homens que demonstram solicitado por ele, lhes minoram os sofrimentos, lhes dão uma apparencia de caridade e protecção.

Que não ha de responder? Que lhes mentimos, que somos perigosos desviadores, arruaceiros sem elevação moral, exploradores do sentimentalismo deles. E não se arregimentam. Ocaso apenas no lado do governo como fábrica de dinheiro, máquina de votar.

Si, porem, lhes gritamos aos ouvidos e eles ao apelarem para o governo, encontram homens que lhes extorquiram o voto, que recebem com mil reais por dia, que se divertem nos *fine o clock* e deles não cuidam, surdos á voz dos soffredores, mudos para lhe defender os direitos; si vem claramente a verdade do nosso clamor, chegam-se a nós, e nos congregam, conosco se decidem á cruzada anarquista. São nossos irmãos: são nossos companheiros, são militantes do nosso exercito.

(*ilegível*) bem que a melhoria de condições vilais, neste regimen social, por peor que seja, é relativa.

A melhora que desejamos não é essa melhora relativa é a melhora absoluta, a melhora da *propria organização social*.

É preciso que todos se compenetrem de uma verdade.

A melhora das condições de uma classe operaria so se opera com o prejuizo de outra classe operaria. Si a uns operarios se concedem vantajens, a outros se arrancam essas vantagens.

Isso porque o parasita não desferra os dentes de um braço que sacode sem haver certeza de os ferrar noutro braço imovel.

Portanto, de nada vale a melhora de condições do povo do Rio de Janeiro, si o povo do interior vai pagar as custas.

Suponhamos que o comerciante que recebe os productos dos lavradores e, organizado em *trust*, os impõe ao consumidor do Rio por um preço elevado, diante do nosso movimento e para finjir liberdade, abate um tanto por cento nos preços de venda. Julgais que ele sofreu, realmente, uma redução no lucro calculado? Engano.

Ele perde na venda para reganhar na compra futura ao lavrador, porque não estando este organizado em sindicato e dependendo dos comissários, pelo dinheiro adiantado, é a vitima espiatoria do sugador sem escrupulo.

Logo, quem paga o regalo de uma classe de proletarios é outra classe de proletarios.

Quando o governo aqui ofereceu a operarios as celebres *vilas*, eu me indignei contra os promotores dessa torpeza e mormente contra os inconscientes produtores que aceitaram esse presente de grego.

Esqueceram-se os contemplados com a munificencia governamental de que a vantagem que lhes advinha de um aluguel barato era mantida a custa de extorsões feitas aos outros operarios desprotejidos.

Porque, aprendamos bem isto, os parasitas, si hoje vivem com cem querem amanhã mil e não se conformam sob nenhum pretexto, a viverem com dez.

Prometi-lhes, porém, falar da greve de inquilinos e dela não falei, depois de tão longa estirada.

É que a gréve de inquilinos agora é que se promove e é uma continuação da campanha contra a carestia da vida.

Mais do que esta, promete resultados formidaveis, Jean Grave acertou quando nos fez ver que a gréve de inquilinos é a melhor greve de propaganda, porque interessa nela alem dos proletarios, a classe media

Chama a atenção desta para a questão social, abre os olhos de muitos e aumenta assim a fileira dos libertarios.

Ela será o assunto, ainda, da proxima carta.

Sempre amigo

No decorrer e “término” da Campanha Contra a Carestia da Vida o principal resultado, na concepção anarquista foi à organização de várias categorias, principalmente a dos tecelões¹⁹⁷.

A proposta do Sindicato dos Inquilinos para Oiticica tinha fundamental importância na propaganda para melhores condições de moradia, buscando alcançar principalmente a classe média carioca, as condições habitacionais eram precárias, já que *só os ricos podiam criar, para viver, ambientes agradáveis em matéria de conforto, a grande massa da população vivia mal, sobretudo durante o estio, quando a casa de residência se transformava numa verdadeira estufa, sem os naturais recursos de defesa que as outras partes do mundo já então se empregavam para suavizar os rigores da estação*¹⁹⁸.

Ainda no mesmo ano de 1913, o próximo passo visando uma melhor atuação e organização do movimento operário foram os preparativos para a realização do II Congresso Operário Brasileiro no Rio de Janeiro entre os dias 8 a 13 de setembro, José Oiticica mobiliza-se junto a seus companheiros na reorganização e a retomada da Confederação Operária Brasileira. Antecedendo tal evento, buscando fundos para sua realização, ocorre no Centro Galego uma palestra tendo Oiticica na exposição de temas que seriam debatidos no referido congresso, provavelmente preparando as consciências para um melhor desenvolver dos diálogos:

A conferencia do camarada Jozé Oiticica agradou em absoluto. O tema foi brilhantemente desenvolvido, dado o profundo conhecimento de causa do orador que, fazendo a apoljia da ação direta, demonstrou a inutilidade do cooperativismo, beneficencia e mutualismo, bem como a política, no seio das associações operarias; demonstrando ainda o quanto o álcool, o fumo são pejudiciais ao organismo humano; estende-se em considerações contra o jogo, criação burgueza para arrancar ao trabalhador as ultimas migalhas restantes de privações, louvando a ideia da realização do Segundo Congresso, no qual, a par de todos os assuntos a serem discutidos, muito se deve cuidar da educação dos trabalhadores. A conferencia que durou uma hora, terminou sob ruidozos aplauzos do auditorio¹⁹⁹.

¹⁹⁶ *Germinal!* - São Paulo, 13.04.1913

¹⁹⁷ FARINHA NETO, O. *idem*.

¹⁹⁸ LUIS EDMUNDO *O Rio de Janeiro do meu tempo*, 2. ed. – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1957. (2. v. de 5) p. 407

¹⁹⁹ Pró Segundo Congresso A Voz do Trabalhador, 15.08.1913

Vigília que ocorreu no adentrar do mês de agosto, dia 2, sendo a conferencia de José Oiticica seguida de apresentação teatral, canções, declamações de poesias e encerrando-se com um baile familiar.

O anarquismo identificado como ideário perigoso para a formação e informação dos trabalhadores, torna-se um signo e significado a ser observado, controlado e reprimido. Para os militantes ácratas, sua teoria ser compreendida como agente de desordem e de perigo segue como má interpretação dos seus críticos, em correspondência enviada ao *Jornal da Alagoas*, assinado pela Federação Operária daquele estado, tem em suas linhas finais a indicação de pensadores e militantes anarquistas que se destacam em suas idéias e ações mencionando José Oiticica ao lado dos nomes de Eliséé Reclus e Pietr Kropotkine:

O anarquismo, sabe todo o mundo é, por enquanto, o sonho da perfectibilidade humana, que por força das contingências sociológicas, um dia que não vem tarde, se tornará a mais sublime das realidades.

Anarquismo é o ideal politico de Platão, o postulado democratico de Aristoteles, esposado com as ideias alevantadas por Hamon , Reclus, Kropotkine, Faure, Delaiss, Neno Vasco, José Oiticica, Mario Wanderley e outros, muitos outros, pensadores de todas as gerações

Nobres e proletarios. Tolstoi ou João Ferro, abraçam o idela regenerador da humanidade e, or ele, sem tréguas nem desfalecimentos combatem na imprensa e na tribuna.

Mas, em bem da verdade, no 2.Congresso será exclusivamente operário, predominando nele a idéia econômica.

Saudações – *Vicente Moura*, secretario-geral interino²⁰⁰.

A menção a Oiticica ao lado de nomes internacionais e de militantes conhecidos como Neno Vasco, atuante em território nacional, nos remete ao reconhecimento em nível nacional da atuação e identificação anarquista de José Oiticica.

Provavelmente empolgado e entusiasmado com a experiência dos sindicatos dos inquilinos, e a nascente Federação de Inquilinos na França, José Oiticica em artigo publicado no *Correio da Manhã*, na data de 05 de novembro de 1921, em resposta ao senador Irineu Machado após este em reunião no legislativo ter criado restrições ao direito de propriedade, utilizando-se do discurso do senador, nosso protagonista compara a proposta e observação do senador com as propostas ácratas.

²⁰⁰ Publicado originalmente no *Jornal de Alagoas* em 11.08.1913, teve sua republicação pelo jornal anticlerical *A Lanterna* de 30.08.1913, que nos serviu de fonte.

“A propriedade, como o capital ((asseverou S. Ex.), são instrumentos de que os titulares e possuidores devem servir-se, não para escorchar a comunhão, não como malfeitores, para mortificar a grande, a imensa massa de seus concidadãos, mas como um pequeno, um moderado benefício para si, aplicado às necessidades nacionais, às utilidades sociais, ao benefício humano.”

É precisamente isso o que afirmamos nós, os excomungados anarquistas. Apenas, mais que o sr. senador Machado, sustentamos que é da natureza mesma do capital individualizado, particularizado o escorchar a comunhão, mortificar a massa dos trabalhadores, desviar para o indivíduo, suntuáriamente, o necessário a manutenção da maioria. Propomos, antes, substituir-se o capital individualizado pelo capital socializado, demonstrando a enorme economia realizável, o aumento colossal de conforto para todos, a marcha rápida e segura para a fraternização dos povos²⁰¹.

O problema da socialização da propriedade, enquanto o senador propõe que a propriedade seja posta como utilidade pública para uma melhor utilidade das camadas menos favorecidas, Oiticica questiona o político, certamente vendo sua proposta como reduzida:

“Se todos os esforços, portanto, do estadista moderno (acrescenta o sr. senador), do pensador de hoje, consistem em procurar fórmulas que afastem essa dificuldade, que limem essas arestas e que convertam a propriedade em coisa de utilidade pública, de valor social, e não em agressão contra aqueles a quem a fortuna não sorriu em sua cegueira injusta e iníqua.”

Assim para S. Ex. o problema atual cifra-se numa fórmula redutora da propriedade a coisa de utilidade pública. Otimamente dito. O ideal é que a terra, os instrumentos de trabalho, os braços, a inteligência do homem, tôdas as energias aproveitáveis, em suma colaborem na maior felicidade humana. Que fórmula será essa? Evidentemente aquela que reduzir ao mínimo a exploração do homem pelo espertalhão, do laborioso pelo parasita, do serventuário pelo agiota, do produtor pelo usufrutuário, do agricultor pelo prestamista. Uma fórmula que extinga, para sempre, a usura, a fraude, a velhaquice, a possibilidade mesma de proventos ilícitos e opressores²⁰².

O capital na concepção libertária de Oiticica teria de ser socializável, visando uma melhor organização na estrutura social, e não individualizado como aponta o senador Machado que resume em apenas alguns elementos da sociedade. Através de informações adquiridas com manchetes sobre a atuação dos inquilinos na França, nosso

²⁰¹ OITICICA, J. O remédio (Resposta ao Senador Irineu Machado) – em: _____ *Ação Direta* – Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 74. (publicado originalmente em: Correio da Manhã, 05.11.1921)

²⁰² *Idem*.

biografado expõe a reação da organização francesa, a respeito do problema da propriedade e a situação do inquilinato daquele país.

(...) Leis de inquilinato existem, *verbi gratia*, em França e todos sabem que pouco adiantam. O que se limita no montante do aluguel recobra o proprietário no ajuste final de contas, ao mudar-se o inquilino, sob a forma de latronária de indenizações.

Ainda assim, existem leis, e mais ou menos cumprem-se, porque há federações de locatários suficientemente fortes, capazes de exigirem dos proprietários o cumprimento dos contratos. Agora mesmo em fins de setembro, a Federação dos Locatários do Sena decidiu abrir campanha vigorosa contra os locadores. Êstes, com efeito, procuravam, por mil meios e modos, burlar as leis vigentes, elevando exorbitantemente o aluguel das casas e manobrando de tal jeito que pretendiam, por obrigações novas, os confiantes inquilinos. A alta geral devia dar-se em 24 de outubro. Por isso, em 24 de setembro, a Federação iniciou uma série de reuniões e conferências, comparecendo à primeira sessão vários delegados das províncias. Êstes expuseram aos locatários parisienses a situação precária dos locatários provinciais, combinando-se, entre todos, uma ação comum²⁰³.

Esta ação da Federação de Inquilinos do Sena resultou no reconhecimento por parte de seus membros e dos indivíduos que ali participaram, que o aumento mencionado para o próximo mês era uma violação dos seus direitos, e da imobilidade dos representantes públicos diante de tal situação, além do pedido de anulação de contratos anteriores que mencionem o referido aumento e solicitação da municipalização das moradias. Para Oiticica tal conquista foi decorrente da organização e ação direta dos locatários

(...) só foram feitas leis de inquilinato em França, por efeito de pressão externa, por haver uma organização forte de locatários, por se haverem reunido os explorados e impôsto sua venda aos legisladores (...) Mostra-nos (...) que para compelir os locadores à observância da lei vigente, importa a vigilância ininterrupta dos locatários, porque os poderes públicos, guarda-costas dos capitalistas, atendem sempre a êstes, e só muito a contragosto, aos contribuintes (...) Há uma corrente que reclama a habitação gratuita, o direito de toda família, de todo indivíduo que trabalha, a um lar seu, ou melhor, ao usufruto de uma casa do município²⁰⁴.

Seguindo os preceitos anarquistas da *ação direta*, José Oiticica considera estes critérios, estas estratégias, organizadas pelos envolvidos como a maneira de eliminar com os lares miseráveis, ou seja, *os cortiços, as casas de cômodo, as espeluncas, os*

²⁰³ *Idem.* p. 75.

²⁰⁴ *Idem.* p.76

*porões, as palhoças, as aglomerações em baiúcas, barracões e albergues*²⁰⁵. Em seguida faz uma autocrítica, questionando a, provável, organização governamental responsável por tal problema no território nacional e em seguida a ausência de uma organização de maior intensidade entre os militantes anarquistas, além de questionar a postura do senador a quem destina o artigo:

Quem poderá ter mão nos proprietários, com a procura fatalmente formidável de aposentos em 1922? Todos os recursos legislativos são meias satisfações. As leis só teriam valor, aqui, se houvesse uma associação de resistência dos locatários. Uma liga existe, porém conformistas, quase clandestina, muito respeitadora de Suas Excelências, mais confiante no valor das leis que na própria força associativa, liga pedinchona e, como todos os pedintes, desprezada.

Se conseguíssemos uma organização valiosa dos locatários um sindicato de inquilinos, não precisaríamos de lei alguma; os próprios locatários legislariam sobre os aluguéis. Isso aconselharia o sr. Irineu Machado se não fosse reformista. Político militante importa-lhe agradar à grande burguesia, à pequena burguesia e ao proletariado. Receia molestar a uns, ferindo-lhes os melindres capitalistas, e aos últimos, os pendores comunistas²⁰⁶.

A experiência registrada de uma intervenção de José Oiticica atuando enquanto membro de um Sindicato de Inquilinos, decorreu entre o período de 1913 – 1914, neste artigo comentado acima, podemos encontrar empolgação e frustração em suas palavras, num característico tom de autocrítica: empolgação em relação as possibilidades e realidades das idéias e propostas deste órgão se realizarem e frustração numa experiência, possivelmente negativa em relação a seus resultados no Brasil, mas que ainda, pelas suas palavras era uma ação que interessava nosso protagonista²⁰⁷.

²⁰⁵ *Idem.*

²⁰⁶ *Idem.* p. 77

²⁰⁷ Vale mencionar que a experiência do Sindicato dos Inquilinos no período da campanha contra a carestia da vida, deslocou-se para várias cidades brasileiras, como em São Paulo, tendo Edgar Rodrigues, publicado em anexo em seu livro *Alvorada operária*, panfleto editado pelo Comitê Proletário de Defesa Popular que circulou, em setembro de 1914, na capital paulista durante aquele período: “*NÃO PAGUEM ALUGUÉIS DE CASA!*”

Não somos nós que tal afirmamos, mas sim o dr. Elói Chaves.

Sim, senhores, o dr. Secretario da Justiça e Segurança Pública.

Foi por ocasião de uma das reuniões do já celebrizado Comitê de Socorros, que tem a sua sede na redação do órgão oficial dos não menos celebrizados governantes desta famosa terra dos bandeirantes.

Discutiam os grandes senhores da caridade oficial, argentária e batinal sobre as possibilidades do Comitê.

Houve quem lamentasse a falta de espírito caritativo dos abastados paulistas que, nem diante desta situação para eles ameaçadora, se dispõem a abrir devidamente os cordões das suas bolsas para socorrer os famintos.

Capítulo IV - Educação de si: educar é instruir-se

Os temas educação e cultura para os anarquistas eram de grande valor, eram instrumentos fundamentais para o processo de emancipação dos indivíduos e para alcançar a almejada Revolução Social tão propagada pelos libertários.

As propostas e práticas educacionais pelos militantes ácratas se manifestam de longa data, podemos localizar suas indicações metodológicas inicialmente com o idealizador do Falanstério, o francês Charles Fourier, anarquista de espírito e não de nome²⁰⁸, até os militantes do século XXI²⁰⁹, passando por Pierre-Joseph Proudhon, o criador do signo *Anarquia* como manifestação do pensar e do agir político e social, Mikhail Bakunin, Leon Tolstói, Paul Robin, Sebastian Faure, Francisco Ferrer, entre outros. Suas propostas pedagógicas surgiram no período de expansão industrial e nascimento do capitalismo com o objetivo de despertar novas reflexões sobre o mundo do trabalho em que se encontrava a população menos prestigiada economicamente. Pedagogia que tinha como meta a formação de pessoas livres, humanistas e igualitárias, tendo uma outra visão do mundo, contrária as de dominação e exploração propostas pela ideologia vigente, acreditavam que o fato de os indivíduos terem uma visão e concepção social divergente da existente era o princípio para o seu processo revolucionário, sendo assim *a educação libertária não prepara a revolução, ela em si já é a revolução*²¹⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, os libertários brasileiros também se organizaram para a realização de atividades pedagógicas, orientado pelas leituras dos pensadores anarquistas clássicos, sobretudo dos militantes oriundos do anarco-comunismo²¹¹ tendo Kropotkin, Reclus e Malatesta como suas leituras favoritas²¹², de

O dr. Eloi Chaves mostrou-se, porém otimista, afirmando esperar que os recursos a recolher hão de bastar para minorar a situação desesperadora dos desocupados.

Mas, há no meio do tal Comitê objetou que, por muito que pudessem dar aos desocupados, não chegariam a dar-lhes nem sequer o necessário para o pagamento de uma parte dos aluguéis de casa.

A isso respondeu prontamente o dr. Eloi Chaves, Secretario da Justiça e da Segurança Pública.

-Ora, ora! Os aluguéis de casa não se pagam!

Registremos, pois, o conselho do membro do governo do Estado.

Prestem bem atenção todos aqueles que se encontram impossibilitados de pagar os seus débitos aos senhorios: os aluguéis não se pagam.” – Ver em: RODRIGUES, E. Alvorada operária – Rio de Janeiro – Mundo Livre, 1979.

²⁰⁸ LIPIANSKY, E.-M. *A pedagogia libertária* – São Paulo; Imaginário, 1999.

²⁰⁹ Sobre as experiências pedagógicas libertárias contemporâneas ver em; PASSETTI, E. & AUGUSTO, A. *Anarquismos e educação* – Belo Horizonte; Autentica, 2008; e PEY, M. O. *Pedagogia libertária: experiências hoje* – São Paulo; Imaginário, 2000.

²¹⁰ VALLADARES, E. *Anarquismo e anticlericalismo* – São Paulo; Imaginário, 2000. p. 23

²¹¹ Segundo Max Nettlau, o Heródoto da anarquia, o termo comunismo anarquista tem sua origem em folheto escrito em fevereiro de 1876, intitulado “Aux travailleurs manuels partisans de l’action politique”,

observar o cotidiano reconhecendo a necessidade da melhoria intelectual do proletariado; fundaram bibliotecas populares, escolas racionalistas e libertárias, centros de estudos sociais e centros de cultura social, além de sua imprensa que servia como instrumento pedagógico na divulgação de suas propostas²¹³. Realizações de palestras e conferências eram outras formas de educar o proletariado.

A realização de leituras e reflexões das obras comunistas-libertárias realizadas pelos militantes brasileiros os leva a se questionarem e certamente a agirem influenciados pelas propostas pedagógicas descritas nesta literatura. Em seus chamados para a revolução, a ação de sublevar a população descontente e levá-las ao motim, a contribuição instrutiva seria a de preparar as suas mentalidades para o momento revolucionário. Inclusão de forças conscientes e não apenas da revolta física, ou como nos alerta o anarquista russo Kropotkin em que o militante deve despertar a maioria para compreender o que se deve fazer antes da revolução, e acreditando em que tudo o que é duradouro somente ocorrerá com a livre iniciativa da maioria, sua reflexão educativa propõe a persuasão e a incitação, no ato de fazer e ser dos indivíduos.

Para Malatesta o ideal ácrata visa alterar o modo de viver em sociedade, para ele é preciso fortalecer as relações de amor e solidariedade, expandir a plenitude do desenvolvimento material, moral e intelectual, para todos os seres humanos, não limitando essas virtudes à somente alguns indivíduos, classes e partidos, mas tal meta só poderá ser almejada através das mentes sadias, consciências iluminadas de cada um e aplicá-la por intermédio do livre consentimento do coletivo, por isso para o anarquista italiano, o primeiro dever dos libertários é persuadir as pessoas, ou nas palavras de Oiticica ‘esfoliar o cérebro’ do povo, visando alcançar sua riqueza humana e intelectual, e assim sua contribuição igualitária e solidária junto aos seus.

editado por François Dumarthey. – NETTLAU, M. *La anarquía a través de los tiempos*; Barcelona, Júcar, 1977, p. 176 *apud* LUIZETTO, F. V. *Presença do anarquismo no Brasil: Um estudo dos episódios literário e educacional* – São Paulo; FFLCH/USP, tese de doutoramento, 1984. p. 22

²¹² Luizetto em sua tese de doutoramento nos aponta esses teóricos do anarquismo como principal referência das leituras dos anarquistas brasileiros através das colunas dos jornais ácratas, em sua biblioteca e na relação de livros a vendas. Conferir em LUIZETTO, F. V. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900 – 1920* – São Paulo; Tese de Doutorado; FFLCH/USP, 1984.

²¹³ Para maior informação sobre estas organizações anarquistas no Brasil no início do século XX, ver em ROMANI, C. Da biblioteca à Escola Moderna: Breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul – in: *Educação Libertária*, nº 1 – São Paulo; Imaginário, 2006. p. 87 – 100; RODRIGUES, E. *Socialismo e sindicalismo no Brasil* - Rio de Janeiro; Laemmert, 1969; MAZA, F. *Anarco-sindicalistas - A visão dos libertários de ciência e tecnologia* – São Paulo ; PUC, dissertação de mestrado, 1993.

Reclus, anarquista e geógrafo francês, que esteve em território brasileiro realizando pesquisa em 1893, tendo parte de sua obra *Géographie Universelle*, referente ao Brasil²¹⁴, também argumentava que o prelúdio das revoluções, das transformações ocorriam nos corações e consciências, antecedendo os músculos, sendo a primeira ação dos ácratas o apagar a ignorância, colaborando com a distribuição do conhecimento.

4.1 A militância anarquista pedagógica de José Oiticica: solidarizar-se

Em 1912, quando José Oiticica, que abandonou o Direito e não concluiu a Faculdade de Medicina e posteriormente se dedicou à pedagogia, poeta parnasiano, homem de grande conhecimento e reconhecido intelectual, ‘descobre-se’ anarquista, se junta aos militantes ácratas e exerce importante colaboração na difusão e propagação dos propósitos libertários, tendo atuação destacada junto a seus novos companheiros. Sua adesão aos libertários se manifesta através das práticas e teorias educativas, iniciando com um artigo homenageando o militante espanhol Francisco Ferrer y Guardia.

Em 1912 tivemos a satisfação de ler o primeiro artigo de Oiticica de afirmação anárquica. (Ignoro se já o tinha feito em alguma outra publicação). Nêle ressaltava a obra do mártir de Montjuich e previa o triunfo do racionalismo libertário. Êsse trabalho foi publicado no número especial de *A Lanterna*, de S. Paulo, do dia 13-10-1912, em recordação do 3º aniversário do fuzilamento de Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna de Barcelona em 1901. Tinha o seguinte epigrafe: “Francisco Ferrer e a Humanidade Nova”. Foi o primeiro que enviou para o citado periódico.²¹⁵

Artigo publicado na primeira página do jornal anticlerical *A Lanterna*, juntamente com um retrato de Francisco Ferrer y Guardia, José Oiticica assinou seu primeiro texto de caráter anarquista. Texto em que homenageava a memória do pedagogo autodidata, ativista anticlerical e republicano espanhol Francisco Ferrer,

²¹⁴ Nessa ocasião Eliseé Reclus é homenageado a 18 de julho de 1893 em sessão solene realizada na Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, local em que recebeu o diploma de sócio honorário, pelo presidente daquela instituição o Marques de Paranaguá. – Conferir em LOPES, M. Crônicas dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro – Rio de Janeiro; Achiamé, 200(?). p. 37

²¹⁵ ROMERA, J. José Oiticica: Recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário – in: *Ação Direta*; Rio de Janeiro, ago/set.1957. p. 4

fundador da Escola Moderna que propunha práticas pedagógicas de uma educação racional e libertadora, que foi fuzilado em 13 de outubro de 1909 na prisão de Montjuich.

Após sua execução, o dia 13 de outubro tornou-se data de combate no calendário ácrata, comemorar o mártir, manifestar solidariedade às diversas Escolas Modernas que se espalhavam pelo globo, expor seus méritos através de conferências e publicação de artigos em jornais. No Brasil além da comemoração da data os libertários fundaram e atuaram em Escolas Modernas²¹⁶, na imprensa libertária são constantes os artigos e anúncios de campanhas e conferências lembrando o mestre combativo que foi Francisco Ferrer y Guardia.

O novo militante colabora na imprensa libertária e anticlerical com artigo em lembrança e reconhecimento da obra libertária do professor espanhol:

O assassinato de Ferrer é uma lição de historia viva. Contemplamos, no scenario da Terra a inevitavel transição da humanidade sofredora para a humanidade redimida. É o movimento mais profundo, mais essencialmente humano de toda a luta contra a natureza; porque se até agora o homem tem reformado os meios de produção e agido pelo sentimento, doravante aneia por se reformar a si mesmo e o faz pela inteligencia.

A tragedia de Montjuich expõe o fenomeno á luz meridiana. Iriza-o de cambiantes tão intensas que a mais toldada das vizões nela enxerga as perspectivas todas do problema da Emancipação.

Ferrer é um simbolo. Sua vida foi um prenuncio. Sua morte uma definição.

(...)

Ferrer gritando ao morrer: **Viva a Escola Moderna!** é o brado de triunfo das gerações cevadas com a seiva anarquista, batizadas para sempre com o sangue do martir, cubiçosas de paz, de amor, dessa entresonhada concordia, prometida pelos sonhadores passados e negada, vilipendiada pelos parasitas de qualquer sorte, reis, capitalistas, papas e marechais.

A iniciativa educacional de Ferrer apresentava-se como uma inovação à sua época, em que propunha a valorização do indivíduo pela sua inteligência num processo de auto-descoberta. Oiticica homenageando o pedagogo aponta sua vida e os motivos que determinaram sua morte como ações pedagógicas, ao focalizá-las na sociedade de seu tempo cindida em contrastes sociais tão visíveis e conflitantes. Desta forma Oiticica

²¹⁶ Sobre a fundação e funcionamento das Escolas Modernas no Brasil ver em: MORAES, J. D. de A trajetória educacional anarquista na primeira república: Das escolas aos Centros de Cultura Social – Campinas; Unicamp, dissertação de mestrado, 1999; RODRIGUES, E. O anarquismo na escola, no teatro na poesia – Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.

vê na Escola Moderna um instrumento de combate, de enfrentamentos. Em época que a questão da luta operária se focava principalmente no fator econômico, nas ações dos diversos grupos socialistas. Ferrer, na exposição de Oiticica, parece ir além da questão econômica, suas reflexões a partir de suas leituras e de suas experiências vividas, vê que a ação educativa deve ser tratada como ação revolucionária:

As refregas lhe ensinaram, felizmente, melhor rumo. Compreendeu a ineficácia das leis e do governo nas reformas sociais, a mistificação das suas promessas, o logro perpetuo em que ministros e parlamentares vão mantendo o povo eleitor e submisso.

Atinou com a mola principal, mercê da qual os homens de cima exploram descançadamente o labor dos homens de baixo. Essa mola é a **ignorância**.

A escravização dos braços só se faz pela escravização da inteligência. A escravização da inteligência se efectua pela educação do Estado e da Igreja. Essa educação consiste no infiltramento de preconceitos e regras tendentes todas a firmar no animo das turbas a **obediência** aos mandões.

Exige a Igreja o respeito aos dogmas; exige o Estado o respeito às leis.

Dogmas e leis revertem a favor dos seus promulgadores e mantenedores em prejuizo dos dirigidos: trabalhadores e crentes.

Como resolver portanto o grande problema? Destruindo os preconceitos, aclarando a inteligencia da multidão obscurecida, apontando-lhe os erros, os desatinos, as imoralidades das doutrinas que lhe dão substituindo-as pela verdade scientifica assentada exclusivamente na razão observadora.

Oiticica localizou na proposta pedagógica de Francisco Ferrer o sentido principal de seu combate, a extinção do agente responsável pelos males sociais: a ignorância. Tendo a ciência como instrumento auxiliador em suas lutas, em confronto com o Estado e a Igreja, os anarquistas vêm no discurso científico mecanismo orientador para a gênese de novas instituições negando qualquer forma de dominação sobre os indivíduos, e através das experiências vividas, inventar meios de viver contra a dominação.

Uma educação de combate, de resistência, valorizando a ciência e as relações humanas: escola mista que aceite crianças e adultos de ambos os sexos, reconhecendo a emancipação feminina, co-educação *igualmente social, entre pobres e ricos, com um sistema de remuneração segundo os meios dos pais, indo até a gratuidade*²¹⁷, na busca de uma sociedade igualitária, não competitiva, com o objetivo de todo aluno ao sair da

²¹⁷ Ver em SAFÓN, R. *O Racionalismo Combatente* – São Paulo; Imaginário, 2003. p. 41

escola estar preparado para adentrar a vida social, com a condição de ser seu próprio mestre e guia, ou seja, a liberdade responsável.²¹⁸

A missão da Escola Moderna é esta: esfoliar o cérebro do povo, elevar, como disse Ferrer, o nível da mentalidade humana, pela disseminação dos conhecimentos bons, banindo de vez a atabafante aluvião de lendas, cultos, superstições, milagres, com que se atulham hoje as consciências para domina-las.

Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo o mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de ódio cujo embate balançou o trono malsinado, esse vozear de protesto, esse alarido de meia humanidade indignada, representa o homem futuro, o Hércules que nasce, que reteza os músculos, que investe afoitamente contra a Hidra-Autoridade²¹⁹.

Foi através das propostas pedagógicas da Escola Moderna de Francisco Ferrer, que José Oiticica adentrou no movimento anarquista, no ano de 1912 e neste militou por toda vida. Vida de intensa dedicação e combate na propagação e prática do anarquismo, conceito que Oiticica não o concebeu apenas como uma teoria, mas como conduta para sua existência. Ainda no ano de 1912, após a publicação de seu artigo homenageando e propagando a proposta da escola racionalista espanhola, Oiticica colabora com sua presença e oratória em conferência realizada pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, realizada na data da morte de Francisco Ferrer.

Teve um brilhante resultado a comemoração promovida pela Liga Anticlerical e Federação Operária.

Às 2 horas da tarde, achando-se literalmente cheio o teatro Carlos Gomes, toma lugar no palco toda a diretoria da Liga.

(...)

Em seguida dá-se a palavra José Oiticica, que profere uma belíssima oração, mostrando qual o verdadeiro fuzilamento de Ferrer, o que representava para o catolicismo, intolerante e sanguinário, a personalidade do fundador deste foco de luz potente que é a Escola Moderna²²⁰.

²¹⁸ Sobre Francisco Ferrer e Guardia e a Escola Moderna há uma vasta relação de obras e artigos específicos sobre o tema ou mencionando-os, tais como: Tragtemberg, M. Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária – in: _____ *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*, 2º ed., v. 1 – São Paulo; Cortez, 1982. p. 91 – 120; SAFÓN, R. *O Racionalismo Combatente* – São Paulo; Imaginário, 2003; ROMERA VALVERDE, A. J. *Pedagogia Libertária e Autodidatismo* – Campinas; Tese de Doutorado, Unicamp, 1996; e Revista *Educação Libertária: Educação e Revolução na Espanha Libertária* – São Paulo; Imaginário nº 1, 3º quadrimestre de 2006.

²¹⁹ OITICICA, J. Francisco Ferrer e a humanidade nova – in: *A Lanterna* – São Paulo, 13.10.1913. este artigo teve transcrição e adaptação ortográfica em *Ação Direta*- Rio de Janeiro, nov.1958, com o título “Francisco Ferrer”, tendo esta versão publicada em OITICICA, J. *Ação Direta* –Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 275 – 278

²²⁰ *A Lanterna*, nº 161 – São Paulo, 19.10.1912

Oiticica exerceu colaboração junto aos anarquistas na orientação e formação do proletariado carioca, colaborando com seus conhecimentos, adquiridos em sua formação acadêmica, tendo como objetivo o desenvolvimento intelectual da classe operária, e assim, rompendo as barreiras formais entre o mundo do conhecimento e o do trabalho em que suas exposições procuravam atender as necessidades dos trabalhadores e que estes desenvolvessem, através das informações e conteúdos recebidos, a sua revolta de classe não apenas na teoria, mas também na ação prática. No periódico anticlerical *A Lanterna*, comunicando funcionamento de cursos abertos ao público oferecidos pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, encontramos dedicada contribuição intelectual de José Oiticica nesta empreitada:

Sucedem-se numa actividade animadora as excelentes iniciativas desta nossa utilissima instituição de combate e de educação.

Além de proveitoso curso de sociologia que o dr. Oiticica está realizando todas as quintas-feiras, perante uma assistencia sempre mais numerosa vêm de ser iniciada as suas aulas noturnas.

É o seguinte o horario dessas aulas:

Segunda-feira: das 7 e ½ ás 8 e ½ horas, geografia a cargo do sr. Carlos Augusto de Lacerda; das 9 ás 10, francez a cargo do mesmo professor;

Quarta feira: das 8 ás 9 horas, historia, a cargo do dr. Coelho Lisboa;

Sabado: Das 7 ás 8 horas, portuguez, a cargo do dr. José Oiticica; das 8 ás 9, aritmetica, a cargo do sr. J.P. da Silva.

É gratis a assistencia das familias dos socios já matriculados.²²¹

A Liga Anticlerical do Rio de Janeiro em assembléia geral realizada em 2 de janeiro de 1913, refere-se aos cursos ministrados por esta organização e indiretamente cobra presença de seus associados, que *vão dando bons resultados, embora a sua freqüência seja ainda fraca em relação ao numero de associados inscritos.*²²²

A contribuição de José Oiticica se estende nas mais variadas conferências, sua presença e oratória, a coletivização de seus conhecimentos se propaga e solidariza-se nas diversas atividades e temas realizados pelos libertários. Em fevereiro de 1913, em comemoração ao filósofo italiano Giordano Bruno, ‘grande mártir do livre pensamento’, segundo os anticlericais, Oiticica participa junto a outros militantes, com nova conferência traçando a biografia de Bruno, em questionamento à Igreja Católica.²²³

²²¹ *A Lanterna*, nº 164 – São Paulo, 09.11.1912

²²² *A Lanterna*, nº 173 – São Paulo, 11.01.1913.

²²³ Conferir em *A Lanterna*, nº 179 – São Paulo, 22.02.1913. e em *A Voz do Trabalhador*, nº 26 – Rio de Janeiro, 01.03.1913.

Participação em atividades de protesto e repúdio a semana santa, dissertando rapidamente sua posição anticlericalista *fez uma substancioza e brilhante conferencia discorrendo sobre a farça da semana santa, a mentira cristã, o perigo das religiões e a falsidade dos deuses*²²⁴, em contraposição a essa data comemorativa e a submissão dos indivíduos diante da mística cristã.

A oratória de José Oiticica, pelos comentários e resenhas referentes às suas conferências nos mostram uma sessão bastante cativante, sua persuasão e comunicabilidade apresentam-se como uma grande força que se soma ao movimento libertário junto aos operários. Ainda no início de sua militância no ano de 1913, período em que ocorre a retomada do movimento operário, já que de 1909 a meados de 1912 *o movimento operário vive uma fase de depressão, marcada por um nível organizatório mais baixo e um número menor de mobilizações*²²⁵, José Oiticica mobiliza-se junto a seus companheiros na reorganização do operariado e a retomada das atividades da Confederação Operária Brasileira (COB). Em julho, o jornal *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, anuncia evento a ser realizado em 2 de agosto de 1913, atividade visando fundos para realização do II Congresso Operário Brasileiro no Rio de Janeiro a ser realizado no período de 8 a 13 setembro, o professor Oiticica colabora neste com conferência junto a outras atividades como teatro, canções, recitais de poesias, bailes. O mesmo periódico, de 15 de agosto de 1913, descreve esta participação:

A conferencia do camarada Jozé Oiticica agradou em absoluto. O tema foi brilhantemente desenvolvido, dado o profundo conhecimento de cauza do orador que, fazendo apolojia da ação direta, demonstrou a inutilidade do cooperativismo, beneficencia e mutualismo, bem como a politica, no seio das associações operarias; demonstrando ainda o quanto o alcool, o fumo são prejudiciais ao organismo humano; estende-se em considerações contra o jogo, criação burgueza para arrancar ao trabalhador as ultimas migalhas restantes de privações, louvando a ideia da realização do no o (sic) Segundo Congresso, no qual, a par de todos os assuntos a serem discutidos, muito se deve cuidar da educação dos trabalhadores. A conferencia que durou uma hora, terminou sob ruidozos aplauzos do auditório.²²⁶

²²⁴ *A Voz do Trabalhador*, nº 28 – Rio de Janeiro, 01.09.1913.

²²⁵ ADDOR, C. A. ADDOR, C. A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*, 2. ed. – Achiamé; Rio de Janeiro, 2002. p. 106

²²⁶ *A Voz do Trabalhador*, nº 37 – Rio de Janeiro, 15.08.1913

Reconhece-se o saber e o profundo conhecimento de Oiticica sobre os temas tratados e apresentados, sua constante preocupação em relação à educação dos trabalhadores que seria discutida no Segundo Congresso a ser realizado no próximo mês.

Porém a participação expositiva de Oiticica nas conferências organizadas pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro teve maior destaque no quarto aniversário da morte de Ferrer, em que junto a vários companheiros expõe sua simpatia e solidariedade a proposta pedagógica racional do professor espanhol assim como reclama ato prático de sua teoria, agir como o mestre, para evitar o esquecimento e que a data não seja apenas comemorativa, mas sim colocar os corpos a frente dos espíritos, para ação e comemoração reais. Vejamos a nota na íntegra, para podermos termos idéia da dimensão desta comemoração reivindicada pelos indivíduos e coletivos libertários e vários grupos anticlericais, nota esta divulgada pelo jornal anarcossindicalista *A Voz do Trabalhador*, de 15 de outubro de 1913:

Na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Distribuiu essa agremiação um manifesto convidando o publico a assistir á sessão de propaganda, comemorativa do quarto aniversario do fuzilamento do inolvidavel mestre racionalista que foi Francisco Ferrer y Guardia, tombado mortalmente pelas balas assassinas de Antonio Maura e seus asseclas na madrugada de 13 de outubro de 1909, nos fossos de Montjuich.

Ás 8 horas da noute o vasto salão que lhes serve de séde achava-se repleto de camaradas e elevado numero de senhoras e senhoritas. O secretario Carlos A. de Lacerda prezide a sessão e fazendo uma breve a locução ao ato, cede a palavra ao dr. Jozé Oiticica, que prendendo a atenção do auditorio com uma bela dissertação sobre o papel de Francisco Ferrer enquanto vivo, as consequencias da sua abnegação, e por fim diz que a melhor forma de comemorar, de conservar a memória do grande mestre, era continuar a sua obra racionalista.

Então, fez um minuciozo estudo sobre a fundação de escolas e demonstra que o que a principio parece difficil, se torna o mais pratico que dar se póde.

Ha facilidade de fazer iniciar, adquirindo-se salões gratuitos para o funcionamento das escolas diurnas; cita o salão da Liga, o salão da Federação Operaria, que de dia não teem movimento e lhe aprece que os seus componentes não negariam esse concurso. Cita outros mais salões, refere-se ao professorado, declarando que desde já se póde contar pelo menos com trez senhoritas que se prontificam a lecionar, conhecem o racionalismo além de terem o curso da Escola Normal. Ele se prontifica a preparar alguns companheiros para esse mister, finalmente concita um pouco mais de esforço da parte dos admiradores de Ferrer, que devem deixar de o admirar passando a imital-o, praticando a sua obra humanista. Concluindo a sua brilhante

peroração, apela para os presentes que desde já iniciem esse tentamem.

Seguiu-se-lhe com a palavra os companheiros Caralampio Trillas e Candido Costa, que secundaram a opinião do dr. Oiticica.²²⁷

Oiticica colaborou junto aos operários também em várias palestras sobre saúde, higiene social, dentre outras o alcoolismo.

4.2 – Presença de Oiticica nas instituições escolares

Em 1916, José Oiticica após ser aprovado em concurso, tornava-se professor de português do Colégio Pedro II. Colégio construído sob a égide imperial, visando atender a necessidade da existência de uma escola secundária na capital nacional. Colégio modelo, padrão nacional para textos didáticos e avaliações. Seus aspectos específicos, segundo nos informa Needell são: acentuado destaque ao ensino de humanidades, primoroso corpo docente, acompanhado de perto pelo imperador, exigência para que alunos decorassem textos classificados como padrão em suas específicas áreas. Fortemente inspirado na educação clássica francesa, com forte preferência ao estudo de línguas e literaturas antigas e modernas, religião, história, filosofia e aritmética²²⁸.

O corpo docente era formado por nomes reconhecidos e respeitados intelectualmente tais como: Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Carlos de Laet, João Ribeiro, Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves Dias, barão de Rio Branco, Coelho Neto, entre outros. Grandes vultos da história brasileira também atravessaram o portão daquela instituição educacional como Joaquim Nabuco, o visconde de Taunay, Rodrigues Alves, Washington Luís, dentre outros homens ligados aos diversos setores nacionais, ou seja, banqueiros, advogados, médicos, etc. *Ali os filhos dos grandes latifundiários provincianos, dos magnatas do comércio, dos estadistas e dos políticos imperiais se conheceram em pequenas turmas*²²⁹.

Quando José Oiticica adentrou neste Colégio o clima deste órgão de ensino assustava um pouco aos alunos, sendo um ambiente frio, sisudo, conservando alguma

²²⁷ A Voz do Trabalhador, nº 41– Rio de Janeiro, 15.10.1913.

²²⁸ NEEDELL, J. D. *Belle époque tropical* – São Paulo; Companhia das Letras, 1993.

²²⁹ *Ibidem*. p. 80

severidade da época de sua fundação²³⁰, nosso protagonista já era um reconhecido e combativo anarquista, sua aprovação foi uma batalha memorável, conforme a definição de Teófilo de Andrade que em futuro artigo necrológico rememorando o acontecimento, descreve-o:

O episódio foi-me contado, um dia, com riqueza de detalhes, por Idefonso Falcão. José Oiticica tinha chegado, fazia pouco, de Alagoas. E temia ser levado de vencido pelas contingências da política escolar, sobretudo porque a sua tese era apenas a demonstração dos erros contidos nos livros dos que o iam examinar. Prevendo a tempestade, convidou para assistir as provas a Carlos Maximiniano, ministro da Justiça de Venceslau Brás, a quem estavam, naquela época, afetas as questões do ensino. Confiava em sua fibra de homem de coragem e dignidade. O concurso foi uma batalha memorável. Carlos Maximiniano assistiu-o. e nomeou José Oiticica, que, então, era um pequeno David, armado tão somente com a funda da sua competência²³¹.

Batalha que ao manifestarem o resultado final, os examinadores, questionam e reprovam sua conduta social, sua militância anarquista e postura anticlerical, Carlos Laet católico militante, adversário dos libertários, em reconhecimento a boa exposição e exame do candidato manifesta-se, criticando a banca avaliadora, conforme descreveu Roberto das Neves:

Não é possível que num país, como o Brasil, onde raro são os homens de valor, se pretenda reprovar um homem como este, que acaba de demonstrar profundo conhecimento das questões gramaticais e filológicas, apenas porque professa pontos de vista divergentes dos nosso! Que têm a ver o anarquismo e o ateísmo do candidato com o assunto que aqui nos congrega? Não somos policiais nem membros do Santo Ofício para persegui-lo e julga-lo, mas professores e examinadores e devo frisar que, embora discordando de vários dos seus conceitos sobre gramática e filologia, me satisfizeram plenamente as provas que esse rapaz acaba de prestar e que revelam um talento e uma cultura invulgares na sua idade e, repito, no nosso país é, não há dúvida, um jovem de grande talento e de grande cultura, de quem há muito a esperar!²³²

Inicia então sua trajetória pedagógica no Colégio Pedro II, lecionando para vários alunos que serão nomes reconhecidos no futuro, nas mais diversas áreas de

²³⁰ LAGO, M. *Na rolança do tempo*, 2º ed. – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. p. 208

²³¹ ANDRADE, T. Oiticica e os “aglossos” – in: OITICICA, J. *Curso de literatura* – Rio de Janeiro; Germinal, 1960. p. 16 – 17. O artigo foi publicado originalmente em *O Jornal* – Rio de Janeiro, 02.11.1957

²³² NEVES, R. das *José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil* – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 12

conhecimento e profissão. Ali lecionou por 35 anos, encerrando suas atividades educativas com sua aposentadoria, teve homenagem emérita e em texto, posterior ao seu falecimento, rememorando os serviços prestados por ele aquela instituição, e referenciado com grande admiração e reconhecimento de seu conhecimento pelas pessoas com quem conviveu:

(...) foi uma das figuras de maior relêvo da cultura brasileira (;) seu inesperado falecimento causou profunda consternação a todos os seus colegas do Internato, bem como aos próprios alunos, que tanto o admiravam (;) os trabalhos publicados pelo inolvidável mestre são justamente apontados pelos estudiosos de língua portuguesa como obra de inestimável valor (;) desde 1916 exerceu o professor José Oiticica uma cátedra de Português no Colégio Pedro II, nela se mantendo, com verdadeiro desvêlo e inigualável assiduidade, até atingir a idade limite do ensino oficial²³³.

Á esta instituição de ensino Oiticica doou boa parte de sua biblioteca, que após sua morte será homenageado com seu nome²³⁴.

Não temos muitos informes sobre sua atividade letiva neste Colégio, mas o que buscamos e questionamos é se o anarquismo, signo temido e de ojeriza naquele espaço, tal como vimos na sua avaliação para ali ingressar, foi praticado também naquela instituição. Entre as poucas referências bibliográficas e documentais encontradas temos o depoimento de Pedro Nava, médico e memorialista, ex-estudante do Pedro II entre os anos de 1916 a 1920, que expressa ao afirmar não ter contato com a cultura anárquica e que conheceu o anarquismo no Colégio Pedro II, local em que os alunos com prazer proclamavam-se anarquistas, Nava diz que era expresso com grande orgulho mesmo que os alunos não soubessem direito os seus fundamentos, idealismo adquirido através das aulas de português do professor José Oiticica:

(...) eram mais comícios anarquistas do que aulas de uma disciplina qualquer. Ele saía desgarrado, era um apaixonado, um arremessado, um assomado, de modo que se atirava rapidamente a qualquer

²³³ Homenagem do Internato do Colégio Pedro II ao mestre insigne – in: OITICICA, J. *Curso de literatura* – Rio de Janeiro; Germinal, 1960. P. 29

²³⁴ Em correspondência enviada pelo historiador, arquivista e memorialista autodidata da história dos movimentos sociais e do anarquismo Edgar Rodrigues em 13 de novembro de 2006, nos informa sobre a ocorrência de um incêndio naquele local em tempos passados e que boa parte dessa biblioteca doada por José Oiticica fora perdida, queimada nesse acontecimento. Sonia Oiticica em depoimento realizado em 16 de janeiro de 2007, confirma a informação

pergunta e a transformava numa pregação política que durava o tempo inteiro de sua aula.²³⁵

A forma exagerada de Pedro Nava expressar o anarquismo propagado nas aulas, denominadas como aulas-comícios, de português tem questionamento de Sônia Oiticica, em seu depoimento:

Bom com isso vocês imaginam o que não havia do contra e o que não havia de mentira, com isso aí a gente pode fazer um cálculo. Tudo que aparecia, tudo que diziam: ah foi o professor Oiticica que disse²³⁶

Sônia Oiticica nos relata de forma bem humorada uma intervenção de seu pai junto aos alunos durante um dia de calor intenso no Rio de Janeiro, em que ao entrar na sala de aula os alunos se encontravam em seus lugares com seus exigidos uniformes do externato, aguardando o mestre, vejamos as palavras de Sônia, sobre a ação do pai e o resultado:

- Qual é a primeira coisa que tem que fazer?
E todo mundo tirava a gravata, tirava o paletó, não sei que fim que dava (risos). Ai o diretor passava na classe:
- Professor, o senhor aqui, com os alunos todos mal arrumados, sem gravata, sem nada...
Ele disse:
- Na minha sala, mando eu!

Mário Lago que também fora aluno daquele externato, lembra-se de um local sisudo, tendo nos professores mais velhos as antigas tradições da época imperial, quando foi fundado, tendo inclusive professores mais novos influenciados por aquela atmosfera conservadora. Lago em suas memórias menciona a existência de três professores que metamorfoseavam aquele cenário desagradável animando-o e criando novas formas de relacionamento entre docentes e discentes, tendo sempre uma roda de alunos em torno deles, entre os três menciona o professor de português José Oiticica, que por seu ideário político, já era visto com olhares de desconfiança por seus colegas de cátedra, e os olhares certamente multiplicavam-se devido sua conduta e vivência naquela escola freqüentado pelos filhos da elite nacional:

²³⁵ NAVA, P. Pessimista, amargo, mineiro – *Jornal da Tarde* – São Paulo, 04.06.1983. *apud* LUIZETTO, F. V. *Presença do anarquismo no Brasil: Um estudo dos episódios literário e educacional* – São Paulo; FFLCH/USP, tese de doutoramento, 1984. p.138

²³⁶ Sônia Oiticica, depoimento 16.01.2007.

Oiticica, já merecedor de certa desconfiança por sua posição confessadamente anarquista, escandalizava os outros professores com a intimidade permitida ao Manuel, servente que vendia sanduíches na hora do recreio. Iniciado nos segredos da capoeira, várias vezes foi surpreendido em treinamento com o inferior. Mas havia outro detalhe enchendo de pasmo o corpo docente mais do que tudo isso. O Manuel tinha o apelido de Piroca. Todos os professores timbravam em chama-lo de senhor Manuel. Só o Oiticica encostava no balcão e gritava como qualquer um de nós: ‘Vê logo esse sanduíche, Piroca’. Isso o identificava demais conosco, para desespero de Carlos de Laet, ainda diretor do colégio quando ali entrei.²³⁷

Neste retrato exposto por Mário Lago encontramos um professor que se relacionava não apenas com seus pares, mas com todo o universo que vivenciava naquela instituição, como se estivesse demolindo os caracteres hierárquicos daquele estabelecimento padrão, podemos também deduzir o comportamento de alguns pais com essa forma de invenção cotidiana rompendo radicalmente com as tradições do Colégio Pedro II.

Sônia Oiticica em depoimento nos confirmou a prática e o conhecimento da arte da capoeira por parte de José Oiticica acreditando que o pai a tenha aprendido na prisão. Em seu *Manual de estilo*, entre os vários textos, poemas, fragmentos apresentados por Oiticica encontramos uma fábula de sua própria autoria intitulada “*O macaco valentão*” em que narra uma luta de capoeira em que um macaco bêbado e brigão leva a pior, no jogo com outro animais.²³⁸

Em “*Elucubrações dramáticas do professor Oiticica*”, de Antônio Arnoni Prado, texto que analisa as atividades e intervenções teatrais de José Oiticica, nos é descrita a utilização de antigas peças teatrais, preferencialmente, de Aristófanes, o primeiro anarquista do teatro ocidental, segundo o próprio Oiticica, para a exibição de suas aulas. Através de suas peças cômicas Oiticica metamorfoseava-as, tornando-as textos de caráter anarquista, seguindo um cuidadoso roteiro ilustrativo, complementado de exemplos e falas espirituosas, cheia de ironias, ou seja, suas aulas eram como laboratórios experimentais para o fazer da revolta e debate. Eram inúmeros os temas e exposições do docente, como nos apresenta Prado, aulas que certamente deviam inquietar a mente daqueles alunos:

²³⁷ LAGO, M. *Na rolança do tempo*, 2ª ed. – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1976. p. 208

²³⁸ Conferir em OITICICA, J. *Manual de estilo*, 7ª ed. – Rio de Janeiro; Editora Paulo de Azevedo, 1954 p. 184 – 186.

A ridicularização dos adivinhos como impostores e parasitas e a expulsão dos legisladores em **As aves**; o argumento, em **As nuvens**, a favor do adultério e dos conflitos entre a religião e a moral social; a revelação, em **Pluto**, de como os sacerdotes furtam os devotos nos sacrifícios; a fala de Mercúrio nessa mesma comédia desqualificando a pátria como uma abstração da identidade nacional (...); as queixas de Xantias, em **As vespas** sobre a indignidade da condição de escravo; o processo, em **A paz** para impedir os escravos de comerem a farinha que eles próprios fabricam; a boa nova do projeto comunista de Praxágora n'As oradoras e, por fim, a revolta feminina na **Assembléia das mulheres**, que ocupam a cidadela de Atenas (a Acrópole) e assumem o poder e a direção do Tesouro propondo uma nova ordem marcada pela socialização da riqueza, da propriedade e do sexo²³⁹.

Temas como antimilitarismo, utilizando-se da obra de Aristófanes *Os acarnianos*, procurava mostrar aos alunos a inutilidade da burocracia militar, discorrendo sobre os resultados das questões bélicas, *o confisco, o contrabando, o banimento de gente honesta, o oportunismo dos mercenários, o heroísmo individualista e o patriotismo despontam como algo corriqueiro na diluição das diferenças entre o dever e o crime*²⁴⁰, fatores que se ocultam, trâmites que se desenrolam nos bastidores das guerras. Ou quando da realização da leitura de *Pluto* exibiu a impossibilidade da felicidade das pessoas honestas em uma sociedade de competitividade motivadas pelo dinheiro. Utilizando das falas dos personagens, modificando sua voz conforme a mudança das personagens reforça a afirmação da infelicidade das pessoas íntegras, através do personagem Cario, quando diz que até um cego era capaz de enxergar a impossibilidade da unificação do capital e da honestidade. Através destas rápidas cenas, Oiticica questiona seu público discente:

Até que ponto (...) não seria o povo, que ajudava a escolher os seus governantes, o responsável por esse descalabro?²⁴¹

Apoiando-se em outro texto do cômico grego, *Os cavaleiros*, comédia em que Aristófanes faz violento ataque ao demagogo Cleon, Oiticica menciona com alarde aos alunos a participação de Coro em cena que este clama a exaltação do Povo:

Todo mundo te tem como a um senhor, mas tu és maleável e te deixas governar de bom grado por adulares e subornantes...²⁴²

²³⁹ PRADO, A. A. Elucubrações dramáticas do professor Oiticica” – in: _____ *Trincheira, palco e letras* – São Paulo; Cosac & Naify, 2004. p. 153

²⁴⁰ *Idem.* p. 152

²⁴¹ *Idem.* p. 150

Artifícios do demagogo Cleon para se assegurar no poder e das suas práticas de assalto às economias do Povo são denunciadas por Coro, artifícios obscuros reforçados pela denúncia ao apresentar a carestia e a necessidade de garantia salarial como decisão e ordem de Cleon, sendo este o responsável para preservação da existência do Povo. Segundo Prado, na parte final desta aula, o mestre tem como objetivo fazer os alunos perceberem que ao governo não interessa o povo honesto e instruído ‘*só Lhe serve o ignorante e o maroto*’,²⁴³

Podemos assim notar uma grande manifestação anarquista nas exposições pedagógicas do professor Oiticica nas salas do Colégio Pedro II, aulas em que suas preleções visavam expandir ideologicamente somado a empolgação do mestre junto aos alunos a libertação da consciência destes e de futuros estudantes.

Em *Manual de Estilo*, o texto introdutório do livro, José Oiticica em forma de advertência descreve o porque da confecção e publicação deste livro, tendo como principal motivo o fator de indivíduos nos diferentes postos intelectuais – jornalistas, engenheiros, médicos, historiadores, geógrafos, advogados – escreverem mal, apontando como principal fator desta má escrita a desorientação geral dos professores tanto primários como secundários.

Sem terem aprendido nunca a técnica de escrever cada qual corrige a esmo as composições dos seus alunos, emendando e aconselhando conforme o seu gosto pessoal e muitas vezes mal formado.²⁴⁴

O caráter pessoal do professor reproduzidor de estilos, segundo Oiticica *alambicados e meloso dos falsos românticos*²⁴⁵, questionando estes estilos que lhe aborrecem, Oiticica expõe algumas citações para depois argumentar, prática esta utilizada por ele para o aperfeiçoamento da escrita de uma aluna, quando lecionou na Escola Normal, segue descrição de nosso protagonista sobre esta experiência:

Tomei uma das composições e fiz-lhe a crítica em aula, mostrando os vícios de tal estilo. A autora, vaidosa de ter sido, no ano anterior, uma das primeiras, declarou-me escrever assim, por assim lhe haver aconselhado o professor. Disse-me textualmente:
- Meu professor me dizia que era necessário florear o estilo.

²⁴² *Idem.* p. 151

²⁴³ *Idem.*

²⁴⁴ OITICICA, J. *Manual de estilo*, 7ª ed. – Rio de Janeiro; Editora Paulo de Azevedo, 1954. p. 7

²⁴⁵ *Idem.*

Ao que retruquei ser mau conselho e consistir a virtude exactamente no oposto, em fugir, por todos os meios, o estilo **floreado**.

Essa mesma aluna, meses depois, fazia composições ótimas algumas admiráveis de precisão, côm local e originalidade. Era um notável temperamento artístico, desaproveitado e transviado pelo mal gosto do professor.²⁴⁶

Oiticica propõe neste manual a apresentação das principais normas para as pessoas interessadas em escrever de maneira satisfatória, clara e simples, e afirma não desejar fabricar escritores, sendo apenas um instrumento apresentando os princípios clássicos da escrita. Em seguida menciona que mesmo os grandes gênios necessitam de iniciação. *A arte de escrever, como todas as artes, é difícil* e através de recurso da história compreende a escrita atual como resultado de aperfeiçoamentos que foram desenvolvendo-se no transcorrer dos séculos, aperfeiçoando-se por diferentes autores que as apuraram no passar do tempo, para ele a escrita bela, compreensível, seria um instrumento para o aparecimento de escritores e poetas.

Encerrando sua advertência solicita a colaboração dos intelectuais em caso de falhas não observadas pelo autor *aos meus colegas tarimbados no ofício, rogo o favor de me apontarem falhas, omissões, descuidos*²⁴⁷. Prática que parecia ser uma constante de Oiticica, Evanildo Bechara em artigo sobre influências e afinidades de Antônio Houaiss, em determinada passagem escreve sobre José Oiticica, em época que este estava preparando reedição de seu livro *Manual de análise*, que segundo Bechara é um revolucionário estudo sobre a investigação dos fatos lingüísticos, e solicitou as vozes críticas da nova geração de professores *sobre o que fizera e o que seria passível de correção e aperfeiçoamento*. Os professores da nova geração ficaram desvanecidos devido à solicitação do professor do externato Pedro II *um dos mais autorizados e catedráticos do tradicional baluarte da cultura humanística em nosso país*.²⁴⁸ O que nos interessa nesta passagem de Bechara sobre Oiticica é que podemos perceber e refletir outra quebra de hierarquias por parte do professor do Pedro II, ou seja, ao solicitar a sugestão e questionamento de professores mais jovens segue como exercício

²⁴⁶ *Idem*. p. 7 - 8

²⁴⁷ *Idem*. p. 8

²⁴⁸ Conferir em : BECHARA, E. *Antônio Houaiss: influências e afinidades no seu labor lingüístico-filológico* – http://www.geocities.com/ail_br/antoniouaissinfluenciasafinidades.htm (último acesso em 13.02.2007)

de estender os relacionamentos além de ser prática de ensino e compreensão de Oiticica junto a essa nova geração.

Nas últimas páginas do *Manual de Estilo*, Oiticica sugere alguns temas para diversas formas de exercício para composição. Vejamos alguns assuntos sugeridos para a produção dissertativa, para reflexão e exercício da escrita,

1 – Opiniões sobre os seus vizinhos. Que pensa de uma boa vizinhança. Que é necessário fazer para manter harmonia com os vizinhos. Exemplos demonstrativos.

(...)

3 – Vantagens e inconvenientes dos gramofones, da radiotelefonía, do cinema.

4 – Importância da higiene. Evitar as doenças. Micróbios. Transmissão e seus veículos. Vantagens do asseio. As vacinas. Exigências salútares dos poderes públicos. O combate à tuberculose.

(...)

6 – O problema da educação. Atraso do Brasil. Os sertanejos abandonados. O mal do analfabetismo. Nada se constrói com a ignorância. Alfabetizar o Brasil. A Liga Brasileira contra o Analfabetismo.

Após propor estes temas encerra solicitando o auxílio dos professores com informações precisas para cada um dos temas. Podemos imaginar as orientações e informes de nosso protagonista tendo seus vastos saberes somados á sua reflexão libertária, que certamente devem ter resultado em várias composições e pensamentos anárquicos nas escolas pelas quais passou, inclusive nos cursos ministrados nos espaços operários.

O mestre era admirador e estudioso da cultura e da língua grega, sendo que tempos depois irá lecionar um curso desta língua, na Universidade do Distrito Federal, tendo como aluna e secretária sua filha Sônia, que teve um grande aproximação com as práticas de ensino de seu pai, o curso realizado naquela faculdade marcou a memória daquela garota, de uma forma desagradável:

Isso é um pesadelo que eu tinha, que era terrível. Meu pai foi ensinar grego na Universidade do Distrito Federal, antes ele tinha me perguntado, chegou em mim um dia em casa, e perguntou:

- Sônia, você quer estudar grego?

- Lógico.

- Então você compareça dia tal ao Pedro II, que eu vou começar um curso.

Fiquei toda contente e fui, comecei o curso de grego. E nessa época, quando ele foi nomeado professor pela Universidade, ele me levou como secretária, e aí ele foi preso (risos), e aí foi uma tragédia,

que eu fiquei apavorada, sozinha pra dar aula, ai me deu uma paúra danada, felizmente, não durou tanto assim a prisão dele. Depois nem sei porque, acho que ele desistiu, não sei como é que foi, mas até ainda tenho hoje, nós éramos poucos, nem sei se chegava a seis, a Maria, Lucy, mas era pouquinha gente. É porque não interessa tanto a gente estudar grego, e o grego que eu estudava, é claro era grego antigo, o clássico, mas ... eu te digo que para meu, minha tristeza, eu esqueci muito do grego, muito, é toda vez... tenho meus cadernos aí, eu pergunto para alguém:

- Você quer estudar grego?

- Ah, eu quero, mas eu acho que até prefiro latim.

- Eu digo não, latim eu não quero. eu quero é grego. ²⁴⁹

Prisão, decorrida em 1932²⁵⁰, devido à intervenção da polícia “acreditando” ser o grego uma espécie de código para preparar a revolução ácrata junto aos seus alunos, evitando não interromper o curso, a própria Sônia dá prosseguimento, como nos notifica em entrevista a Maria Thereza Vargas;

Tive que assumir as aulas. Os alunos, entre eles, Antonio Houaiss, eram mais velhos do que eu. Na minha insegurança, levava as lições para papai dar uma olhadela (...) nesses dias, havia um corre-corre danado na Casa de Correção, porque ninguém ali entendia grego para saber se aquilo era aula mesmo ou mensagem cifrada. Não sei dizer se isso é verdade, ou não, mas me lembro perfeitamente de policiais dando buscas em nossa casa (a primeira e única vez que isso aconteceu) e levando os estênceis comas lições, muito eufóricos porque haviam descoberto, finalmente, um código. ²⁵¹

Através de Sônia, que como nos informa Edgar Rodrigues era a filha que possuía a maior afinidade com as idéias de Oiticica²⁵², podemos ter uma dimensão do reconhecimento das aulas de seu pai por boa parte dos alunos de sua época, concordo que posso estar equivocado, mas Sônia transmite informações dos motivos e importância que seu pai demonstrava em suas exposições e o compartilhar de seu conhecimento junto à seus alunos, objetivando, certamente, o enriquecimento e embelezamento dos espíritos. Sônia nos dá exemplo dessa influência de seu pai em

²⁴⁹ Depoimento de Sônia Oiticica, em 26 de fevereiro de 2007

²⁵⁰ Carlos Lacerda em rápida passagem em suas memórias, descreve Oiticica no cárcere no período mencionado: “Oiticica era muito mais velho do que nós. Era uma figura maravilhosa. Ele foi interrogado pela Polícia: “Mas o senhor está envolvido nesse movimento comunista?” Diz ele assim: “Não. Eu tenho horror aos comunistas.” “Mas como o senhor tem horror aos comunistas?” “Porque eu sou um anarquista.” “O que os senhores fazem como anarquistas?” “Bem, recolhemos fundos para socorrer os perseguidos, os presos políticos.” “Mas como recolhem fundos?” “Nós promovemos piqueniques na Ilha de Paquetá e vendemos entradas. É com isso...” – Ver em: LACERDA, C. *Depoimentos*, 2. Ed. – Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978.

²⁵¹ VARGAS, M. T. *Sônia Oiticica: Uma atriz rodrigueana?* – São Imprensa Oficial, 2005. p. 31

²⁵² RODRIGUES, E. *Lembranças incompletas* – Guarujá; Opúsculo Libertário, 2007. p. 49

relação à sua admiração com a lingüística, em que atualmente segundo ela, a língua está deturpado, perdendo sua beleza e assim o sentido, a razão, e comparando o Brasil a outros países sente a nossa inferioridade também em detrimento de nosso mau uso da língua, vale lembrar que a lingüística era uma das áreas de maior importância para seu pai:

(...) vai deturpando a língua, então eu sei que daqui a muitos anos, que eu tenho pela frente, a língua vai ser toda, como já está, tem muita coisa já, que não se diz mais, outras coisas que voltaram a se dizer, mas a gente tem a obrigação de conservar aquilo que é um tesouro, um tesouro que a gente não pode desprezar. Por isso, ele fazia isso, tanto que eu ensinava dicção também, porque ele não queria que a gente falasse errado, e, o errado ainda sai. Ai, o que eu disse a ele:

- Papai, entre errado e eRRado, fica eRRado, fica só quando a pessoa já nasceu errada (risos)... porque fica muito esquisito. Então faz um meio de RRR de dizer errado nem eRRado, diz erado e pronto. É uma coisa que você não sabe, de onde, como que ela funcionou, mas não choca. Porque eu choco, vou ao teatro e fico louca da vida, os atores, os atores o que são? São, propaganda da língua, não é? Uma das coisas para apagar a língua. Você não vai à Inglaterra, nem à França, nem aos Estados Unidos, em que a língua esteja deturpada como está nossa, por isso ele queria, as coisas bonitas, muita gente aceita, outras não, paciência.²⁵³

A militância anarquista de José Oiticica levou muitas vezes a sua busca pelas forças policiais no Colégio Pedro II, como nos outros locais que lecionou, como na Faculdade do Distrito Federal, possivelmente era o único anarquista com endereço certo, além de seu nome se destacar como indivíduo subversivo e perigoso a ordem vigente. Desta forma pode-se notar que a presença anarquista de Oiticica teve papel não só com suas aulas-comícios”, almejando a formação de consciências livres, mas também seu incômodo social além dos muros do Colégio Pedro II era percebido pelas visitas da força pública objetivando sua prisão.

Em 1924, notamos a importância subversiva de José Oiticica, como referência dos movimentos de contestação social nas terras brasileiras, quando é preso na saída do Colégio Pedro II, sem saber o real motivo no momento, tendo informe de sua interdição momentos depois, segundo o próprio professor relata, através de correspondência a sua esposa Francisca Bulhões, a quem chama carinhosamente de Zinha:

²⁵³ Sônia Oiticica, em depoimento em 26 de fevereiro de 2007

Zinha – fui preso ao sair do Colégio Pedro II, sem saber dos motivos da prisão. Só depois tive notícia da revolução em São Paulo. Estou na Casa de Correção, onde sou muito bem tratado. Não tenhas cuidado. Manda-me roupa e juntamente as gramáticas que estão na saleta contígua à sala de visitas com os papeis do artigo que estou escrevendo. Não é preciso mandar o que está impresso e colado nas folhas de papel. Embrulhe tudo juntamente com **Protocolos dês Sages de Siou** que está na mesa da cabeceira, e a Miragem de Coelho Neto, que deve estar em cima da conversadeira, manda avisar a Miss Southuel, explicando-lhe minha falta hoje à aula. Ela é inglesa e exige essas atenções.

No mais beijos muito saudosos a ti e aos filhos.

Não sei até quando.

Cajusa.²⁵⁴

Nesta correspondência vale atenção não apenas para a prisão inconseqüente de Oiticica, mas principalmente a relação de compromisso de nosso protagonista com sua profissão, mesmo preso preocupa-se em comunicar o motivo de sua ausência no Colégio, confirmando não ser uma falta ocasional, e ainda os pedidos de materiais (gramáticas, livros, manuscritos), ou seja, seu aprisionamento, não interfere na sua produção intelectual e na sua instrução. Mesmo no cárcere, podemos alegar que Oiticica não abandonou sua função e materiais didáticos, ou seja, permaneceu estudando e desenvolvendo-se para o seu futuro retorno a sala de aula.

4.3 – A crítica à escola ou a desobediência como método pedagógico

Vida exaustiva, enorme carga horária a ser cumprida e não abandono e descaso com seus alunos, mesmo assim, Oiticica, como seus companheiros libertários, tinha vários desafetos principalmente pessoas ligadas ao clero, partidos políticos, e aos agentes da classe abastada, seus artigos, sua militância e até mesmo sua atuação profissional os incomodava, mas nunca se curvou, como Malatesta sua vida era vivida como exemplo, seu anarquismo, sua conduta ética estava além da teoria, era seu próprio viver, propagando-se como exemplo.

O anarquista também tinha severos argumentos contrários ao ensino oficial mesmo estando inserido em uma instituição educacional de renome e de certo hábitos conservadores. Em sua obra *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, em que parece

²⁵⁴ RODRIGUES, E. *Os libertários* – Rio de Janeiro; VJR, 1993. p.43

querer sistematizar seu pensar anarquista, enumerando suas observações e seus argumentos, em determinado momento traça pontos contrários à educação vigente, no ponto 41, intitulado *A feição pedagógica*, em que em sua interpretação, vê como interesse dos possuidores a importância de manter os cidadãos, sobretudo os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem, sem revolta, e defendam convencidos o regime social vigente. Nesta função o Estado assume o papel de pedagogo, principalmente das classes *primárias do povo*. Objetivando preservar e formar novos operários suficientemente instruídos para adentrar no complexo sistema industrial.²⁵⁵

Seguindo sua exposição no item 42 – *A educação idólatra* nos alerta que a principal fonte para preservação deste tipo de educação disciplinar é o *preconceito*. As instituições pedagógicas utilizam do mesmo processo usado para formação dos soldados, em que estes vão gravando, repetindo, “*sem demonstrações ou com argumentos falsos, certas idéias capitais, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças dos adolescentes, dos adultos*”²⁵⁶, teoremas e idéias que ao pouco se tornam em verdades indiscutíveis, ou no dizer de Oiticica “*perfeitos ídolos subjetivos*”. Uma idolatria política objetivando a deformação da mentalidade, o cessar do raciocínio, favorecendo o entregar-se dos sujeitos à indústria e a passividade social.

Essa idolatria embute no espírito infantil os chamados deveres cívico, obediência às leis, obediência aos superiores hierárquicos, reconhecimento da propriedade particular, intangibilidade dos direitos adquiridos, amor da pátria até o sacrifício da vida, culto à bandeira, exercício de voto, necessidade dos parlamentos, tribunais, força armada, etc, etc.²⁵⁷

Aspectos viciadores, cultos de adoração ocorrendo constantemente, repetitivamente, impedindo o observar e pensar das coisas e do mundo que rodeia o indivíduo, a preocupação com o ensino primário, com a formação das crianças tendo o Estado como agente pedagogo, atraindo sua audiência através de escolas gratuitas, que Proudhon, formulador do signo anarquismo, já rejeitava “*gratuito! Quereis dizer pago pelo Estado. Ora, quem pagará o Estado? O Povo. Portanto, o ensino não é*

²⁵⁵ Conferir em OITICICA, J. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, 2º ed. – São Paulo; Econômica, 1983. p. 30

²⁵⁶ *Idem*

²⁵⁷ *Idem*

gratuito”²⁵⁸. Encerrando seus questionamentos a educação vigente, descrita em sua doutrina anarquista, Oiticica reclama em seu ponto 43, o *Mestre-escola*, sujeito preparado, capacitado pelo Estado para implantar suas vontades nas crianças que “*tudo aceita sem raciocinar*”, visando a conquista e o controle pedagógico sobre estas com consideráveis investimentos na instalação do ensino primário gratuito, garantindo assim, que os seus desafetos, principalmente os anarquistas, não tenham sucessos com suas escolas revolucionárias.. o mestre–escola é o interesse do sistema em funcionamento, como nos diz Oiticica:

inculcador oficial é o **mestre-escola**, o professor primário. È ele o embutidor do código moral forjado pelos possuidores para manter na obediência inconsciente o povo produtor.²⁵⁹

Em 1919, quando fundou e dirigiu, junto a Astrojildo Pereira, o semanário *Spártacus*, jornal que era vigiado pelas forças policiais e questionado pela imprensa oficial, assina e publica artigo intitulado *Astralizando*, em que usando de ironia conjunta a pitadas anticlericais lança oposição ao sr. Luiz Mattos, proprietário do jornal carioca *A Razão*. Mattos seguidor das doutrinas cristã e espírita é satirizado pelo libertário ao fabular diálogo daquele diretor com diversos espíritos: padre Vieira, São José, Leão XIII, Camilo Castelo Branco, Camões e o general Pinheiro Machado.

Naquela época Mattos, militante religioso, questionava os anarquistas e reclamava o cancelamento do jornal anarquista *Spártacus*, dizendo ser este um órgão caluniador que denunciava aos trabalhadores *A Razão* por ter interesse nos trabalhadores apenas como seus novos leitores como consumidores. Naquele tempo o jornal cedia duas de suas páginas para publicação de artigos destinados a classe operária, inclusive tendo assinado um artigo o militante anarquista Florentino de Carvalho, que por achar o texto militante, Mattos o afastou de sua imprensa.

Entre os elementos responsáveis pela publicação do jornal anarquista e a sua propagação ideológica, em conversação com os espíritos Mattos referencia a um como principal alvo de seus desaforos “*Um sujeitinho, pago pelo Estado, parasita do Estado, professor do Estado*”²⁶⁰. Certamente se refere ao professor do Colégio Pedro II, o autor do artigo apresenta-se então como o grande incomodo, perturbador, a pedra no sapato

²⁵⁸ PROUDHON, P. - J. *Solution du problème social* (1847) – apud LIPIANSKY, E.- M. *A pedagogia libertária* – São Paulo; Imaginário, 1999. p.23

²⁵⁹ *Idem.*

²⁶⁰ OITICICA, J. *Astralizando - Spártacus*, nº 7 - Rio de Janeiro, 13.09.1919.

do sr. Luiz Mattos, certamente as críticas do diretor de *A Razão*, acusa o mestre colocando sua filosofia política contrária a existência e permanência do Estado e em contradição de sua prática, por prestar seus serviços ao Estado e receber pagamento deste. Em sua defesa, Oiticica utiliza-se do espírito de Camilo Castelo Branco, atuando como seu defensor:

Esse professor, meu caro irmão, não é parasita. Nem todos os funcionários do Estado são parasitas; muitos até são proletários. Esse professor conquistou, por concurso, a cadeira oferecida ao que melhores provas desse de sua competência. Esse professor dá nove aulas por semana a turmas de quarenta alunos, recebendo por isso quinhentos mil réis, ordenado que teria lecionando fora a turmas muito menores. Esse professor, desde que exerce o cargo jamais faltou, embora a lei abone tres faltas mensais. Esse professor corrige diariamente, em casa, dezenas de exercícios, gastando sempre uma a duas horas diárias. Esse professor se orgulha de manter sua numerosa família exclusivamente com o seu trabalho, um trabalho exaustivo de dez, onze e doze horas quotidianas. Esse professor pode documentar sua receita e sua despêsa e não tem um centil em bancos ou em giro; é pobre como qualquer pobre. Não arranjou fortuna, não vive de rendimentos, não explora a imbecilidade alheia. Acho bom, sr. Mattos, não se meter com éle, que não tem rabo de palha...”²⁶¹

Neste artigo Oiticica expõe-se, sua privacidade, sua atuação como professor, lança-se ao público, defende-se utilizando seu viver, o não envolvimento corrupto com as artimanhas do Estado e seu compromisso e credibilidade junto à instituição e aos alunos são os artifícios para a crítica defensiva de Oiticica àquele senhor que lhe ‘atacava’, tal como na expressão de Elseé Reclus “é pelo caráter pessoal que se faz a verdadeira propaganda”.

Em edição posterior de *Spártacus*, em artigo com título “*Não há meio*”, nosso protagonista avalia conferência de Manuel Bonfim, realizada em data comemorativa ao aniversário ao assassinio de Francisco Ferrer, em que o conferencista reivindica junto aos trabalhadores um programa de instrução popular. O professor Bonfim aponta dois aspectos favoráveis aos trabalhadores: 1º vantagem nas reclamações operárias, sendo orientadora para organizar e congregar, nos mesmos objetivos; e 2º a reserva de trabalho, criação e não criatura deste. Acreditando que a verdadeira justiça só ocorrerá quando o trabalhador tiver a intervenção definitiva na organização produtiva.

O ponto negativo, para o conferencista, é que para alcançar essa direção, torna-se necessário aos trabalhadores possuírem capacidade técnica que infelizmente se

²⁶¹ *Idem.*

encontram junto aos capitalistas, que são os responsáveis pelos seus pagamentos. Conclui afirmando que os trabalhadores militantes devem reclamar, reivindicar, imediatamente, a instrução técnica e popular, para que assim possa haver uma renovação social favorável aos trabalhadores, estando aptos a dirigirem fábricas, lavouras, entre outras.²⁶²

Oiticica ao iniciar suas observações e comentários sobre esta conferência mostra-se, inicialmente, favorável as palavras de Manoel Bonfim, afirmando ser uma discussão constante nos meios anarquistas, naquele tempo, a urgência do preparo técnico do proletariado, segue apresentando essa necessidade, citando a Rússia como exemplo, para mostrar seu concorde como o professor Bonfim e para iniciar suas críticas, já que aquele país sendo bastante atrasado no setor industrial teve a necessidade da solicitação de técnicos que foram pagos com salários elevados, vindos da Alemanha e da Suíça.

O que Oiticica questiona é que se os trabalhadores russos no período czarista, se estes se lembrassem de exigir instrução pública e mesma a instrução técnica, há o problema de que antes disso eles nem mesmo haviam alcançado a liberdade de pensamento, e entusiasmado com a revolução que ocorria naquelas terras lança pergunta ao conferencista: quando conseguiram a cobiçada instrução técnica? E ainda, comparando os alcances das conquistas maximalistas questiona: quando alcançariam à direção da produção?

O pedido reivindicatório de Bonfim também é interrogado pelo catedrático do Pedro II, para quem reivindicar essa instrução ao Estado e aos patrões? E se o Estado cedesse a tal proposta?

Suponhamos, para argumentar, que o Estado cede e vota um crédito soberbo para escolas primárias e profissionais.

Poder-se-ia obter qualquer vantagem si o govêrno se abaixasse a confiar ao populacho, á canalha, a organização dessas escolas, os programas de ensino, a escolha dos professores.²⁶³

Ao analisar o capitalismo de maneira universal encontra impossibilidades maiores para Bonfim conquistar seu apontamento reivindicatório, descrevendo em seguida quais os motivos da impossibilidade de escolas técnicas gerando propostas pedagógicas visando à participação direta dos trabalhadores em seus locais de trabalho:

²⁶² OITICICA, J. Não há meio – *Spártacus*, nº 12 – Rio de Janeiro, 18.10.1919.

²⁶³ *Idem*.

Não. A instrução pública e profissional é monopólio do burguês. Ele arranca do trabalhador o dinheiro necessário à manutenção da escola, mas declara peremptoriamente: “Quem te ensina sou eu. Terás a educação e a instrução que me convier. Preciso de oficiais peritos, por isso tenho escolas profissionais. Preciso de engenheiros, médicos professores e por isso tenho escolas superiores para os meus filhos que se quiserem aburguesar, defender os nossos interesses, ser dos nossos. Esta última concessão te faço porque me forçaste a isso com várias revoluções; entre elas a revolução francesa, mas estou disposto a não ceder mais nada.

Segue o texto mencionando a escola, o ensino oferecido aos trabalhadores como instituições de controle, visando a proteção do capital, para moldar a massa com os instrumentos injetados nas escolas:

Aprenderás, na minha escola, a obedecer aos teus superiores, a respeitar, como dogma, a propriedade particular, a reconhecer meu capital como intangível, embora eu o tenha obtido roubando ou jogando. Para refrear teus assomos de revolta e impedir que abras os olhos muito abertos mantenho ou patrocino a educação religiosa. Por ela aprenderás a conhecer Deus e os mandamentos em que o pecado, punível com o inferno, tocar, de leve, no meu capital e desobedecer as minhas ordens. Mantenho ainda, nas minhas escolas, a instrução moral e cívica, para te fazer bom cidadão, cumpridor dos teus deveres, resignado, observador das leis que eu mesmo faço em meu proveito para te explorar a gosto. Si tugires e mugires, toco o telefone e logo movimento milhares de irmãos teus, ignorantes e inconscientes como tu, armados de chanfallo e mosquetão e prontos a te assassinar na praça pública, a te encarcerar na detenção e a te expulsar si fôres estrangeiro. Serve-te assim? Si não serve é a mesma cousa. A canalha só tem uma função: submeter-se”. E o meio de sair disso?

Que valerá, para o amanhã sonhado, essa educação capitalista que não passa do ofício, do catecismo e dos livrecos de moral burguesa?

Os trabalhadores querem a instrução técnica superior, porque a técnica inferior são eles os que a têm. Mas a burguesia não permite a ascensão do obreiro à técnica superior sinão emburguesando-o, absorvendo-o, assimilando-o à sua casta.

A passividade resultada pela obediência exercida na escola nas diversas instituições sociais implantadas visando assim o controle social e a organização capital serviram como forças para as reflexões e comportamentos inquietantes do anarquista José Oiticica, sentindo-se muitas vezes incomodado pelo conformismo e a aceitação pacífica dos indivíduos, levando-o a tempos depois, em que ao não negar a necessidade da obediência, mas a necessidade de avaliar o que é e o que deve ser, apresentando as divergências da interpretação desta. Em uma primeira condição a obediência é posta por mandões, chefes, indivíduos que prescrevem, que ordenam. A segunda condição que

esboça é a que define como *confiança*, do dirigido no dirigente, do manipulado no manipulador, confiar em seu auxílio, em sua cooperatividade e basicamente em sua moral. A terceira condição é a liberdade daquele que obedece:

Se minha confiança no mestre, no médico, no instrutor, nos legisladores, foi decepcionada, se verifiquei a incompetência de um, a má-fé e o inescrupulo de outros, patentíssimo é que, longe de dever obediência, minha virtude, está na desobediência, na rebeldia.²⁶⁴

Seguido de exemplos Oiticica vê a condição da obediência como um agente conservador a preservar a produção industrial e a manutenção das forças militares, depois afirmará que a obediência somente tem sentido de ser exercida quando for favorável e trazer vantagens para a comunidade caso contrário se o exercício de obediência favorecer um pequeno grupo ao apenas um indivíduo, deve ser vista como crime. No encerrar de seu artigo, indaga aos jovens em relação as escolas:

olhem para os colégios do Brasil! Os pobres estudantes **hão de obedecer**. Dão-lhes professores quaisquer, e eles têm de sujeitar-se a ouvi-los e atura-los. Não podem eles escolher outro professor! Quando chegará o dia em que terá o estudante plena liberdade de não suportar professores negativos? Quando chegará o dia de poderem recusar-se os cidadãos à ordem de matar? Quando chegará o dia de recusar obediência a quanto tiranete encharca a sociedade em nome da **lei, do regulamento, da disciplina?**²⁶⁵

Como temos visto a vivência pedagógica de José Oiticica nos vários espaços que contribuiu com seu extenso conhecimento seja nos sindicatos e espaços anarquistas, junto a sua contribuição nessa imprensa; seja nas escolas oficiais como o Colégio Pedro II, a Escola Normal, a Universidade do Distrito Federal, ou mesmo nos relacionamentos intelectuais com seus pares, o professor apresenta-se totalmente oposto, contrário ao educador tradicional, responsável pelo ensino estatal, oficial, religioso, ou seja, o elemento determinante ao projeto de dominação, levando aos alunos absurdos, militarizando as mentes, produtor de “aberrações” em seus sentidos e sentimentos, professores estes que ao mesmo tempo em que são sustentáculos para sociedade capitalista são também vítimas deste mesmo *status quo* em que colabora, tendo sua liberdade emparedada, imóvel graças a ação reacionária dos mentores dos programas de

²⁶⁴ OITICICA, J. Obediência!!! – in: _____ *Ação Direta* – Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 115 – publicado originalmente no jornal anarquista *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 14.07.1946.

²⁶⁵ *Idem*.

ensino com idéias e interesses dominantes transformando a pedagogia num coletivo de “*dogmas para a catequese de inocentes iniciados em fetichismos grosseiros*”²⁶⁶.

Na imprensa oficial o professor anarquista apresenta seus questionamentos e comentários sobre a educação. Como em artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, dissertando sobre problemas no ensino secundário realizado no Colégio Pedro II. Em que entende o plano, o programa de estudos naquela escola modelo recheado de absurdos, entre vários fatores fundamentais daquela instituição, José Oiticica, aponta dois exemplos, sendo o primeiro sobre o aspecto físico do externato:

1º O edificio do externato, improprio, sem areas de recreio, um forno em certas horas, está plantado, antipedagogicamente, numa das encruzilhadas mais atordoantes da cidade. As salas adjacentes ás ruas Camerino e Floriano Peixoto recebem toda a poeira todo o horrivel barulhao de carros, carroças, caminhões, bondes e automóveis. As do lado da Prainha, menos desgraçadas, além de caminhões, ouvem continuamente desde o entusiasmo do football da garotada até o ruído de uma serra a vapor e marteladas valentes bem defronte.

Se estivesse em mim, agarraria todo ministro da justiça novo e o forçaria a dar tres aulas seguidas naquelle inferno.

Segue o segundo item, mencionando a situação de professores substitutos que ali lecionam:

2º Os substitutos, além de ganharem menos que os cathedraticos, com o mesmo serviço, não podem tomar parte nas congregações quer dizer, não collaboram nos programmas, não tratam dos seus proprios interesses quando em jogo. É uma situação injusta e o mesmo esforço que os cathedraticos.²⁶⁷

Dois pontos em que apresenta características negativas do notável estabelecimento de ensino. Colégio que teve entre seus catedráticos os maiores nomes das letras, das ciências e da história brasileira como: Silvio Romero, Carlos de Laet, João Ribeiro, Joaquim Manoel de Macedo, entre outros, inclusive mestres vindos da

²⁶⁶ NASCIMENTO, R. H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista* – Rio de Janeiro, Achiamé, 2000. p. 137

²⁶⁷ OITICICA, J. Ensino secundario – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29.04.1922

França²⁶⁸, e tendo entre seus alunos nomes ligados aos filhos da aristocracia nacional, Oiticica em jornal de grande circulação na capital nacional aponta suas falhas e críticas aos que ali lecionam. Prossegue seu artigo adentrando no regime de estudo, descrevendo sobre o conteúdo do aprendizado do aluno, repleta de lacunas nos programas pedagógicas elaborados pelo Estado, causando assim uma má formação intelectual do corpo discente, limitando-os apenas aos estudos elementares. Segundo Nagle, tal situação era decorrente da não existência de instituições especializadas à formação intelectual, filosófica, científica ou literária, apesar de esforços para criação de Faculdades de Filosofia, resultando em um ensino secundário somente informativo²⁶⁹. O descontentamento de Oiticica sobre o vazio de conhecimento que os alunos adquirirão em seu período escolar que

sairão sem saber nada. E a culpa? Dos alumnos? Dos professores? Dos programma?

Dir-se-ia que os dirigentes no Brasil têm de animo incentivar, por todos os meios, a vadiação dos moços. O governo e os paes. Estes acham sempre os programmas difficeis, aquelle acceita os programmas, aliás ainda muito insufficientes, dos professores, mas *protege os alumnos escandalosamente nos exames. Como assim? Andamos tão viciados em questões de ensino que não vemos taes miserias.*²⁷⁰

Oiticica mencionando sua participação em bancas de português para avaliação e aprovação de alunos, reconhecendo esta como bastante benevolente, vendo esta como um conjunto de ações pavorosas, reconhecendo nesta grande prova da decadência do magistério sendo

(...) muito difficil reprovar a quem **não sabe**. (...) Por **mais rigorosos** que desejem ser os examinadores, isto é por mais que tentem **cumprir as ordens do governo**. A de verificar quem sabe ou não sabe a matéria do programma, delle governo, por mais que pensem moralizar esse acto publico, nada conseguirão, porque o próprio governo desmancha com as esquerda o que a direita faz.

E o faz tão doidamente, tão inescrupulosamente que custa crer tenham mãos sensatas composto essa farça.²⁷¹

²⁶⁸ Ver em Needell, J. D. *Belle Époque Tropical* – São Paulo; Companhia das Letras, 1993. p. 77

²⁶⁹ NAGLE, J. A educação na Primeira República – in: *PINHEIRO, P. S. História geral da civilização brasileira* – O Brasil republicano, t. 3, v. 2, 7ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004. p. 259 – 291

²⁷⁰ OITICICA, J. Ensino secundario – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29.04.1922

²⁷¹ *Idem*.

Avaliações que nada avaliam. Questionando os métodos dos exames, medidas em forma de notas, encontra nos programas estatais metodologia absurda, dividindo-as em três classificações, nota má, nota boa e ótima a incoerência em que um milésimo acima da média conceitual má classificar o aluno como bom, ou seja, declara a aprovação do aluno como se este soubesse todo o conteúdo oferecido pelos mestres.

Repare nisto: o governo admite um programma, impõe esse programma ao estudante, para que o estude todo, obrigando os lentes, sob penna de descontos em folha, a dar todas as aulas, a lançar em diários a materia dada, facilitando a fiscalização do director. Depois manda o alumno a exame. Selecciona rigorosamente a banca examinadora, impedindo figure nella professor que haja leccionado a disciplina durante o anno. Manda que os examinadores examinem todo o programma e naturalmente... cumpram o seu dever. Mas ao estudante, cochicha-lhe ao ouvido: ‘Não te importes, o meu programma é para inglez ver; basta que saibas **um terço** do que exijo e passarás’.

Mauricio Tragtemberg, em época muito posterior aos fatos até então mencionados, publica artigo intitulado *A delinqüência acadêmica* editado em opúsculo homônimo²⁷², em que expõe o delinqüente acadêmico tendo como prática o exercício da troca do poder da razão pela razão do poder, segregando fazer de pensar, em que os fins formativos são lançados ao esquecimento, a criação do conhecimento e sua reprodução dão lugar á maquina burocrática, um cenário de vigiar e punir, tornando as instituições responsáveis pela transmissão de conhecimento em verdadeiros cemitérios de vivos. Oiticica parece ter antecipado a Tragtemberg, pois desde a década de 1910 reconhece a função do professor como mero agente reprodutor do Estado, assim como seu companheiro libertário Florentino de Carvalho ao perceber o professor como elemento contraditório, sendo ao mesmo tempo instrumento da reprodução, segundo os preceitos de dominação, conservando nas mentes joviais os conceitos e valores da classe dominante e por outro lado sendo as principais vítimas desta mesma classe a que serviam.

A rebeldia ácrata de Oiticica parece o manter distante da postura servil da maior parte do quadro de professores, segundo relato de Roberto das Neves, em que ao apontar o mestre como incorruptível e exemplar, tendo como uma de suas

²⁷² TRAGTEMBERG, M. *A delinqüência acadêmica: o poder do saber e o saber sem poder* – São Paulo; Rumo, 1979. O artigo *A delinqüência acadêmica*, que aqui utilizamos foi extraído da revista organizada e publicada pelo NU-SOL (Núcleo de Sociabilidade Libertária) – *Verve*, n ° 2 – São Paulo; PUC, 2002. p. 175 – 183.

características nunca ter se curvado diante de influências ou programas, discorre em defesa de Oiticica através de exemplo ocorrido no Colégio Pedro II:

Um dia, tendo diante dos olhos uma prova cheia de erros, não vacilou: sem pensar em quem era o aluno ignorante, seu nome e sua filiação, traçou com mão firme a nota justa – zero!

- Mas professor..., trata-se do filho do Presidente da República! – advertiu alguém.

- Pois devia estudar mais, para honrar o nome e a família ilustres que representa. Sinto muito, mas nada posso fazer!²⁷³

Oiticica estava reprovando o filho de Wenceslau Brás, então presidente da república, Neves nos informa também o reconhecimento do presidente após esclarecimento sobre a reprova do filho, homenageando o professor, através do diretor Carlos Laet, em seguida.

²⁷³ NEVES, R. das, José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro; Germinal, 1970. p. 14

Conclusão

José Oiticica, destacado militante anarquista, respeitável intelectual, dedicado pedagogo, grão-mestre rosicruciano, insaciável leitor, deixou sua presença histórica registradas nos panfletos cartazes e jornais que informavam suas palestras, conferências, cursos, aulas, em que sua oralidade acompanhou a memória de seus ouvintes, fortalecida ainda nos seus vários artigos estampados nos jornais anarquistas e na grande imprensa carioca, e nos textos memorialistas e nas recentes pesquisas acadêmicas, nos levam as suas reflexões, concepções, argumentações, interpretações em torno dos vários temas que lhe interessavam e, que acreditava, poderiam servir como instrumentos para a reflexão de seus leitores e a emancipação dos mesmos.

Sua formação intelectual acadêmica e seu autodidatismo foram diluídos e solidarizados com aqueles que não tinham acesso as formas educacionais e intelectuais formais. As alternativas anarquistas na criação de seus espaços sejam eles físicos e imóveis (Centro de Estudos Sociais, Centros de Cultura Social, Sindicatos, etc.) ou móveis como nos jornais buscavam a formação de uma mentalidade libertária visando uma organização social igualitária.

Ao encerrar o texto aqui escrito, notamos em José Oiticica sua preocupação particular sobre o indivíduo, buscando compreendê-lo, seja através da religião ou das teorias científicas e a relação das individualidades na formação coletiva através da produção e de sua distribuição levaram a intensas leituras e destas através de suas reflexões interpretá-las e relacioná-las com o cotidiano vivenciado.

Ao finalizar aqui o texto espero ter exposto as particularidades de suas vivências e reflexões situando as possibilidades libertárias nos diversos temas por ele abordado, seu questionamento e valorização da ciência, ou seja, do conhecimento científico como instrumento para a formação de mentes lúcidas e ligadas a sua realidade, ou seja, o mundo do trabalho e a produção não apenas como forma de sustentação do capital, mas como a construção e manutenção de uma sociedade ácrata, mentes livres e vida igualitária, assim como o conhecimento esotérico como forma da formação ética e resposta para os problemas existenciais.

Sua colaboração no pensamento social, visando não apenas reforçar os questionamentos das lutas e reivindicações do proletariado, mas também visando

sensibilizar as classes “previligiadas” em suas reclamações e aproximá-las das lutas sociais dos trabalhadores.

Um pensamento singular em meio a uma sociedade hierárquica, que ostentava a preservação e manutenção do capital, as manifestações intelectuais de José Oiticica objetivavam a livre existência e livre associação dos indivíduos. Nos dias atuais, que vivemos sob a doutrina do pensamento único, ou seja, um pensar limitado aos mecanismos mediáticos com suas propagações de comportar-se, agir e pensar de maneira semelhante, um universo em que o não concordar e negado, nos leva a interpretar e questionar as reflexões, interpretações e experimentações de um personagem como José Oiticica sobre as possibilidades dos pensamentos e existências singulares e suas práticas, possibilidades e alternativas diante ao coletivo.

BIBLIOGRAFIA

Textos de José Oiticica

Fontes Primárias

Jornais

Correio da Manhã - Rio de Janeiro (1921 – 1923)

Alcoolismo – 16.07.1921

Esperanças – 23.07.1921

Os Canaes – 30.07.1921

A Revisão – 06.08.1921

Finanças – 13.08.1921

Maldito – 20.08.1921

Ouro e Papel – 27.08.1921

Disciplina – 03.09.1921

Não Emitir – 10.09.1921

Um Achado – 24.09.1921

O Tribunal – 01.10.1921

Um Poeta – 08.10.1921

Um Exemplo – 15.10.1921

A Plataforma – 22.10.1921

Viriato Corrêa – 29.10.1921

O Remédio – 05.11.1921

Complicadores – 12.11.1921

No Passado – 19.11.1921

Incoherencias – 26.11.1921

Culto a Forma – 03.12.1921

Commentando – 10.12.1921

Continuando – 17.12.1921

Tramando – 24.12.1921

A Trama – 31.12.1921

Em Washington – 07.01.1922

Ainda a Força – 14.01.1922
Rito Pagão – 21.01.1922
Poincaré – 28.01.1922
Poincaré II – 04.02.1922
Bancos – 11.02.1922
Um Livro – 18.02.1922
Idéias Sãs – 25.02.1922
Peso Morto – 11.03.1922
Dictaduras – 18.03.1922
Oito Horas – 25.03.1922
Nestor Victor – 01.04.1922
A Defesa – 08.04.1922
Mais Emissões – 22.04.1921
Ensino Secundário – 29.04.1922
Crueldades – 06.05.1922
A Lâmpada Velada – 13.05.1922
Ortographia – 20.05.1922
Esclarecendo – 27.05.1922
Felizes Bandidos – 03.06.1922
Prova Real – 10.06.1922
Quosque – 17.06.1922
Que Regimen! – 24.06.1922
Democracia – 01.07.1922
Conseqüências – 08.07.1922
Pela Musica – 22.07.1922
Outras Variações sobre Pascal – 29.07.1922
Moral Prática – 05.08.1922
Poetas – 12.08.1922
Pela Paz – 19.08.1922
Um Plano – 26.08.1922
Burrinha – 02.09.1922
Luz Mediterrânea – 16.09.1922
A Margem de um Livro – 23.10.1922
Leis Burladas – 30.09.1922

Estudos Dialectaes – 07.10.1922
Simptomas – 14.10.1922
A Tuberculose – 21.10.1922
Mendubi – 28.10.1922
Em Marcha – 04.11.1922
O Lloyd – 02.12.1922
Insistindo – 09.12.1922
Exames – 16.12.1922
Mais uma Burla – 23.12.1922

Na Barricada Rio de Janeiro (1915)

Viva, pois, a Alemanha - Rio de Janeiro, nº 11 - 19 de Agosto de 1915.

As Causas do Crime: *Carta aberta ao dr. Silva Marques* - Rio de Janeiro, nº 13 - 02 de Setembro de 1915.

Segunda carta ao dr. Silva Marques, nº 15 - 16 de setembro de 1915.

Terceira carta ao dr. Silva Marques, nº 16 - 23 de setembro de 1915.

Quarta carta ao dr. Silva Marques, nº 18 - 07 de Outubro de 1915.

Quinta carta ao dr. Silva Marques, nº 19 – 14 de Outubro de 1915

Quinta carta ao dr. Silva Marques, nº 21 – 28 de Outubro de 1915

Spártacus Rio de Janeiro (1919)

Spártacus, nº 1 – 02/08/1919

Mal estar, nº 2 – 09/08/1919

Princípios e fins, nº 3 – 16/08/1919

Previsões prática, nº 4 – 23/08/1919

Aos remadores, nº 5 – 30/08/1919

A conferência, nº 6 – 06/09/1919

Astralizando, nº 7 – 13/09/1919

Vão confessando... nº 8 – 20/09/1919

No céu, nº 9 – 27/09/1919

Ainda a farça, nº 10 – 04/10/1919

A expulsão, nº 11 – 11/10/1919

Não há meio, nº 12 – 18/10/1919
O projeto, nº 13 – 25/10/1919
Registrando, nº 14 – 01/11/1919
A Revolução russa, nº 15 – 08/11/1919
Quinze de novembro, nº 16 – 15/11/1919
O que são, nº 19 – 06/12/1919
Peor a emenda... nº 20 – 13/12/1919
Também proletários... nº 23 – 03/01/1920
Eloqüente, nº 24 – 10/01/19

Livros

OITICICA, J. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, 2º ed. – São Paulo; Econômica, 1983

_____ *Ação Direta* – Rio de Janeiro; Gerninal, 1970 (organização Roberto das Neves)

_____ *Curso de literatura* – Rio de Janeiro; Gerninal, 1960.

_____ *Manual de estilo*, 7º ed. – Rio de Janeiro; Editora Paulo de Azevedo, 1954

Livros, teses e artigos sobre José Oiticica

FIGUEIRA, C. A. R. *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista* – São Paulo; PUC, tese de doutoramento em educação, 2008.

KAMEL, D. J. N. *José Oiticica: um anarquista brasileiro* – Rio de Janeiro; UFRJ, dissertação de mestrado em História Social, 1997.

NEVES, R. das *José Oiticica: Um anarquista exemplar e uma figura impar na história do Brasil* – in: OITICICA, J. *Ação Direta* – Rio de Janeiro, 1970. p. 7 – 39

NEVES, Roberto das *Biografia Dêste Livro* – in: OITICICA, J. *Curso de Literatura* – Rio de Janeiro; Gerninal, 1960. (p. 05-12)

PRADO, A. A. Elucubrações dramáticas do professor Oiticica” – in: _____
Trincheira, palco e letras – São Paulo; Cosac & Naify, 2004. p. 153

RODRIGUES, E. José Oiticica – em: *Os libertários* – Rio de Janeiro; VJR, 1993. p. 33 – 66.

SAMIS, A. Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos - em: FERREIRA, J. & REIS FILHO, D. A. *A formação das tradições (1889-1945)* – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2007. p. 89 - 111

_____ & LOPES, M. José Oiticica: notícias de um professor libertário – em: *Letralivre*, n. 49 – Rio de Janeiro; Achiamé, 2008. p. 31 – 42.

VENTURA, T. Nem Barbárie, Nem Civilização Annablume – São Paulo, 2006.

Entrevista

Sônia Oiticica realizado na tarde de terça-feira do dia 16 de janeiro de 2007. Contando com a presença presentes para neste encontro Renato L. Lauris Jr., Sérgio Norte e Marcolino Jeremias.

Livros e artigos: bibliografia geral

ADDOR, C. A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*, 2º ed. Rio de Janeiro; Achiamé, 2002.

AVELINO, N. *Anarquistas: ética e antologia de existências*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

AZEVEDO, R. de . *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927 – 1937)*, São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

BAKUNIN, M. A. *Deus e o Estado* – São Paulo; Imaginário, 2000.

_____. *Socialismo e liberdade* – São Paulo; Luta Libertária, 200(?).

BANDEIRA, M., MELO, C. & ANDRADE, A. T. *O ano vermelho*, 2º ed. – São Paulo; Brasiliense, 1980.

BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto*, 6º ed. – Rio de Janeiro; José Olympio, 1981.

- BARSKY, R. F. *Noam Chomsky: a vida de um dissidente* – São Paulo; Conrad, 2004.
- BAYER, O. *Anarquistas expropriadores* – São Paulo; Luta Libertária, 2004.
- BERTUCCI, L. M. *Saúde: arma revolucionária* – Campinas; Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, O. *Combates e batalhas: memórias*, 1º v. – São Paulo; Alfa-Omega, 1978.
- CARVALHO, J. M. *Os bestializados* – São Paulo; Companhia das Letras, 1987.
- CHACON, V. *Historia das idéias socialistas no Brasil* – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1965.
- _____ *Da Escola do Recife ao Código Civil* – Rio de Janeiro; Organizações Simões, 1969.
- CHOMSKY, N. *Notas sobre o anarquismo* – São Paulo; Imaginário/Sedição, 2004.
- COLOMBO, E. *Los desconocidos y los olvidados* – Montevideú; Nordan Comunidad, 1999.
- _____ et. al. *História do movimento operário revolucionário* – São Paulo; Imaginário, 2004.
- COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil: Estilos de época: era realista/era de transição*, v. V: pt. 2, 7º ed. – São Paulo; Global, 2004.
- CUBERO, J. Razão, paixão e anarquismo – in: *Libertárias: Rebeldias*, nº 4 – São Paulo; Imaginário, 1998. p. 64 – 68.
- _____ Reflexos da Revolução Russa no Brasil – in: *Libertárias: 80 anos de Revolução Russa*, nº 1 – São Paulo; Imaginário, 1997. (p. 30 – 33)
- _____ *Anarco-sindicalismo no Brasil* – São Paulo; IndexLibrorum Prohibitorum, 2004.
- DELEUZE, G. *Conversações* – Rio de Janeiro; Editora 34, 1992
- DEMINICIS, R. B. & REIS FILHO, D. A. *História do anarquismo no Brasil*, v. 1 – Rio de Janeiro; Mauad X, 2006.

DUARTE, R. H. *A imagem rebelde* – Campinas; Pontes, 1991.

EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu Tempo*, 2º ed. – Rio de Janeiro; Conquista, 1957. v. 1 de 5

ENZENSBERGER, H. M. *O curto verão da anarquia* – São Paulo; Companhia das Letras, 1987.

FEIJÓ, M. C. *Formação política de Astrojildo Pereira (1890 – 1920)* – Belo Horizonte; Oficina de Livros, 1990.

_____ *O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*, 3º ed. – São Paulo; Boitempo, 2001.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, 11º ed. – Rio de Janeiro; Graal, 1995.

_____ *História da sexualidade v. 3: O cuidado de si* – Rio de Janeiro; Graal, 1985.

_____ *A verdade e as formas jurídicas* – Rio de Janeiro, Nau, 1996.

_____ *O que é um autor?* – Alpiarça; Veja Passagens, 1992.

GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes* – São Paulo; Companhia das Letras, 1987.

GOLDMAN, E. *O Individuo e a Sociedade* – Rio de Janeiro; Achiamé, (?).

GOMES, A. M. de C. *A Invenção do Trabalhismo* – Rio de Janeiro; IUPERJ, 1988.

GONÇALVES, A. & SILVA, J. E. *A bibliografia libertária* – São Paulo; Imaginário, 2001.

GRUBACIC, A. *Rumo a um Novo Anarquismo* – São Paulo; Faísca, 2004.

HARDMAN, F. F. *Nem Pátria, Nem Patrão!* – São Paulo; Brasiliense, 1983.

HOBSBAWN, E. J. *A Era dos Extremos* – São Paulo; Companhia das Letras, 1995.

- _____ *Mundos dos Trabalhos* – Rio de Janeiro; Paz & Terra, 1987.
- JEREMIAS, M. et al *Três depoimentos libertários* – Rio de Janeiro; Achiamé, 200(?)
- JOIEUX, M. *Reflexões sobre a Anarquia* – São Paulo; Imaginário, 1999.
- KHOURY, Y. A. Edgar Leuenroth: Uma vida e um arquivo libertários – in: *Revista Brasileira de História*, v. 17, nº 33 – São Paulo; Marco Zero, 1997. p. 112 – 149
- KROPOTKIN, P. *O Estado e seu Papel Histórico* – São Paulo; Imaginário, 2000.
- _____ *A Anarquia, Sua Filosofia, Seu Ideal* – São Paulo; Imaginário, 2000.
- _____ *O humanismo libertário e a ciência moderna* – Rio de Janeiro; Mundo Livre, 1964.
- LEITE, M. L. M. *A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura* – São Paulo; Ática, 1984.
- LEUENROTH, E. *Anarquismo: roteiro de libertação social* – Rio de Janeiro; Mundo Livre, 1963
- LEVI, G. Usos da Biografia – in: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. *Usos e Abusos da História Oral*, 3º ed. – Rio de Janeiro; FGV, 2000. p. 183 – 191
- LIMA BARRETO *Contos & Novelas: Gonzaga de Sá; Clara dos Anjos; Histórias e Sonhos; Contos Reunidos* – Rio de Janeiro; Garnier, 1990.
- LIPIANSKY, E.-M. *A pedagogia libertária* – São Paulo; Imaginário, 1999.
- LOPES, M. *Crônica dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro* – Rio de Janeiro; Achiamé, 200(?)
- LUIZETTO, F. V. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900 – 1920* – São Paulo; Tese de Doutorado; FFLCH/USP, 1984.
- MAZA, F. *Anarco-sindicalistas - A visão dos libertários de ciência e tecnologia* – São Paulo ; PUC, dissertação de mestrado, 1993.

MAKHNO, N. *Revolução contra a Revolução* – São Paulo, Cortez, 1998.

MALATESTA, E. *A Anarquia* – São Paulo; Imaginário, 2000.

_____ *Escritos Revolucionários* – São Paulo; Imaginário, 2000.

_____ *Dois Textos de Maturidade* – Rio de Janeiro; Achiamé, 199(?).

MARTINS, W. *História da inteligência brasileira (1915 -1933)* – São Paulo; Cultrix; Edusp, 1978 (v. VI)

MENDES FRADIQUE *História do Brasil pelo método confuso* – São Paulo; Companhia das Letras, 2004.

MORAES, J. D. de *A trajetória educacional anarquista na primeira república: das escolas aos Centros de Cultura Social* – Campinas; Dissertação de mestrado; Unicamp, 1999.

NAGLE, J. A educação na Primeira República – in: *PINHEIRO, P. S. História geral da civilização brasileira* – O Brasil republicano, t. 3, v. 2, 7º ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

NASCIMENTO, R. H. Z. *Florentino de Carvalho: Pensamento social de um anarquista* – Rio de Janeiro; Achiamé, 2000.

_____ *Indisciplina: experimentos libertários e emergências de saberes anarquistas no Brasil* – São Paulo; PUC/SP: Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Política, 2006.

NEEDEL, J. D. *Belle Époque Tropical* – São Paulo; Companhia das Letras, 1993.

NORTE, S. A. Q. *Bakunin: Sangue, suor e barricadas* – Campinas; Papirus, 1988.

PAIM, A. A Nova Dimensão do Humanismo – in: _____ *História das Idéias Filosóficas no Brasil* – São Paulo; Grijalbo, 1967.

PARIS, R. Biografia e ‘Perfil’ do Movimento Operário – in: *Revista Brasileira de História*, v. 17, nº 33 – São Paulo; Marco Zero, 1997. p. 9 – 31

PIOZZI, P. Construindo a 'Ordem Anárquica': Algumas considerações em torno da doutrina social de Proudhon e Bakunin – in: *Trans/Formação* – Marília; Unesp, 1990.

PRADO, A. A. *Trincheira, palco e letras* – São Paulo; Cosac & Naify, 2004.

RAGO, M. *Entre a História e a Liberdade* – São Paulo; Edunesp, 2001.

RODRIGUES, E. *Novos Rumos* – Rio de Janeiro; Laemmert, s/d.

_____ *Nacionalismo e Cultura Social* - Rio de Janeiro; Laemmert, 1972.

_____ *Socialismo e Sindicalismo no Brasil* – Rio de Janeiro; Laemmert, 1969.

_____ *A Nova Aurora Libertária* – Rio de Janeiro; Achiamé, 1992.

_____ *Os Libertários* – Rio de Janeiro; VJR, 1993.

_____ *O anarquismo na escola, no teatro na poesia* – Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.

_____ *Lembranças incompletas* – Guarujá; Opúsculo Libertário, 2007.

ROMANI, C. A Aventura Anarquista de Oreste Ristori – in: *Revista Brasileira de História*, v. 17, nº 33 – São Paulo; Marco Zero, 1997. p. 150 – 166.

_____ *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista* – São Paulo; Annablume/Fapesp, 2002.

ROMERA VALVERDE, A. J. *Pedagogia Libertária e Autodidatismo* – Campinas; Tese de Doutorado, Unicamp, 1996.

ROMERO, S. *O Brasil Social e outros Estudos Sociológicos* – Brasília; Senado Federal, 2001.

SALLES, I. *Um cadáver ao sol* – Rio de Janeiro; Ediouro, 2005.

SAMIS, A. *Moral Pública e Martírio Privado* – Rio de Janeiro; Achiamé, 1999.

_____ *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil* – São Paulo; Imaginário, 2002.

SAMIS, A. Pavilhão negro sobre pátria oliva – em: COLOMBO, E. et. al. *História do movimento operário revolucionário* – São Paulo; Imaginário, 2004. p. 128 – 129

SHIMIDT, B. M. O Deus do Progresso: A difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República – in: *Revista Brasileira de História*, v. 21. n° 41 – São Paulo; Humanitas, 2001. p. 113 – 126

SILVA, J. E. *O Nascimento da Organização Sindical no Brasil e as Primeiras Lutas Operárias* – Rio de Janeiro; Achiamé, 2000.

SOUZA, W. D. *Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante* – São Paulo; Edunesp, 2000.

TRAGTEMBERG, M. Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária – in: _____ *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*, 2 ed., v. 1 – São Paulo; Cortez, 1982. (p. 91 – 120)

_____ *A delinqüência acadêmica* – in: *Verve*, n° 2 – São Paulo; PUC, 2002. p. 175 – 183

VALLADARERS, E. *Anarquismo e Anticlericalismo* – São Paulo; Imaginário, 2000.

WOODCOCK, G. *Os Grandes Escritos Anarquistas* – Porto Alegre; L&PM, 1981.

_____ *Histórias das Idéias e Movimentos Anarquistas* – Porto Alegre; L&PM, 2002. (2 volumes)